ISABEL,

OU

A HEROINA DE ARAGOM,

POEMA EM SEIS CANTOS,

DE

JOSEPH MARIA DA COSTA E SILVA:

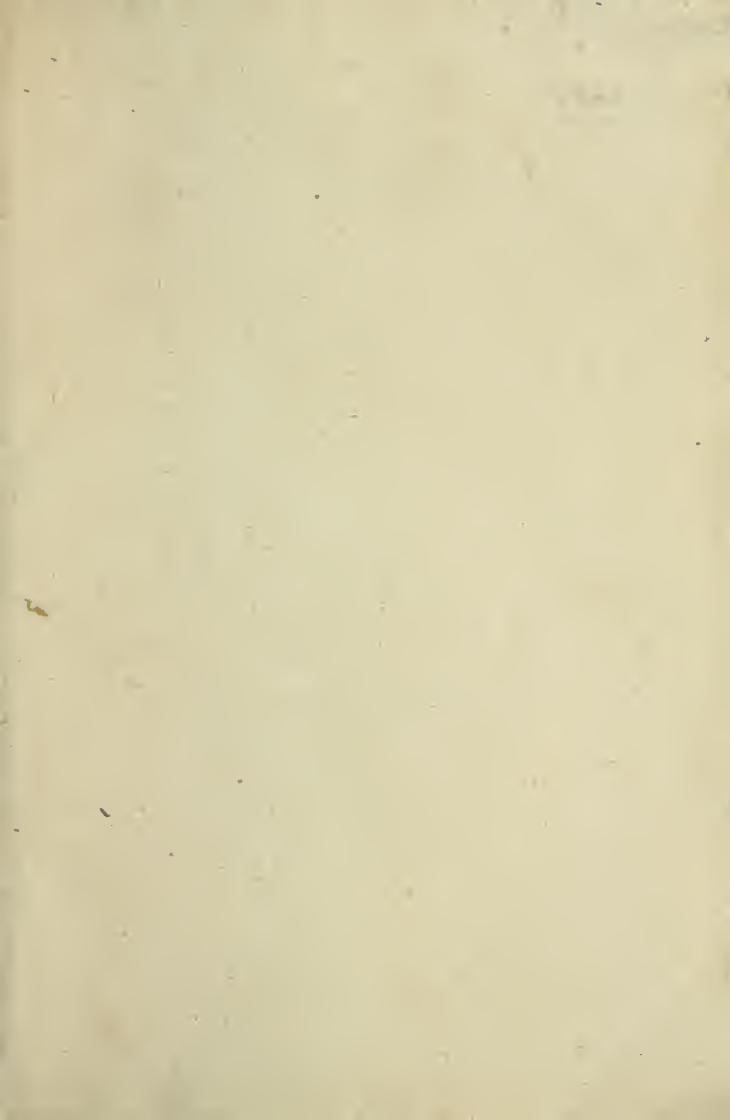
SEGUIDO DE OUTRO

APPELLIDADO

A VISOM,

POEMETO,

DO MESMO AUCTOR.

Preço — 480 réis.

JOSEPH MARIA DA COSTA E SILVA,
Nascido em Lisboa, a 15 de Agosto de 1788.

Que vale a dita provocar com votos?..
Que vale presagiar futuros males?..
Nem bens se apressam, nem retardam damnos,
E torna-se o pensar novo tormento,
Que nos dá novo golpe em cada idea.

Heroi, de Aragam. Cant. 4

ISABEL,

OU

A HEROINA DE ARAGOM,

POEMA

DE

JOSEPH MARIA DA COSTA E SILVA.

LISBOA,

NA IMPRESSÃO REGIA.

1832.

Com Licença.

So shall he strive, in changeful hue,
Field, feast, and combat to renew,
And loves, and arms, and harper's glee,
And all the pomp of chivalry.

Walter Scott. Marm. Cant. V.

PROLOGO.

Ha muito que os Poetas de Hespanha começarom a paraphrasear os seus antigos Romances, mas limitando-se, ao menos nos, que eu tenho visto, a glosar em Coplas regulares cada dois versos dos dictos Romances: o que indica que o principal intuito dos, que se derom a esse trabalho, foi tornar aquellas Composições mais aptas, e acomodadas pera a Musica moderna.

Walter Scott, nos nossos dias, aproveitando, e refundindo as Balladas, e Romances Populares da Escocia, formou delles Poemas engenhosos, e sublimes, que lhe adquirirom larga nomeada na Europa; e na sua Patria o bem merecido titulo de primeiro dos Poetas Inglezes, no presente Seculo, depois de Lord Byron, que polo arrojo de pensamentos, originalidade de inventar, colorido poetico, força de sentir, e viveza de descrever, nom soffre comparaçom. Estes dois Homens devem ser considerados como os Mestres da Escolla Romantica, que tem progredido tanto, que já se propagou pela França, do que dam testimunho bastante as Poesias de Casimiro de Lavigne, Alfredo de Vigni, e Affonso Lamartine.

Hum dos poucos engenhos, que ao presente fazem honra a nossa Poesia, depois de haver seguido as pizadas de Lord Byron em D. Branca, e em Camões, resolvêo proseguir na carreira de Walter Scott, tra-

ctando os nossos Romances como elle tractára os Escocezes: Despendeo (diz elle) largos annos em recolher hum bom número daquellas Composições depositadas, e comservadas na memoria das Ayas, e das Velhas; e he assás para lamentar que só executasse o seu progeto em dois Romances = Bernal Francez, = e Silvana = que deo á luz; e bem que do primeiro nom tirasse todo o partido, que podia, do segundo fez o excellente Poema de Adosinda, cheio de pathetico, de interesse, e de sensibilidade, e a que só a inveja póde recusar louvor, e apreço.

Este Poema me foi apresentado por hum dos poucos amigos, com quem me dava, Moço de não vulgar instrucçom, e muito affeiçoado a este genero de Estudos, instando comigo pera que compozesse alguma cousa neste gosto, e offerecendo-se-me pera ajudar-me na pesquiza dos necessarios Romances.

Não sei si por condescender com o meo amigo, si influido pola Leitura da Adosinda, si polo desejo de provarme nesta espece de Composiçom, ou si per todas estas cousas juntas, lansei mão da empresa, e demos obra a buscar os materiaes para ella.

Entre os Romances, que ambos podemos coligir, o do Conde Galhardo foi o, que por suas situações dramaticas me desafiou mais o desejo de tractalo; porém a predilecçom, que o meo Amigo mostrava pola Heroina de Aragom, fez que eu condescendesse em a compôr primeiro. Ahi a dou agora á luz com o Romance original, pera que os Leitores possão melhor ajuizar do trabalho, que tive com esta Producçom, e dos ornatos, que lhe juntou esse pouco cabedal poetico, com que me dotou a Natureza, e que eu nom pude levar ao grau de polimento, que de-

sejava, sem embargo de haver a esse fim encaminhado os estudos da minha vida inteira.

Nom quero entrar em discussões sobre a preferencia da Poesia Classica, ou Romantica, que hoje formam hum Scisma na Republica Literaria; parece-me, com tudo, que seria bom, que o gosto desta ultima se generalisasse em Portugal, pera livrar os nossos Poetas do miseravel jugo da imitaçom, que ha tantos Seculos tem agorentado os vôos dos mais felices engenhos, fazendo-lhes produsir em vez de Composições originaes, Paraphrases, ou Traducções livres dos Poemas da Antiguidade.

A Poesia deve ser Nacional; e Albuquerque, ou D. João de Castro, trajados á Grega, me parece cousa ridicula, além de absurda; porque o colorido local he o maior lenocinio da Poesia, e a falta delle he o defeito, que mais salta aos olhos em os nossos Poetas antigos; direi mais, si dermos o devido desconto, nos Livros de Cavallarias, que hoje se despresam tanto, havendo tão pouco quem os tenha lido, depararemos mais repetidas, e fieis pinturas dos costumes, e usanças dos nossos maiores, do que nas Epopeias mais gabadas, que se tem impresso em Portuguez. Isto nasce, quanto a mim, de que os Poetas escreviam com a Iliada, ou a Eneada a vista, forcejando por se apropriarem as suas belezas, e os Authores das Chronicas fabulosas, não podendo imitar, nem copiar os Gregos, pintavam, e atribuiam aos Cavalleiros errantes os successos, e opiniões do seu tempo.

A Mythologia he bella nos Poemas de Homero, e de Virgilio; mas será ella admissivel na Poesia das Nações modernas? creio que sim na Poesia Phylosophica, em que o Poeta falla sem interposta Pessoa,

podendo por isso servir-se dos Deoses da Fabula, como symbolos das operações da Natureza, e dando com as descripsões brilhantes, que elles fornecem, amenidade á aridez dos preceitos, e descanso á fadiga das Doutrinas.

Tambem a admitto na Poesia Lyrica, e Pastoril; mas fazer que em hum Poema Epico os Numes do Paganismo entrem em acçom com Heroes Christãos, me parece desacerto, inverosimilhança, e falta de ciso.

O Meravilhoso Christão he grande, e sublime; mas tenho por indecencia emprega-lo em Poemas, cujo assumpto nom seja Religioso. Deos, e os Anjos figuram com toda a magestade no Paraiso de Milton, na Messiada de Klopstock, e no Noé de Bodmer, mas nom será irreverencia misturar objectos Sagrados com os furores de Orlando, com as cavallarias de Rugerio, com as façanhas de Mandricardo, com as desemvolturas de Angelica, e com as aventuras de Marphysa, e dos outros Heróes, e Heroinas dos Poemas de Ariosto, e de Berni?

Mas d'onde tiraremos o meravilhoso da Poesia Romantica? das Tradições, e Superstições populares; da Magia, e das Fadas. Todos os Críticos comfessam que para os Agentes Meravilhosos derramarem interesse em hum Poema he necessario que sejam susceptiveis de paixões. Ora parece-me que neste ponto de vista os Magos, e as Fadas sam iguaes, sinom superiores aos Deoses da Mythologia, sentem como elles o amor, o odio, o temor, a vingança, e todos os mais affectos, que revolvem o peito humano, e mil cousas ha, que, segundo as ideas mais apuradas da Divindade, que reinam no nosso tempo, se nom po-

deriam sem inverosimilhança atribuir aos Numes do Polytheismo, e que tem todo o cabimento nos Magos, que sam puros Homens, e nas Fadas, que ainda que, na opiniom popular, sejam de mais subida natureza, nom participam da Divindade. O poder dos Deoses da Grecia hera limitado; hum nom podia desfazer o, que o outro fizera

> *Neque enim licet irrita cuique*
> *Facta Dei fecisse Deo.*
>
> Ovid.

o poder dos Magos, e das Fadas he só limitado pelo seo grau de saber; desfaz hum as obras do outro, e podem reciprocamente vencer, e ser vencidos, e athe presos, ou por imprudencia sua, ou pola superioridade das artes dos seus inimigos; podem transtornar a marcha da natureza, prever o futuro com maior, ou menor perfeiçom; e quem nom vê que movimento, que variedade de situações, é de successos pode produzir a lucta de taes Agentes? Torna-se ainda mais verosimil a sua admiçom no tecido Epico, por que, sendo os Magos de diferentes Nações, he natural, que trabalhe cada hum delles pola prosperidade da sua Patria, e dos seos Conterraneos.

O celebre Voltaire, no seo Ensaio sobre o Poema Epico, mostra-se muito inimigo da Magia, e censura gravemente o Tasso pola haver admitido no seo Gofredo. Hum Homem, (diz elle) que acaba de ler Loke, e Addisson, nom pode accomodar-se com a leitura de semelhantes contos. Isto, quanto a mim, he dizer, por outros termos, que a Phylosophia, e a Poesia nom sam a mesma cousa, quem o duvída? a Phy-

losophia dirige-se á Rasom, e a Poesia ao coraçom; a Phylosophia quer demonstrar, e comvencer, a Poesia quer mover, e deleitar: huma instrue com raciocinios, e provas; e a outra com as ficções, e os exemplos; e ficçòes por ficções, creio que as da Magia nom valem menos, do que as outras: e hum Homem, que estuda Addisson, e Loke, se tiver imaginaçom, e gosto poetico, se accomodará mais com Armida, e o seo Jardim delicioso, e com a selva encantada de Tasso, que com as intrigas da Discordia, do Fanatismo, e a mais Phantasmagoria alegorico-phylosophica da Henriada de Voltaire. Nom ha Fadas, dirão os Críticos, mas tambem nom ha Jupiter, nem Marte, nem Venus, e esses mesmos Críticos, e Boileau, o mais severo de todos, os admitem nos Poemas Epicos. Quanto aos Magicos, a sua existencia he acredictada em todas as Nações polo Vulgo, e por muita Gente, que nom he Vulgo. Os Codigos Ecclesiasticos, e Seculares fulminam penas contra elles, condemnando huns a Magia como peccado, e punindo-a os outros como delicto civil. Os Tribunaes retumbarom mil vezes com as acuzações da Magia, e nom forom poucas as victimas, que subirom ao cadafalso por este pretendido crime, e será dificil de decedir se hera maior a cegueira dos miseraveis, que se julgavam Magicos, ou a dos Juizes, que os puniam como taes. Esta pagina da Historia das loucuras humanas seria susceptivel de mais de hum Commentario. Finalmente huma Tradiçom popular he pera as ficções poeticas fundamento suficiente: a Magia he huma Tradiçom popular, e os Poetas devem lansar mão della pera as suas invenções, em especial quando se tracta de pintar os costumes, e opiniões da idade media, de que èsta crensa faz parte.

O Author da Adosinda escreveo o seo Poema em Octosylabos livremente rythmados; eu preferi os Hendecasylabos soltos, por me parecer que Versos de medida pequena nom se accomodavam bem com as longas descripsões, que o meo assumpto requeria; e creio que o que dá nova graça aos curtos Cantos de Adosinda, nos Cantos do meo Poema, causára, por mais estensos, cansada, e tediosa monotonía.

Nom dou esta Obra por hum modelo; conheço quanto está longe da perfeiçom, e nenhum Crítico he capaz de julgar-me com menos indulgencia, que eu proprio; mas tenho, que ha nella bellezas suficientes para tornar agradavel a sua Leitura; e que para certa ordem de Pessoas nom será pequena recomendaçom, o nom achar nella cousa, de que os bons Costumes possam, nem levemente offender-se.

ROMANCE ORIGINAL.

PARTE I.

— Já se apergoam as guerras
— Lá nos Campos de Aragão;
— Ai de mim, que já sou velho,
— E guerras me acabarão!

Responde a Filha mais velha
Com toda a resolução;
« Venhão armas, e cavallo,
« Que eu serei Filho Barão.

— Tendes os olhos mui lindos,
— Filha, conhecer-vos-hão.
« Quando passar pela armada
« Porei os olhos no chão.
« Venhão armas, e cavallo,
« Que eu serei Filho Barão.

— Tendes os hombros mui altos,
— Filha, conhecer-vos-hão;
« Sejão as armas pezadas,
« Que os hombros abaixarão.
« Venhão armas, e cavallo,
« Que eu serei Filho Barão.

— Tendes os peitos mui altos,
— Filha, conhecer-vos-hão;
« Venha cá hum Alfaiate,
« Faça-me justo hum jubão.
« Venhão armas, e cavallo,
« Que eu serei Filho Barão.

— Tendes as mãos pequeninas,
— Filha, conhecer-vos-hão;
« Mete-las-hei n'humas luvas,
« De cumpridas passarão.
« Venhão armas, e cavallo,
« Que eu serei Filho Barão.

— Tendes os pés delicados,
— Filha, conhecer-vos-hão;
« Mete-los-hey n'humas botas,
« Nunca dellas sahirão.
« Venhão armas, e cavallo,
« Que eu serei Filho Barão.

PARTE II.

« Senhor Pay, Senhora May,
« Grande dôr de coração,
« Por que os olhos de Dom Marcos
« São de Mulher, d'Homem não.

— Convidai-o vós, meo Filho,
— Para hir comvosco ao Pomar;
— Porque, se elle for Mulher,
— A' maçan se ha de pegar.

Dom Marcos, como discreto,
Huma Lima foi mirar;
« Oh que bella Lima he esta
« Para hum Homem cheirar!
« Lindas maçans para Damas,
« Quem lhas podera levar!

« Senhor Pay, Senhora Mãy,
« Grande dôr de coração,
« Por que os olhos de Dom Marcos
« São de Mulher, d'Homem não.

— Convidai-o vós, meo Filho,
— Que vá comvosco jantar,
— Cadeiras altas, e baixas
— Fazei a meza cercar,
— Por que se elle fôr Mulher
— Nas baixas se ha de sentar.

Dom Marcos, como discreto,
Depois de considerar,
Deixando as cadeiras baixas
A mais alta foi buscar.

« Senhor Pay, Senhora Mãy,
« Grande dôr de coração,
« Por que os olhos de Dom Marcos
« São de Mulher, d'Homem não.

— Convidai-o vós, meo Filho,
— Para hir comvosco feirar,
— Por que, se elle for Mulher,
— A's fitas se ha de pegar.

Dom Marcos, como discreto,
N'huma adaga foi pegar;
= Oh que bella adaga esta
= Para hum Homem brigar!

= Bellas fitas para Damas,
= Quem lhas podera levar!

« Senhor Pay, Senhora Mãy,
« Grande dôr de coração,
« Por que os olhos de Dom Marcos
« São de Mulher, d'Homem não.

— Convidai-o vós, meo Filho,
— Para comvosco nadar,
— Por que se elle for Mulher
— Desculpas vos ha de dar.

Dom Marcos, como discreto,
Se propoz a hir nadar,
E, recebendo huma Carta,
Poz-se a ler, e a chorar.

« Que magoa he essa, Dom Marcos,
« Que infortunio, que aflicção;
« Essas lagrimas te arranca,
« Te lacera o coração!

= Novas me chegão agora,
= Novas de grande pezar,
= De que minha Mãy he morta,
= Meo Pay vai a enterrar.

= Os Sinos da minha Terra
= Parece que ouço dobrar;
= Que duas Irmaãs, que tenho,
= Ouço ao longe lamentar.

= Para servir-lhe de amparo
= Devo ao Castello tornar;
= Monta, monta, Cavalleiro,
= Temos tempo de chegar.

PARTE III.

Partem, chegão ao Castello,
O Pay á Janella estava;
E rindo ao seo Cappitão
Dom Marcos assim fallava.

« Se me quizer namorar,
« Oh tão lindo Cappitão,
« Venha a caza de meo Pai,
« Porem na guerra isso não.

— Oh meo Filho, quem he esse,
— Que vos vem accompanhar?
« He, Senhor, hum Genro vosso,
« Se o quizerdes acceitar.

— Septe annos andou na guerra
— Este meo Filho Barão,
— E ninguem o conheceu
— Senão o seo Cappitão.
= Conheci-o pelos olhos,
= Que por outra couza não.

A HEROINA DE ARAGOM.

CANTO I.

Sobre as fronteiras de Aragom se elleva
Alta montanha, crespa de rochedos;
Nella antigo Castello, coroado
De torreões, e ameias, ameaça
Da planice os pacificos Colonos.
Forra o musgo as muralhas corcomidas,
Que amarellas tornou do Tempo a dextra;
Polas fendas das pedras serpeando
Vam raizes das Heras, cujos ramos,
Quaes tropheos, se debruçam balouçando
Dos ventos a sabôr! obra dos Godos,
Em sua forma anciãa nos traz á idea
Esses tempos feudaes, em que luctando
A civilisaçom já corrompida
Co' a barbarez indomita, exaltadas
Pola Superstiçom, e Amor, as almas
Com heroicas virtudes, negros crimes
Assignalarom paginas de sangue
Na historia d'essas barbaras Idades,
Em que a força hera Ley, Juiz a espada!
De noite em solidom ali se escuta
A gemedora voz do Mocho infesto;
Os sibilos dos ventos, que, rugindo,

Nos echos da montanha se prolongam;
O rumor das torrentes, que baqueam
De rochedo em rochedo, e vam sumir-se
Nos fundos, largos fossos, que atravessa,
Presa em cadeias, levadiça ponte:
Disseras, que das grades, que se encruzam
Nas estreitas, bicudas, longas frestas,
Sahem gemidos de formosas Damas,
Que traiçom, ou ciume ali prendèra;
Disseras, que os assaltos, e as batalhas,
De que foram theatro aquelles sitios
Com estrondo outra vez se representam.
De dia embevecida a vista estende-se
Por espaço sem fim; ora contempla
Pyramides de neve, que scintillam
Da Aurora co' fulgor nos altos picos
Dos arduos alcantís; ora se espraia
Por florestas de omnimodo Arvoredo,
Por cultivados vales, que fecumdam
Tortuosos Ribeiros; por Cidades,
Que ao longe se esvaecem no horisonte
Como as dubias visões de hum ledo sonho,
Que enternecida amante lisongêa!
Neste nobre Solar vivia Affonso,
Cavalleiro, que a flor da verde idade
Nas cruentas batalhas despendèra:
Descendente de Wamba, em cuja dextra
O aguilhom se tornára em Regio Sceptro,
Seos Avós nas Asturicas montanhas
De Pelaio a fortuna accompanharom,
Pugnando por salvar a oppressa Hespanha
Da Maura escravidom, que inda durava;
Digna Prole de Avós taõ generosos,

Mil vezes na Peninsula afrontára
Cáfillas Agarenas; e alem-mares
Fora com o bom Goffredo em Palestina
Alardear valor! tremeo Nicea
Aos duros golpes seos! Solyma o vira
Seos muros expugnar. Do Egypto a Hoste
Viu de seo Chefe a barbara cabeça
Per elle decepada o chãm manchando;
Do Golgotha no cume beijou pio
O trilho, que deixou de hum Deos o sangue;
Entoou no Olivete ao Sol nascente
Do Rey Propheta os Psalmos sonorosos;
Banhou-se do Jordam nas sacras ondas;
Venerou em Bethlem a Lapa sancta,
Em que nascera o Redemptor do Mundo,
E que sabio Hieronimo escolhera
Pera nella morrer! vira do Nhilo
A inundaçom fecunda; e comtemplara
As soberbas Pyramides, debalde
Dos rudes habitantes inquirindo
Que alto motivo os Pharaós movera
A edificar taes fabricas, que os Evos
Insultam, e dam pasmo á nossa idade.
Agora retirado em seo Castello,
Morta a Esposa, seo unico consolo
Trez Filhas sam de sem igual belleza.
Quem as visse no estrado em redor delle
Julgara que as trez Graças, desertando
Dos amenos vergeis de Idalia, e Chypre
Vinham ouvir licções do velho Tempo.

Isabel, que das trez hera a mais velha,
E apenas quatro lustros transposera,
De Palas, qual a pintam Gregos Vates,

O prefeito retracto se mostrava.
Tinha alto, e esbelto o corpo revestido
De força varonil; negros os olhos,
Que das ramosas palpebras despedem
Vivo fulgor, que as almas derretia;
Negro o cabello em ondas se debruça
Polo colo de neve, e eburneos hombros;
Alto, e bem torneado o lindo peito,
Onde turgecem dois formosos globos
Alvos mais do que a neve: imita a boca
Semi-aberto botom de rubra rosa,
De que amavel sorriso a furto escapa.
Forte, e sonora a voz; mas qual podera
Delicado pincel de Albano, ou Guido
Imitar de seo rosto a cor mimosa,
Onde as cecens, e as rosas se comfundem,
Sem que descubra deslumbrada a vista
Onde finda a Cecem, começa à rosa?
Agil com garbo em movimento, e passo,
Os prazeres do Sexo desdenhando,
Tão forte como o Pay movia as armas;
Tão forte como o Pay corsel fogoso
Na patente campina arremessava.
Mil vezes, desparando a seta aguda,
No voo a Garça degolou nos ares;
Mil vezes, o Veado perseguindo,
Primeira a lansa lhe cravou; mil vezes
Alcantis de rochedos atrepando
Foi roubar em seo ninho os Filhos da Aguia.
Theli nenhum Mancebo obteve della
Hum suspiro de amor, mas em seo peito
Palpita hum coraçom a amar propenso.
Assim em negros grãos na funda mina

Preso dormir parece o voraz fogo;
Mas ao contacto de subtil scentelha
De subito se emflamma, e pelos ares
Despedaçadas rochas arremeça,
Treme a terra, e com fumo o Sol se eclypsa!
Comfusa tradiçom de muitos crida,
Duvidada de muitos, divulgava
Que ao nascimento seo a Fada Elphira,
De Donzellas gentis accompanhada,
Benevola assestira, e que, nos braços
Levantando-a rizonha, prophetara
De seos fados á cerca altas venturas.
E, ao desapparecer, a Estancia toda
Com aroma de rosas perfumara.
Hum dia que, baixando, o Sol guiava
O Carro ardente ao cerulo Oceano,
Hora misteriosa, em que se emtranha
Nossa alma em melancholicas ideas,
Fundas meditações, e em que parece
Que, da terra esquecida, se extravia
Por hum vago sem fim, a que chamarom
Sonhos d'Homem desperto antigos Sabios,
Affonso taciturno passeava
Por ampla Sala d'armas, que luziam
Có vermelho clarom do Sol cadente,
Que, por ampla janella, reflectia
Nos brunidos Escudos, e éneos Elmos;
D'espaço a espaço comtemplava absorto
De seos Avos retractos denegridos,
Que as antigas paredes adornavam;
Involuntarias lagrimas cahindo
As venerandas faces lhe corriam,
Como as gotas de orvalho se debruçam

Polo odoroso calyce da Rosa:
Do intimo d'alma rompem-lhe suspiros,
Qual briza, que os Jasmins move serena
Com escasso ruido, e transflorava
Magestoso pesar do Heroe no gesto.
Tal em rochedo sobranceiro á praia
O Caraiba indomito se assenta,
Immobil, d'olhos fixos comtemplando
As Occeaneas ondas, que remugem:
No esquerdo cotovelo inclina o corpo,
Na mão a face; ondea o vento as plumas,
Que a liberrima fronte lhe adereçam,
E a bamba chorda do arco desarmado,
Em que apoia a direita! vendo-o, o creras,
Nom Homem, mas de marmor fria Estatua,
Que o remate de hum Tumulo coroa!
D'Affonso a inquietaçom desvela as Filhas,
Que a seos braços attonitas se arrojam,
E a causa inquirem do pezar, que o punge.
Enternecido o Velho as trez aperta
Sobre o seo coraçom! que amavel grupo
De filial Amor, paterno Afecto
Primores apostando! que alto assumpto
De Buonarrota ao portentoso scopro,
Annimador de marmores! quaò dextro
Em trez rostos gentís, n'hum viril rosto
Faria contrastar assomos d'alma,
Diversos na expressom, na essencia os mesmos!....
Que longe estam os barbaros, que zombam
Dos prodigios das Artes, de sentirem
Essa Poesia d'alma, com que annima
O Bronze, o Cobre, o Marmore o talento
D'inspirados Artistas! Entes brutos,

Que a Terra involuntaria em si sustenta,
Para quem sempre foi fechado Livro
O quadro da fecunda Natureza!
Tem olhos, e nom vem no niveo Lyrio
Mais do que esteril flor, e, ouvidos tendo,
Mais que rumor nas de Mozzart nom ouvem
Divinas consonancias! hes, oh Ouro,
Unico Idolo seo, porque em ti acham
O facil meio de fartar seos Vicios!
Longe, Vulgo profano! hide atolar-vos
Em sordidos prazeres the que a Morte
Vos enserre no Tumulo, e so grave
Despreso, esquecimento em vossas campas!
Longe! que pera vos nom canta o Vate,
Reservam-se de Phebo os dons sagrados
Aos nobres corações, em quem Natura
Porçom depositou do Empyreo fogo,
Que os impelle ao que he terno, ao que he sublime;
Que percebem a energica eloquencia
Da Beleza, e da Dor, e que penetram
Da Solidom os misticos arcanos,
Sam elles, que de flores engrinaldam
De Camões, e Phylinto a sepultura,
E talvez, quando eu pague á morte o feudo,
Os cantos meos repetirão saudosos.

« Filhas (Affonso exclama) oh charas Filhas,
« Porque da minha dor sondaes motivos?
« Porque estranhaes as lagrimas, que verto?
« Que nobre coraçom da Patria os males
« Nom fazem prantear? com son medonho
« A trombeta da guerra abala, atroa
» Os campos de Aragom! Mouros campeam
« Polos seos campos semeando estragos.

« Em defeza da Fé, da Liberdade
« Os Hespanos Heroes ás armas correm,
« Tem por ficto a Victoria, ou Morte honrada!
« Lansaın em roda os olhos, e procuram
« Affonso, que outro tempo os precedia
« Na carreira da gloria; e o bravo Affonso
« Ora o que he? sombra vaã! Aguia ferida,
« Que, moribunda, e fraca, apenas pode
« As azas sacudir, quando quizera,
« Erguida aos Ceos, arremessar-se á preza!
« Lidima heransa de valor guerreiro,
« Que meos claros Avos me transmetirom,
« Qus eu sustentei de tanto sangue a custo
« Nas montanhas de Hesperia derramado,
« Nos campos do Levante, fervoroso
« Pola Fé, pola Patria expondo a vida,
« Que de mim nom passasse aos Ceos approuve!
« Si dos Mayores meos ficto os retractos
« E esses tropheos por elles conquistados,
« Parece-me que os vejo merencorios
« Apontar para mim, dizer — naquelle
— Nosso nome findou — oh magoa! oh pena!
« Embora! a minha morte ao menos digna
« Sera da minha vida!.... eu corro, oh Filhas,
« Da gloria ao campo; adeos! e si o meu braço
« Já nom pode ceifar armadas Hostes,
« Presentando-me affoito aos innemigos,
« Morrendo aos golpes seos, terei cumprido
« Com o que devo a Deos, a mim, e á Patria!

Das Filhas nisto rompe acerbo pranto;
Huma deplora a misera orphandade;
Insta a outra, abraçada aos seos joelhos,
Que do infausto projeto se descarte;

Mas o Velho tenaz em seo conceito,
Rogos regeita, e lagrimas nom ouve.
Assim o Monte Atlante alem das nuvens
De neves coroada a frente eleva,
Nem sente como o Mar em crespas ondas
Lhe assalta as bases rebramindo irado!
« Omnipotente Deos! (prosegue Affonso)
« Porque nom mereci que me outhorgasses
« Hum Filho, em quem surgisse a gloria minha!
« Elle por mim voára aos marcios campos,
« E á sombra de seos Louros poderia
« A minha caduquez dormir tranquilla!....
« Com que gosto, ao partir, lhe apresentara
« O meo lucido escudo, e lhe dissera
« Neste, ou com este voltarás honrado!
« Que triste a sorte de hum Ancião sem filhos!
« Sua infausta existencia he como a Hera
« Que nasce onde nom pode unir-se a hum Tronco,
« Que em vez de no ar ufana estender ramos,
« Pola terra serpea, e sem reparo
« Aos pes a calcam Gados, e Pastores!
Nisto a cabeça encurva, cruza os braços,
E n'hum feixe de lansas se reclina!
Isabel, que theli guardou silencio,
Na idea revolvendo alto projeto,
Com magestoso passo ao Pay caminha,
E com solemne ton assim lhe falla.
— Todo o orgulho dos Pays nos filhos libra,
— De ha muito o sei; o seo afecto inteiro
— Nelles se reconcentra; elles so amam,
— Nelles so vivem! Cargos, Dignidades,
— Titulos, Possessoẽs, Nomes, sam delles!
— N'arvore da Familia inuteis Folhas

— Somos julgadas! Que as desperse o Vento,
— Que o Sol as seque, isso que val? na infancia
— Tenue riso nos dam; crescendo a idade,
— Do Solar desterradas nos enviam
— Buscar estranho nome em casa alheia!
— Homens, que injustos sois! o sangue vosso
— Nom gira em nossas veias? porque o Sexo
— Menoscabaes, a que deveis a vida?
— Somos fracas, dizeis; nossa fraqueza
— Da educaçom, que vos nos daes, dimana.
— Ella nos debilita os membros, ella
— Nos amesquinha o espirito, apagando
— Quasi o fogo celeste, que Natura
— Em nos despoz, e em vos, e que nos Homens
— Procuraes augmentar com todo o esmero.
— Vede os diversos annimaes da Terra,
— Do Sexo a diferença o que influe nelles?
— He mais bravo o Liom que a esposa sua?
— Cede ao Tygre em fereza, em força a Tygre?
— E porque em mim so falle, ha hi Mancebo,
— Que, mais agil do que eu, floree a espada?
— Que mais longe arremesse o dardo, a setta?
— Que mais firme na sella aguentar possa
— Galope do Corsel, da lansa o encontro!
— Filho Barom que mais fizera? a falta
— Delle porque assim choras? de hoje avante
— Filho, e nom filha sou! Cavallo, e armas
— Já se me aprompteṁ, para a guerra eu marcho!
« Tu, Filha! tu á guerra! em trage estranho
« Conhecer-te farão teus lindos olhos!
— Do Elmo a viseira os cobrirá descida,
— E, quando a suba, com fingido enfado
— Torvos os tornarei! Cavallo, e armas

— Já se me aprompteni, para a guerra eu marcho.
« Tens altos hombros, elevado o seio
« Abonos de Mulher darás no talhe!
— Abaixa-los fará do arnez o pezo,
— E, quando me desarme, hum jubom largo
— Forrado de felpudas zibelinas
— O talhe emendará! Cavalo, e armas
— Ja se me aprompten! para a guerra eu marcho!
« Nom, Filha! eu nom consinto que te exponhas
« A voluntario risco. Olhos de Lynce
« Tem amor! pé piqueno, e delicado
« Trahirá teo segredo! » — Em ferreas grevas
— Bruxulea-lo nom pode aguda vista.
— Mais, Senhor, nom te oponhas, nada temas.
— Superior impulso me arrebata,
— Filho Barom eu sou!... da guerra a tuba
— Aos campos da Victoria me convida.
— De teo nobre appellido em mim renascem
— Os antigos brazoes. A idade tua
— Da paz exige o placido remanso.
— Das Filhas tuas desfructando affagos,
— Habita o teo solar, que em breve a Fama
— Com a noticia das proezas minhas
— Te fará confessar que em mim revive
— Teo guerreiro valor! Cavalo, e armas
— Ja se me aprompten, para a guerra eu marcho!
Disse, e subito os muros se estremessem,
Tremem as armas, os retractos tremem
Com son como o dos Ventos quando rompem
De cerrada Floresta as densas Folhas.
Ao colo de Isabel lansando os braços,
Affonso, a quem demove o ledo agouro,
Em vivo enthusiasmo alegre exclama!

« Nom te contrasto mais, varonil Filha,
« Ou Filho, se este nome mais te agrada,
« Vai onde te comvida a voz da Gloria,
« E a de teos Avoengos, que se expressa
« No rumor jubiloso, que escutamos.
« Vai que já me figura a phantasia
« Que do ousado Africano Hostes comfundes,
« Esquadroẽs rompes, e tranqueiras galgas,
« Que por ti de Moncada o nome egregio
« De recente esplendor brilha, e fulgura!
« E de virentes louros adornada
« Volves aos braços meos findada a guerra!
« Minhas tremulas mãos o arnez te emverguem,
« Elvira as grevas, e Thereza o elmo.
« Esta espada te cinjo, que foi sempre
« Companheira fiel em meos trabalhos,
« Co' ella acabei medonhas aventuras,
« E a tingiu vezes mil barbaro sangue.
« Eis este escudo de brunido aceiro;
« Foi do famoso Argante, que em Solyma
« Mais terror nos Cruzados emfundia
« Que os defensores seos, e as torres suas!
« Morreo ás mãos do impavido Tancredo,
« Morto elle quazi, este Agareno Achyles.
« Tancredo o despojou; voltando ao campo,
« De amisade em penhor, deo-me este escudo;
« Sempre o guardei do grande Heroe por honra,
« E, estimulo de esforço, a ti o entrego.
Disse; a Heroina grossa lansa empunha,
E a brande com tal garbo, que poem susto
A Pay, a Irmaãs, e a Servos, que comtemplam
Taõ portentosa scena! assim nos pintam
As Fabulas de antigos Romanceiros

A mui formosa Infanta Alastraxerea,
Que no Castello das calsadas quatro, (*)
Onde entrar pòde por subtil industria,
Arrojando o jubom, armada brilha
Ante os olhos do attonito Gigante;
Com elle, e seos Satelites avança,
E, com morte de todos traz ao dia
Do Carcere, em que geme, a linda Arlanda.
No pateo do Castello, prompto ha muito,
Hum fogoso Corsel, alvo qual neve,
Que a maõ do Inverno no Apenino acama,
Cava o chaõ, curva o colo, orelhas troca,
Relincha, espuma, sem parar n'hum sitio.
Eis que desce Isabel: com ledo rosto
Abraça o Pay, e Irmaãs; as redeas lansa
A' cerviz do Corsel, co' a esquerda as firma,
De crina huma madeixa enrolla ao dedo,
Mete o sinistro pe no estribo, e prompta
De hum pulo vai cahir na sella a prumo.
Recebe de Thereza a grossa lansa,
Esporea o Corsel, transcende a porta,
Treme com o pezo a levadiça ponte,
E a encosta da Montanha airosa desce.
Pay, Irmaãs, e Criados a acompanham
Com vozes quanto he dado ouvir-se as vozes,
Depois polo ar agitam brancos lensos
The que, a larga planice atravessando,
Com rapido galope á vista escapa.

Fim do Canto I.

(*) Veja-se a Chronica de D. Florisel de Niqueas Part. 1.ª

A HEROINA DE ARAGOM.

CANTO II.

Tempo das Fadas, Tempo dos Encantos,
Como as tuas lembranças me recream
Nos Livros, que o casmurro de Cervantes
Ao fogo condemnara por sentensa
De hum Cura impertinente, e de hum Barbeiro,
Taralhom como todos! so podia
De Manchego bestunto, e taes cabeças
Nascer tal despioposito! que Demo
Tentou o Senhor Padre, e o Senhor Mestre
Para assim proscrever taõ guapos Livros
Amplas vertentes de prazer donoso?
Valem mais os de Tacito, e Comines
Recheados de malicia? tem mais preço
Bacamartes juridicos, que ensinam
Da Trapassa os reconditos arcanos?
Que gosto ha hi nos Physicos Romances,
Que explicam como os athomos ganchosos,
Contradançando na estensom do vacuo,
Huns n'outros embrulhados, produsirom

A Terra, o Sol, Estrellas, e Planetas?
Ou como a longa tromba de hum Cometa
No Sol, fogueira eterna, focinhando,
Semeou pelo ar globos em braza
De vidro derretido, que exhalarom
Vapores, que depois, cahindo em chuva,
Lhe apagarom a vasta superfice?
Que affirmam que em volcoes o central fogo
Abriu na codea boqueirões immensos,
Onde as agoas ferventes se arrojarom
Mares formando, descobrindo Montes?
Que, o calor dessipado em evos longos,
A Terra se cobriu de arvores, plantas,
De Homens, e de annimaes, e o vasto Occeano
De Peixes, de Mariscos? nom ensina
Melhor, que estes phylosophos delirios,
A origem do Universo a sacra Biblia
Neste verso taò simples, taõ sublime
Creou Deos no principio o Ceo, e a Terra?
Quem pode ler sem tedio, ou somno, ou ira
Mil abstrusos, politicos tractados,
Com que a gente azoada inquieta o Mundo?
Divagar por florestas espinhosas
De subtis Methaphysicas? que emporta
Saber se o Diamante a fogo intenso
Se transforma em carvom? se de dois gazes
Unidos por electrica corrente
A agoa se produz? nom cessem fontes
De a verter, nem os Rios de regarem
A terrea superfice, que isso basta
Dos Homens pera o bem. Quem quizer leia
Esses Livros taò sabios, taò profundos,
Com que já na fervente mocidade

Tanto tempo perdi! tenho passado
Da vida a equinocial; prazer, descanso
Sam os Idolos meos! so me contentam
Imaginosos quadros da Poesia,
Da Musica as suaves consonancias,
Hum Rouxinol cantando em bosque umbroso,
Hum lindo por do Sol, que me recorda
Que ja do meo viver o ocaso chega!
Hirei tirar com desvelado esmero
Das trevas de Monasticas estantes
As Chronicas de andantes Cavalleiros,
Rotas, truncadas, em poeira envoltas,
Em caracteres Gothicos impressas;
Ellas me entreteraõ nas vagas horas
Com vistosos Torneios, ledas Justas,
E aventuras de amor. Verei Gigantes
A' verde espada de Amadis morrendo; (1)
Verei por nova Helena Europa, e Asia (2)
Sobre Constantinopla combaterem
Com heroico furor! embelesar-me
Do sabio Daliarte ham de os prodigios (3)
Os de Alquife, e de Urganda! mas Chymeras (4)
« He tudo » me diraõ; embora o sejam;
E tudo quanto faz da vida o encanto
O que he sinom chymeras? Dignidades
Que sam? chymeras. Titulos? chymeras.
Gloria, e Fama? chymeras: a nobreza?
Chymera inda maior. Essas mentiras

---

(1) Vid. Chron. de Amadis de Gaula.
(2) D. Florisel de Niquea.
(3) Palmeirim de Inglaterra.
(4) Historia da Amadia da Grecia.

Tem mais engenho, mais feitiço, e graça,
Que essoutras, com que a historia matisarom
Hyguera, e Garibay, Laimundo, e Brito!
Sou louco? certo estou que tal nom pensam
Os Modernos Poetas, que em crearem
Huma Poesia Nacional trabalham,
Que acharaõ nesses Livros despresados
Novo meravilhoso, proprio della,
Comsono co' as ideas, e os costumes
Do Vulgo, que cre Fadas, Nigromantes,
E que em Marte nom cre, Mynerva, Juno,
Em Jupiter, em Venus, e os mais Deoses,
Que a Grecia produziu, e adorou Roma!
　　Nom que taõ depravado o gosto eu tenha,
Que desprese de Apollo o carro ardente
Tirado por ignivomos Ethontes,
A concha, em que das ondas Venus surge
De Tritões, e Nereidas circumdada,
Esse Olympo de Homero revolvido
Per todas as Paixoes, que os homens pungem,
Meravilhoso tal quem nom captiva?
Mas o outro he mais geral, e se acomoda
A todas as Naçoes, e ás Crensas todas.
Fadas, e Magos creu o Mundo antigo,
Nosso Seculo cre Magos, e Fadas,
Si ha tradiçom universal he esta.
O Europeo na infancia absorto escuta
Pasmosas narraçoes dos seus prodigios;
Acha-os em sua historia o Musulmano;
O Negro, si lhe falha a sementeira
Em seo clima de fogo, irado acuza
Perfido Encantador, que lha fascina;
N'Asia o Gentio, e nos desertos Mattos

Da America o Selvagem vagabundo
Os receia, os consulta, implora, e teme.
E si o consenso unanime dos Homens
Alguma cousa prova, couza alguma
Mais provada nom vejo, que a existencia
Das Fadas, e dos Magos! firme a creio,
E si inda ha hi quem a duvide, escute
A historia de Isabel, taõ verdadeira
Como a dos doze Paladins da França,
Que Turpim mui-veridico escrevera!
　　Seis dias heram ja que, fatigando
Seo formoso Corsel, a Hespana Heroina
Demandava o Exercito, que perto
Em defesa da Patria se juntava.
Entra afouta em vastissima Floresta
Emmaranhada, e triste! o Sol cadente,
Illuminando as nuvens, parecia
Que rubras labaredas abrasavam
Polo Occidente o Ceo! a luz obliqua,
Penetrando na selva, lhe da visos
De estensa arcada Gothica, sustida
Em columnas de bronze! envolta a Dama
Na immensidom frondosa, alonga os olhos
Avida de sahir do arboreo enredo,
Antes que desça a noite, e em vaõ procura
O lemite do bosque, em vaõ dá preça
Ao ligeiro Cavallo. A Noite desce,
E com manto de trevas tudo esconde.
　　Quem nunca atravessou na escura noite
Descampada Floresta, escassa idea
Faz do medonho aspecto de Natura
No instante, em que he terrivel! ante os olhos
Massas de sombras gigantescas giram,

O rosto açoutam co' estridor das azas
Pipilantes Morcegos; soa ao longe
Do Moucho, e Noitibó funereo guincho,
Sopram Corujas, estremesse a terra
Com o piso dos Javardos, que sedentos
Vam de ribeiro proximo em demanda;
E, si este rumor cessa, mais medonho
Fica o silencio, que escutar so deixa
O som dos passos do Corsel, que avança,
Como seo Dono, timido! na mente
Entaõ assomam lugubres ideas,
Mil casos lastimosos se recordam
De viandantes perdidos; as cruezas
De iniquos salteadores; as funestas
Aparições de Espectros, e as Choreas,
Que em torno tecem de fadados Robles
Torpes Estrias, Trasgos malfazejos;
Tremor involuntario os membros corre,
E os cabellos na fronte se arrepiam.
Do susto os sobresaltos repremindo,
Marcha a Dama, e, depois de longo espaço,
Perde o tino da Selva, e nom conhece
Aonde esta, pera onde vai, e hesita
Sobre o partido, que tomar lhe cumpre.
A toa vagará the que depare
Do Floresteiro a Choça, em que se alvergue?
Ou, prendendo o Cavallo a hum tronco, a Aurora
Esperará que rompa, sobre a relva,
Por cabeceira o escudo, reclinada!
Tal meio mais lhe apraz, mas horror novo
Augmenta o costumado horror nocturno!
Cresce o Vento, e em rajadas sybilantes
Os troncos verga, os ramos despedaça:

De espaço a espaço o Ceo se abrasa em fogo
De medonhos relampagos, que seguem
Os trovões, cujo estrondo representa
Que as Potestades do ar em guerra dura
A machina do Mundo despedaçam.
Eis subito o Corsel começa inquieto
A entonar a cabeça, orelhas hirta,
Sopra, ladeia, e tremulo recuza
De avançar, qual si objecto presentisse
Que lhe excita pavor! espora, e redea
Nom o sopeiam, por fugir trabalha!
Soberba rasom do Homem, quanto cedes
A instincto de Annimaes! de longe aventam,
Sem o ver, que hum contrario se aproxima!
Nom sabe a Dama o que este susto indica,
E, prompta a todo o lanse, a espada empunha.
Eis que por entre as arvores descobre
Luz de hum facho, que, rapida correndo,
Para o sitio, onde esta, se derigia!
Alegra-se que hum Guia achar ja pensa
Que a conduza onde alvergue! assim, perdidos
Ao furor de nocturna tempestade
Vellas, e mastros, e boiando o Lenho
Meio-alagado á descriçom dos mares,
O Nauta esmorecido espera a morte:
Eis que rompe a Manhaã, e perto observa
Conhecida enseada, que lhe abona
Hospedeiro recobro, e lhe deslembra
O presente praser passada angustia.
Ja o facho mais proximo flammeja,
E o Corsel mais se assusta! já se avista
Lindo Anom, cor de rosa aljuba o cobre,
Longas plumas no gorro lhe tremulam,

Grande Leom cavalga, que governa
Com aureas redeas, e empunhava o facho.
« Isabel (elle diz) prompta me segue,
« Para guiar-te eu vim. » Ella assombrada
— E quem hes tu? (pergunta) que conheces
— Quem sou, e o nome meo? — « mais nom me he dado
« Dizer-te; a, que me envia, assim o ordena.
Disse. Ella o segue; em rapido galope
Polo mais intrincado da Floresta
Se entranham the chegar a huma Colina
A cuja falda se abre esconsa gruta,
A quem verde cortina, serpeando,
Forma em tufos de folhas a Labrusca,
Que ao pezo verga dos agrestes cachos.
Apeiam-se, e o Anom aplica aos labios
Busina, que dos hombros lhe pendia
Presa em aurea corrente! eis surgem fora
Duas Nymphas gentis, que as redeas tomam
Ao Cavallo, e ao Leom! precauta a Dama
Receios dessimula, e vai seguindo
O Anom, que com seu facho attento a guia
Pela subterrea estrada! contemplando
As paredes, o tecto, o pavimento
Desta longa Caverna, admira a Dama
O esmero, com que aprove á Natureza
De adereçar esta mansom de trevas.
A agoa empregnada de oxydos diversos,
Que variadas cores lhe transmitem,
Pouco a pouco estilando-se ali forma
Torneadas columnas de Alabastro,
Ricas tapeçarias, lindas flores,
Arvores, que seus ramos longe estendem,
Grinaldas ao desleixo suspendidas,

Pyramides, e assentos, quanto pode
Nos Arabescos seos pincel fecundo
De Raphael traçar! a luz do facho,
Repercutindo ali, aos olhos forma
Magica Scena, que, exaltando a idea,
Arrebata, e deslumbra! oh Natureza!
Quanto hes meravilhosa, quanto hes rica
Nas tuas producções! mas porque escondes
Taes portentos nas sombras, onde raro
Dos Homens chega a vista? nom he digna
Esta de apparecer do Sol aos raios
Vegetaçom marmorea? ou destinaste
Estes lindos Alcaçares aos Genios
Que presidem do Globo á economia,
E os varios Elementos modificam?
Mas teo mistico veo erguer quem pode,
Penetrar teos arcanos? admira-los,
Mas sem os decifrar, so cabe aos Homens!
Nota Isabel que esta comprida estrada,
A maneira de Serpe, que colea,
Em varias direcçoẽs mil voltas forma,
E sempre mais, e mais se inclina, e busca
Da Terra a profundez! eis que começa
A apparecer dubio clarom, que imita
A Aurora, que no extremo do Oriente
Principia a romper, e a ouvir-se ao longe
Doces echos de Musica suave
De concertadas vozes, e instrumentos,
« Onde estamos? » (pergunta) mas o Guia,
Sem nada responder, o facho apaga;
Quanto mais caminhando se adiantam,
Mais a luz, mais a Musica se avivam.
Eis que novo Espectaculo embelesa

Os olhos de Isabel, Salom brilhante
De Architectura Gothica sustido
Em lucidas columnas de Alabastro,
Em cujos quatro extremos avultavam,
Obra de alto primor, Estatuas quatro,
Que Estio, Outono, Inverno, e Primavera
Ao vivo representam! todas de ouro,
De preciosas pedras tachonadas,
Que tão vivo fulgor circumvertiam,
Que, a vastissima Estancia illuminando,
De Phebo supre a luz! o tecto forram
Forram Paredes mil Rosaes vistosos,
Rubis as flores, esmeralda as folhas;
Mosaicado matiz o chão vestia,
No topo se ergue hum Throno em degraos septe,
De que imitam ao vivo as varias cores
O Arco chuvoso da Thaumancia Virgem.
Servem-lhe de docel festões de Rosas,
Nelle em aurea cadeira se recosta
Magestosa Matrona, em cujo rosto
A bondade, e a belesa resplandecem.
Nom sei que de Divino, ao ve-la, acharas
Em seo modo, em seo ar! sam cor de rosa
Roupas, que traja, perlas as matizam,
Rosea grinalda lhe coroa a fronte,
D'onde descem ondeando as crepas transas,
Que nos formosos hombros lhe lourejam.
Vestidas de igual cor, gentis Donzellas,
Humas dedilham Harpas sonorosas,
Outras com doce voz assim cantavam.
« Salve, das Fadas inclita Princeza,
« Do Grão Demogorgon presada Filha,
« Elphyra, he tymbre teo a rubra Rosa,

« Que te imita em beldade! tu franqueas
« A quem te apraz os magicos arcanos,
« Dos Heroes, dos Amantes te comprazes
« De ao Natal assestir! feliz trez vezes
« Aquelle, que, ao nascer, de ti obteve
« Hum sorriso benevolo! a teo cargo
« Fica o dourar seos dias de ventura,
« E invisivel valer-lhe em arduos lanses.
« Nas entranhas da Terra te obedecem
« Os Gnomos cor da noite! os leves Sylphos
« Polas planices do ar as Leys te acatam,
« Nymphas d'agoa, e do fogo ao teo mandado
« Dos Elementos seos a furia amansam;
« Junges ao carro teo brandos Favonios,
« E, mais veloz que o pensamento, voas
« Do ardente Cymboraço aos frios Alpes,
« Do longo Mississipi ao negro Zaire.
« Mas nas margens fructiferas do Ebro
« Te agradou colocar teo domecilio
« Aqui da Natureza as Leys moderas,
« Tarnsformas em Jardins fragas incultas,
« Salve das Fadas inclita Princeza,
« Do Grão Demogorgon prezada Filha.
Cessa o canto, e seus ultimos accentos
Nos échos das abobadas soavam,
Quando a Fada a Isabel sorrindo accena;
Por entre as alas das alegres Nymphas
Ella passa, e do Throno airosa sobe
Os marmoreos degraos, e reverente
Curva o joelho, e, o que lhe ordene, espera.
« Teo destino (ella diz) da tenra infancia
« Hey vegiado com desvelo assiduo;
« Nos braços te apertei recemnascida,

« Descriçom, e belleza, que te adornam,
« Os briosos espiritos, que nutres,
« Forom dòes meos; já se devolve o tempo
« De cumprir-se as promessas de ventura
« Feitas por mim em teo natal! á guerra
« Vas por influxo meo; mas he preciso
« Que a Lei, que te impozer cumpras exacta!...
« Para intimar-ta eu fiz que na floresta
« O caminho perdesses. Obra minha
« A tempestade foi; e ao meu Alcaçar
« O Anom te conduziu por meo preceito.
« Mas fatigada estas, descansar deves,
Ergue-se, pela maõ a toma, e entra
N'outra formosa Estancia, iluminada
De candelabros de ouro. Rica meza
Ali adereçada se offerece,
Vasos de Jaspe com purpureas Rosas
Soltam gratos perfumes: lindos Grupos
De Figuras a adornam. Toma assento
Com a Heroina a Fada. Trazem promptos
Guapos Anões opiparos manjares.
Todas as producçòes de estranhas terras,
Todas as producçòes de estranhos mares
Se alardeam ali. Derramam Nymphas
Em limpidos cristaes antigos vinhos,
Que espumam, e subtil vapor exhalam.
Nem lhes falesce Musica divina,
Cansões, quaés entoara o douto Iopas
No almo convivio da Fenicia Dido.
« Como os Astros, e Estrellas se equilibram
« Nos diaphanos ares; d'onde partem,
« Onde dam volta igniferos Cometas;
« Como as Nuvens, Trovões, Ventos se formam,

« Como os Rios ao Mar, sem que o Mar cresça,
« Levam seos cabedaes; como em seo gremio
« Os diversos metaes a terra cria;
« Como se nutrem dos Volcões os fogos,
« Que força oculta as agoas vezes duas
« Do Polo ao Equador n'hum dia impelle!...
« Cantam como nas Plantas circulando
« Das raizes ás folhas sobe a seve,
« Das folhas ás raizes depois desce
« Em ondas cor de leite! como inspiram
« O Oxigenio, aspirando o impuro Azote!
« Que altas virtudes em seos sucos moram,
« D'onde as cores provem, de que matisa
« A Primavera as pétalas das Flores,
« Seos varios hymineos, amores varios,
« Hums patentes aos olhos, emvolvidos
« Outros nos veos do tacito misterio.
Assumptos graves, ponderosos, dignos
De quem ouve, e quem canta!... Satisfeito
Ja o apetite, a meza se abandona.
Despedida da Fada a Hispana Dama,
Oficiosas Nymphas a conduzem
A huma pomposa Alcova: despojada
Ali das armas, em pomposo leito
Os fatigados membros descansando,
Graciosa se despede; ellas em torno
Em varões de ouro as sericas cortinas
Correm, e ao brando somno entregue a deixam.

Fim do Canto II.

A HEROINA DE ARAGOM.

CANTO III.

Meigo somno, dom optimo dos Numes,
Tu com teo doce balsamo restauras
Corpos, que diurnas lidas inanirom,
Aflicto emfermo languido te invoca
Sobre hum leito de dor; ditoso amante
Que a noite despendera entre delicias
Sobre o seio da amada volupioso,
Nas palpebras te acolhe ao romper d'Alva!
Tu a consolaçom do Desgraçado,
Tu hes da Noite o Rey, e o Sceptro estendes
Aos tres Reynos da vasta Natureza;
Tu subjugas com laços de papoulas
O Leom, e o Tyrano, e em quanto dormem
Descansa a Morte, a' Humanidade exulta!
Muito embora os austeros Cenobitas
A's tuas Leis rebeldes, vam no Choro
Psalmear suas rezas; muito embora
Frivolos Cortezãos, loureiras Damas
Com monotono jogo a noite encurtem,
Prolonguem the a Aurora os seus banquetes

Teçam choreas, canticos entoem,
Sem as virtudes de hums, e os vicios de outros,
Eu teos mimos prefiro a taes praseres.
Dormir he o maior dos bens da vida,
Velar he padecer! ninguem dormindo
De violentas paixões he lacerado,
Ou do crime sulcou mar tormentoso.
Os lividos Espectros da Pobreza,
As puas da Ambiçom, do Orgulho os fumos,
Os prejurios de Amantes refalsadas,
Nom cercam, nom inquietam, nom instigam
Quem jaz incurioso em teo regaço.
Todos sam bons dormindo; hum privilegio
He do Homem justo o somno, que os malvados
Nom dormem; si olhos fecham, se assoporam,
Nom he somno; he lethargo, que interrompem
Horridos sobresaltos, visões negras,
Que seos crimes lhe antolham, que os fustigam
Co' vipereo flagello dos remorsos.
Gemem entaõ com soffocados gritos,
Tremem, bracejam, erguem-se espantados,
Buscam a luz, e o fado seo maldizem.
Dormir folgado he ser ditoso; e si Homem
Houve feliz no Mundo em meo conceito
Epymenides foi! oh somno, oh Nume!
Porque huma igual ventura nom me outhorgas?
Que prazer, despertando apoz dois Evos,
Tivera em ver o Sol, em rodear-me
De ignotas Gentes, com costumes outros,
Com outras opiniões, em confronta-las
Aos meos contemporaneos, decedindo
Si vai, como alguns pensam, nossa espece
A peior, ou se o Tempo a aperfeiçoa!

Mas, si a muito se elevam meos desejos,
Ao menos vem assiduo ao meo alvergue,
Roça-me com teo sceptro de Papoulas
As palpebras despertas, nem consintas
Que se abram, sem que o Sol no carro de ouro
Ja em pleno meridio a luz derrame.
 Da ventura, que eu tanto invejo, e louvo,
Desfructava Isabel no brando leito.
Mas nestas horas de sopor, que podem
Ferias chamar-se da existencia externa;
Horas, em que desprega a interna vida
A intensidade toda; dam-se ás vezes
Reaçoes dos sentidos, que conservam
Vigil parte do cerebro afectado
De impressões nimio-vivas, que a seo folgo
Livre a Imaginaçom despoem, e ordena
Mil-variados sonhos produzindo,
Caprichosos Pintores, que nos traçam
Objectos vãos, ou que o porvir enserra!
Destes Turba engenhosa entaõ vagava
Em ledo adejo da cabeça em torno
Da dormente Beleza! assim nos vemos
Em manhaà de fragrante Primavera
Enxames de melificas Abelhas
Açodados zumbir, girar em roda
Dos calices das Flores, que despojam
Do polen fecundante, que transformem
Com seo trabalho nos nectareos favos.
Ou como em derredor de hum raio escasso
De Sol, que se introduz em casa escura,
Mil athomos subtís, turbilhonando,
Em varias direcçòens descendem, sobem
 Sem saber como, a Dama lhe parece

Correr apersurada os marcios campos,
Ouve em torno de si rugindo a Morte,
Ve tremular bandeiras despregadas,
De espadas, e de arnezes, elmos, lansas
Mil raios desparar, que a esphera accendem,
Copar-se todo o ar de hervadas settas,
Esquadroes, e esquadroe abalroar-se,
Hostes chocarem Hostes; estes fogem,
Seguem aquelles: ais dos moribundos,
Gritos dos Vencedores se confundem
Dos mavorcios clarins ao son guerreiro,
E dos Corseis ignivomos ao trote.
Rios de quente sangue a relva tingem,
Cadaveres sanguentos se amontoam!....
Subito muda a scena, e vai sosinha
Deleitosa Floresta atravessando,
Os Canticos das Aves a recream,
Murmurando os Regatos a espairecem,
Das Flores os efluvios a circumdam,
De huma nuvem de aromas! e parece
Que o verdoso tapiz se alegra, e folga
De que seo pe formoso o pise, ou toque!
Eis subito descobre.... assombro novo!...
Hum Menino gentil!.... Anjo o disseras
Dos Ceos descido a vesitar hum Justo,
Que em antros da Thebaida exhalla a vida,
E a conduzir sua alma ao sacro Empyreo!
Lindas azas dos hombros lhe descendem,
Rubras as pennas saõ, e azuis as guias,
Aureos anneis a fronte lhe guarnecem,
Seos olhos, sempre inquietos, vibram fogo,
Que ora encanta, ora assusta; sobre os labios
Brinca hum sorriso, que juntar parece

Candidez, e perfidia. Nús os membros,
Menos hum cincto, em que subtil agulha
Hieroglificos magicos bordara;
Na maõ trazia hum Pomo, de tal mimo,
Tal aroma, e tal cor, que Eva, se o visse,
Segunda vez á tentaçom cedera,
Novamente o preceito transgredira.
A Arvore, que o produz jamais foi vista
Nos Hortos das Hesperides famosos,
Nunca as margens ornou do Nilo, ou Ganges,
Nasce so nos Pomares de Juventa;
Seo fructo cresce prompto, e pouco dura,
Sabios os Moços faz, e os Velhos loucos.
O Pomo do prazer lhe chama o Mundo,
Rey da vontade as Fadas lhe chamarom.
Com gesto afagador, com voz taõ doce
Como a sonora flauta, o lindo Infante
Chama Isabel, e lhe offerece o Pomo.
Ella o encara, e dubia nom se atreve
A segui-lo, ou fugir! que a cada instante
Que o ve lhe inspira afecto, e susto infunde.
Assim em mar de fitas, quando os Ventos
Em toda a direcçom rugindo assopram,
Nas oppostas correntes enlaçada
Obedecer a algum a Nau nom sabe.
« Isabel (elle diz) porque receias?
« Porque o Pomo regeitas, que te offerto?
« Da vida todo o bem nelle se enserra,
« Quem seo nectar nom prova he desditoso,
« Acceita a occasiom, que se apresenta,
« Si a deixas escapar nom mais a cobras;
« Eu sou do Mundo o Rey, sem mim tivera
« Ao cahos ja volvido ha muito o Mundo.

« Dabalde a Morte co' a afiada foice
« Vai ceifando nos campos da existencia
« Quanto ella devastou, eu reproduzo,
« E a terra enfeito de mais bellas flores.
« Todos da Terra os Povos me dam culto,
« Aquelle, a quem eu busco, e me recebe,
« Nada em torrentes de inefavel gosto,
« Aquelle, a quem eu busco, e me desdenha,
« Procura-me depois, e so encontra
« Fogo atormentador, angustias, penas.
« Eu habito em Jardim delicioso
« Onde os Subditos meos em festa, e jogo
« Nectareos dias placidos deslisam.
« Segue-me pois! » — Nom sigas (brada ao longe
Respeitosa Matrona, que do bosque
Sahio; bello he seo rosto, mas severo,
E viçoso laurel lhe cinge a fronte.
— Nom sigas (ella diz) nom mais escutes
— Desse Tyrano as perfidas promessas
— Mel suas vozes sam; mas recheado
— Tem de veneno o coraçom maligno.
— Esse Jardim florigero, em que habita,
— Vai no Lago findar do Esquecimento,
— Que em suas rebalsadas, turvas ondas
— Sorve, sepulta os nomes dos, que insanos,
— Nas bandeiras desse impio se alistarom.
— Abandona-o; comigo trilha affouta
— A ardua vereda, que os Heroes conduze
— Ao Templo augusto da immortal Memoria.
— La se engrinaldam de immurchaveis louros,
— La com aureo clarim pregoa a Fama,
— Seos nomes, seos combates, seos triumphos,
— Viver he deixar posthuma memoria,

— Nom vegetar na terra adormecido
— Entre os sonhos de amor! — » Os meos prazeres
(Com sorrir desdenhoso Amor replica)
« Sam reaes, nom sonhados! deixo, oh Gloria,
« Pera os Alumnos teos delirios, sonhos!
« Todo o renome seo, misero fructo
« De fadigas, de afans, está pendente
« Da alheia opiniom, que raro he justa!...
« Que proesas sam essas, que exageras?
« Rios de humano sangue derramado,
« Cidades entre as chamas consumidas,
« Povos da Escravidom curvos ao jugo!...
« Vale isto mais que amor?... da morte hes Deosa,
« Eu sou da vida o Deos! Tu no sepulchro
« Inteiras Gerações no germe arrojas,
« Eu novas Gerações ao Mundo outhorgo!
« Lembram Alumnos teos?... sim, quaes flagelos,
« Que a triste Humanidade devastarom,
« Sensiveis corações os meos recordam,
« E dam saudoso pranto ás cinzas suas!
« Que Poeta recusa os sons da Lyra
« A' terna Laodamia, á meiga Alceste?
« Que Pintor nom colora acceso em estro,
« De Andromacha, e de Heitor a despedida?...
« Comigo contrastar em vão pertendes,
« He formosa Isabel, e a mim pertence.
Assim dizendo, huma das mãos lhe toma,
Trava-lhe de outra a Gloria, e, em quanto lidam,
Para a tirar a si, parece á Dama
Que, de forma mudando, ao chaõ se arreiga,
E que, Arvore frondosa, aos ares sobe,
Pendendo em galhos seos Coroas, Sceptros.
Sobresaltada hum grito dá, e acorda;

Os olhos volve em torno, e cuida ainda
Que a rodea a visom! « Que he isto? (exclama)
« Sonho foi? ou de casos, que me esperam,
« Presentimento indicador?... e hum sonho
« Vaã chymera nom he?... desenho informe
« Da mobil, exaltada phantasia?
« Nevoa da mente, que a rasom dessipa?...
« Logo porque me assusto?... mas mil vezes
« Sonhei, e ao despertar nom senti nunca
« Taõ vivas impressões!... debalde intento
« Os olhos desviar de quanto hei visto...
« Sempre Amor, sempre a Gloria aos olhos volvem,
« Ouço as suas rasões!... misterio ha nisto!...
« Muitas vezes ouvi que a Divindade
« Em sonhos aos Mortaes se communica!...
« Mas digna acaso sou?... talvez!... quem sabe?...
« Que impendente perigo me revelle!...
« Mas que emporta que o Ceo aos Homens falle,
« Si he taõ dubia, e obscura a phraze sua,
« Que entender-se nom deixa?... e n'hum tal sonho
« Que ha que possa quadrar com meo destino?...
« Vou a guerra, e vi campos de Batalha;...
« Vi Amor,... e eu nom amo!... transformada
« Em Arvore, pendiam de meos ramos
« Sceptros, Coroas,... e o que tem comigo
« As Coroas, e os Sceptros?... nescia!... busco
« Achar fio n'hum cahos de Phantasmas,
« Que o somno produzio! » Como pendente
Do mastro de hum Baixel ondea, e volta
D'aura a sabor a flammula nos ares;
D'idea a idea por alterno impulso
Passa o espirito seo; teme, e se anima,
Teme outra vez, e anima-se de novo,

Juizos mil contradictorios forma,
E o que ora regeitou em breve adopta.
Em tanto a Aurora com rosados dedos
As portas Orientaes ao Sol abria;
E no opposto hemispherio a pouco, e manso
Hia a Noite estendendo o véo das sombras.
Attentas a sauda-la as Nymphas entram.
Deixa o leito Isabel, toma os vestidos,
Ellas as armas lucidas lhe enlaçam,
E co' as mãos, e cabeça desarmada,
A' presensa de Elphyra a entrodusírom.
A Fada a recebeu com meigo agrado,
E, apoz de longa pratica, assim finda.
« Sei que opostas ideas, e receios
« Tua mente cansada tumultuam.
« O sonho, origem sua, me he patente,
« Que nom foi ilusom ha de ensinar-te,
« E, nom tarde, o porvir! de amor thegora
« Sem conhecer as Leys viveste, e vives:
« Mas o tempo de amares se aproxima,
« Do livre coraçom sentir ardendo
« Em devorante incendio, e palpitarem
« Com insolito moto as veias tuas.
« Digno o objecto será; has de encontra-lo
« No horror da guerra, entre horridos perigos:
« Mas si a ventura, que te guarda a sorte,
« Nom queres malograr, e em flor corta-la,
« Cumpre que elle teo sexo nom conheça,
« Que, amando-o tu, o afecto dessimules.
« Grava bem na memoria o meo preceito,
« Si o deslembras, Elphyra te abandona.
« Recebe este Botom de Rosa, e nunca
« Saia do peito teo; e quando vires

« Que as rubicundas pétalas expande,
« Difunde brando aroma, então por certo
« Tem que os tempos se chegam, que eu predigo.
« Si algum lanse occorrer, que te dê susto,
« Beija-o trez vezes, e eu serei comtigo.
« Minha Lei desempenha, e ver-me-has inda.
« Nom te detenho mais; adeos, he força
« Que me ausente daqui, que em seo Palacio
« Hoje faz ajuntar as Fadas todas
« O Graõ Demogorgon nos fins da Terra.
Disse, e, unindo-a a seo peito, vezes duas
A face lhe beijou com terno afecto.
A Dama enlaça o Elmo, a Lansa toma,
Corre de novo a subterranea estrada,
Chega á boca da gruta, onde lhe entregam
Ja prompto o seo Corsel, cavalga, e parte.
Em tanto a Fada o carro seo, que brilha
Mais que de Phebo a ignifera carroça,
Manda traser; dois Zephyros o tiram,
Entra nelle, e se eleva a perder d'olhos!...
Tal no seio de Elysia, Patria minha,
Amigo Robertson, te vi, ousado,
Em teo leve Balom de ar inflammavel,
Em marcha magestosa erguer ás nuvens,
E lá do alto agitar alva bandeira
Entre os aplausos do apinhado Vulgo!
Com vista curiosa Elphyra observa
Mil terras, que em seo rapido caminho
Presentando-se vam! Mouros naquellas,
Moram nestas Christaos! ve grandes Rios
Pressurosas correntes devolvendo;
Ve Montes coroados de Arvoredos,
Ou de fulgido gelo! ali campinas

Onde pastam á solta amplos Rebanhos,
Outras, que a mão de Ceres inumdara
De profuso verdor; aqui Cidades,
Que Torres, e Castellos poem a salvo
De innemigo poder! do mar á beira
Cadix se eleva, fundaçom Phynicia,
Onde as nuvens a cupula envolverom
Do Templo de Endovelico! mais longe
Nos altos Minaréos da grão Lisboa
Ve tremular as Mauritanas Luas!....
Eis ouve rebramar fervendo as ondas
No Promontorio Sacro, em que outro tempo
A Osyris derom culto antigos Povos.
Eis rebenta do seio do Oceano
O grupo dos Açores, aguardando
Que Lusitanos Nautas as descubram,
Que as povoem Colonos Lusitanos.
La turveja a Madeira envolta em nevoa,
Coberta de Arvoredo; hoje suberba
Co' a coroa de pampanos, que a frente
Maritima lhe cinge! adereçadas
Com cinctos de frondiferas Palmeiras,
No regasso do Atlantico parecem
Recostar-se as Canarias, onde os Guanchos
D'oucas Montanhas no profundo centro,
Como hum thesouro, aos Europeos occultam
De seos Avós as Mumias ressequidas.
Nem vos da Fada aos olhos escapastes,
Ilhas de Cabo Verde, cujas agoas
Em selvas de Sargasso se encachoam!...
Ella vio teo Vulcom vomitar chamas,
Tu, que tinhas de ouvir polos teos Bosques
Pulsar Oleno a Lyra sonorosa,

De dar pio descanso ás cinzas suas!
Mediu co' a aguda vista o muito extenso
Continente Africano, negrejando
Com mil barbaros Povos, que o povoam.
Barbaros, mas pacificos, ditosos,
E exclamou compassiva « os vossos campos
« Lavrai, pastoreai vossos Rebanhos
« Em quanto vo-lo outhorga o Fado amigo!...
« A Cobiça d'Europa desbocada
« Nom tarda, que nom venha erguer o facho
« Da Discordia, e da Guerra em vossos Lares.
« Ufanos co' a alva cor, longos cabellos,
« Homens, quanto polidos, deshumanos,
« Levaraõ vossos Filhos, vossas Filhas
« Por compra, ou roubo pera estranhas terras,
« Onde asperas fadigas lhe agoientem
« A preciosa vida em duros ferros!
Disse, e dos lindos olhos lhe cahirom
Lagrimas copiosas, que, feridas
Polos do Sol nascente accesos raios,
Quaes Diamantes nos ares scintilavam;
E mal que as bebe o calido terreno,
(A Fada o quiz assim) delle brotarom
Formosissimas Flores, que a Piedade
A si tomou de cultivar cuidosa,
Pera hum dia adornar co' ellas a fronte
Daquelles que, magnanimos, facundos
Do escravisado Negro a causa advoguem!
Com ellas, oh Cantor da Natureza,
Darwin harmonioso, a douta testa
Sorrindo te enfeitou! Tu, que primeiro
Da soberba Britania nos ouvidos
Fizeste resoar em aureos versos

Do oprimido Africano ais, e queixumes,
Da Raynha dos mares atterraste
O fero coraçom, pedindo á Terra
Que do Negro, nom cubra, mostre o sangue!
Logo, mares interminos transpondo,
O carro volta, America demanda,
America em tres Zonas prolongada,
Rica co' as producções de varios climas,
Taõ ignotas como ella entaõ aos Homens!
He prata a terra sua, ouro as areas,
Sam diamantes os montes, e os seos Bosques
Nascerom com a Terra, que os sustenta,
Os seos Lagos sam mares, e os seos Rios,
Si aos d'Europa os comparas, sam Gigantes!...
Terra feliz, si o Fado a nom fizera
Dos Crimes Europeos Theatro infando!...
La ve de Norte a Sul correr os Andes,
Alem das Regiões que as nuvens cruzam
Levantar a cabeça em ar mais puro,
E em baixo condençar-se a tempestade
Os trovoes rebramar, luzir os raios!
Ali pára; ali poz seo domicilio
O Grão Demogorgon, que as Fadas rege,
Com outras, que de oppostos Climas chegam,
Se emcontra; humas a outras saudando,
Do supremo Monarcha os passos buscam.
Mas, a Fada benefica seguindo,
De Isabel me esqueci!... pecado he este,
Que certo estou que absolviçom nom tenha
No Tribunal dos Criticos! embora!...
Que tenho eu com os Criticos? acaso
Tecendo estou altisona Epopeia?
Romance he o Canto meo! de taes Poemas

Nom resam de Aristoteles, e Horacio
As mui-doutas Poeticas!... quem doma
De hum Poeta Romantico os caprichos?
Foi meo gosto seguir de Elphyra os voos!
Quem nom gostar de ouvir tape os ouvidos.
Si a Palas de Aragom perdi de vista,
Nom preciso que os Criticos me ensinem
Onde a heide encontrar!... ao longe a vejo!...
Pisa as margens fructiferas do Ebro!...
Nasce este rio nas agrestes Serras
De Santilhana, que os comfins ajuntam
Da aspera Asturias, da Castella antiga,
Que elle banhando vai co' as ondas suas;
Atravessa Aragom, corta huma parte
Das terras vossas, Catalães ousados,
E ao Mar Mediterraneo alfim se arroja!
Elle agora, orgulhoso, levantando
O corpo fora d'agoa athe a cincta,
De verdes espadanas coroado,
Firmando em seo Tridente a maõ robusta,
Contente á orla sua contemplava
Ajuntado, em ruina do Agareno,
O Arraial dos Christaos, Cidade errante,
Onde as Tendas de Lona estam formando
Praças, e Ruas!... nas entradas delle
Velam continuo attentas Atalaias,
Que em marcados espaços se revesam.
Giram por fora, descobrindo o campo,
Bem-montados Piquetes! dentro a Tropa
Como as ondas do mar se agita, e move!
Nem so ali Aragonezas Hostes
Juntas estam; da guerra a cauza toca
De toda a Hespanha á Christandade inteira!

Briosos Voluntarios la correrom
De varios Reynos, de Provincias varias.
Huns de Biscaia de enredado Idyoma,
Outros vierom das Castellas duas,
Das Asturias, Leom, e de Galiza,
De Lusitania, e do Paiz formoso,
Que banha o grande Rio, que de Roma
Betis chamara a magestosa Lingoa,
E que ora os Hespanhoes (com bem mau gosto)
Chamam Guadalquivir com voz Mourisca!...
Guadalquivir!... parece-me que o Rio,
Cada vez que lhe chamam tal alcunha,
Impetos tem de por ao hombro a urna,
E hir derrama-la em terra onde o nom chrismem.
Como hum suberbo Cedro, que entre Myrthos
A magestosa coma alteia ufano,
Tal lá brilha Isabel na roda illustre
De altos Heroes da Patria defensores;
Seo formoso semblante, afaveis modos,
A descriçom, e a graça, que a decoram,
Sua afoutesa em belicas afrontas,
De seo Pay o apelido, e acçoes Heroicas,
Geral benevolencia lhe grangeam.
Dom Marcos de Moncada (assim lhe chamam)
Rouba dos Generaes a attençom toda,
Dos Soldados he o Idolo Dom Marcos,
Todos do seo valor fallam com honra,
Todos sua virtude aos Astros sobem,
E a Inveja, que remorde alheio lustre,
Pola primeira vez guardou silencio.

Fim do Canto III.

A HEROINA DE ARAGOM.

CANTO IV.

Nascido nom sei quando, e nom sei onde,
Teceo Homero hum celebre Poema,
Typo da perfeiçom, segundo affirmam
Certos Doutores, Criticos chamados:
Nelle celebra em Gregas consonancias
Heroes de pé mais leve, que os Viados,
Mais palradores que palreiras Gralhas,
Mais comilões, que os Porcos, e que os Lobos,
Famosos Genealogicos, que sabem,
Milhor que Frey Gaspar, (*) os Avos todos
Do mais raso Peòm Grego, ou Troiano.
Gosto he ve-los nom dar huma lansada
Sem prégar hum Sermom aos seos contrarios;
Gosto he ve-los no ardor de huma batalha
Desenrolar Historias taô pausados
Como em torno a hum Magusto os Transmontanos.
Pois o Heroe principal! oh que Tunante!

(*) Excellente Genealogico.

Ou sentado na praia, ou na Barraca,
Ou come, ou bebe, ou dorme, ou canta, ou chora,
Como Creansa queixa-se á Maisinha,
E alem mais, nada faz, ou faz asneira:
He certo que a tal obra cauza somno,
Mas ha quem goste de dormir á Grega.
Veio Ariosto depois; cantou sonoro
Damas, Armas, Amores, Cavalleiros,
Arrojadas Empresas, Cortesias,
E de Orlando os delirios, e as bravuras!
Os seos Heroes como Leoẽs combatem,
Suas Damas sam bellas, meigas, ternas,
E algumas tem seo pico de Loureiras.
He flexivel seo metro; ó seo estilo
Brando, ou forte, sublime, ou gracioso
Como o pedem seos quadros variados:
O Leitor o accompanha embevecido
Per onde elle o conduz, sem que o fatigue
A prolixa Jornada, porque sempre
Mais, e mais o interesse se accrescenta!
O novo Canto os Criticos azoa,
E porque ousou abrir nova vereda,
Que de Homero os vestigios nom marcarom,
Reo de lesa-Epopeia Ariosto banem,
Sem descrepancia, dos confins do Pindo.
As Musas da Sentensa escarnecerom,
E os Povos, sem dos Criticos lembrar-se,
Do Cisne de Ferrara os doces versos
Gostosos lem, decoram, cantam, louvam.
E que emporta que Ariosto transcurasse
A restricta unidade? he menos bello
Do que isolado Grupo de Esculptura
Vasto Painel, em que Pintor solerte

Multiplicou, sem comfusom, Figuras,
Campindo os longes com gentís Paugagens?
Agrada, e agradar he na Poesia
Primeira regra, ou unica; e mais vale,
Quanto a mim, o ser lido, e criticado,
Que nom ser criticado, e nom ser lido.
Hoje domina de Ariosto a Musa;
E em lugar de afectar Gregos donaires,
Modernos trages a Poesia enverga;
Pinta as nossas paixoes, costumes nossos,
E procura dar vida aos Patrios Fastos.
Quadros Nacionaes bem coloridos,
Bem novos, bem exatos se preferem
A's tão gabadas, Classicas Pinturas,
Filhas da Imitaçom, que nos condusem
Sempre aos campos de Roma, aos Gregos Bosques,
E os Vates, e os Heroes tornam Gentios!
Moda he isto, e esta moda de Germania
Tanto lavrou, que já conquista a Galia
Taõ afferrada ao Classico Systema!
Ja, quem tal presumira? em seo Theatro,
Onde athegora com diversas roupas
Euripedes, e Sóphocles reinarom,
Ousou mostrar de Shakespeare o Othelo
Seo negro rosto, e barbaro ciume;
E de Pariz as Guapas, e os Facetos
Por faltar-lhe o bom ton, e o ar da Corte
O Africano Orosman non chasquearom.
Na Gazeta de França a fatal nova
Aos Elysios chegou!... fictou-lhe os olhos
O irascivel, greguissimo La Harpe,
Que entaõ com Despreaux junto a huma fonte
Sobre a morbida relva comversava;

Ergue-se, bate o pé, « perdeo-se tudo!...
Pondo as mãos na cabeça aflicto exclama,
« Si a Eschola de Racine cahe por terra
« Gosto, e Letras, a Honra, os bons Costumes,
« Mesmo a Religiom findou na Galia!...
« Eu quero defender os bons principios,
« Eu quero prevenir tal desventura!
« Vou-me lá, e na Scena aparecendo,
« Provarei eloquente a esses Papalvos
« Que Shakespeare he barbaro Poeta,
« Ridiculos, sem regras os seus Dramas,
« E todos os Romanticos Francezes
« Homens sem gosto, que escrever nom sabem. »
— Optimo! (diz Boileau) e de caminho
— Levarás, que eu ta dou pera reforço,
— Huma Satyra em prosa bem rimada,
— Muito cheia de fel, e bem maligna,
— Que... — Nisto os interrompem gargalhadas!...
Hera o chistoso, folgasam Phylinto,
Que desta arte lhe disse « Vossês julgam
= A França do seo tempo a França de hoje?
= Que tem de have-lo com Perrault, La Motte?
= Eu conheço-a milhor, que ha menos annos
= Polo Lethes troquei do Senna as margens.
= Vi a Eschola Romantica fundar-se,
= Tractei com seos Alumnos; os Talentos,
= Que ora dam maior lustre ás Patrias Letras,
= Nella figuram!... si, Boileau lá fosse,
= Com urbano motejo o emmudeceram;
= Si la fosses, La Harpe, zombariam
= Da hypocresia, com que unir pertendes
= Da Religiom á cauza a da Poesia...
= Nem temam que se extinga a Eschola antiga.

= Durará, vo-lo affirmo; sobra em França
= Quem saiba escrever bem, e pouco invente,
= E pertenda brilhar copiando os outros.
= Tomem, que elle he de amigo, o meo conselho.
= Mortos estam, gosem do Elysio as sombras,
= E deixem la na terra a seo capricho
= Cada hum poetar!» Os dois acharom
Em Phylinto rasom, rasom lhe eu acho,
E vou romancear, sem que me emportem
Os juizos de Zoilos, e Pedantes,
Da Historia de Isabel hum novo Canto.

Durava a Guerra, prolongando estragos,
Com furor renascente, e novas forças;
Rindo agora aos Christàos, agora aos Mouros,
A Victoria revoa entre os dois Campos
Dubia em qual fexaria as azas leves.
Choques seguem-se a choques; mez nom passa,
Em que as armas de sangue se nom tinjam,
Em que a Morte nom colha amplo tributo
De vidas de Gerreiros! as Batalhas,
Segundo o uso do Tempo, se entrevallam
Com privados Duelos, em que ostentam
Intrepidos Campiòes o seo denodo.

Brilha Isabel entre os mais dignos chefes.
De Mequinenza no apertado assedio
De mil Aventureiros ella á testa
O Mourisco Arraial rompeo de noite,
De viveres a Praça abastecendo.
Foi raio abrasador, Fraga, em teos campos,
E huma Bandeira arrebatou bizarra
Ao Alferes dos Arabes, que afouto
A defendeu, e que a largou co' a vida.
Batidos os Christaòs nas margens do Ava,

Ella, as Hostes dispersas reunindo,
Com o exemplo, co' a voz lhe imfunde arrojo,
E á refrega as conduz! envergonhadas
Da derrota, e da fuga, avançam, ferem
Nos Mouros, que, de ufanos co' a victoria,
Incautos á pilhagem se abandonam.
Renova-se o combate, enxorra o sangue,
Nem Tygres, nem Leões se despedaçam
Com tamanho furor, com raiva tanta.
Triumpha quem fugio, quem venceo foge,
Tanto, oh sorte da guerra, hes inconstante!
Assim nos pintam Fabulas da Grecia
O Rey dos Deoses, que, ao Portal do Olympo,
Amiudando trovões, chovendo raios,
Fere, prostra os Titães, que ao Ceo galgavam
Por escadas de montes! Montes, e elles,
Desfeitos, fulminados ruem, cahem,
No Barathro se affundam! Largo espaço
Tremeo nos Eixos seos comvulsa a Terra,
E, no abismo soando, o baque horrendo,
Fez descorar Plutão, poz medo ás Furias.
Declinava o Estio, e vinha ao longe
A pomifera fronte erguendo o Outono!
Fatigados os Mouros, e apoucados
Em successivas perdas, resolverom
Provar a sorte de geral Batalha.
Chega o Dia fatal, termo da vida
De muitos, que ora insanos o desejam;
Terror de muitos, que deviam nelle
Enriquecer-se de optimos despojos.
Tanto he verdade, que nom sabe o Homem
O que deve anhelar, que temer deve!
A Noite, que precede, hum campo, e outro

Passam insomnes! no Arraial Mourisco
Com accesos brandões a passo lento
Giram Imáns, Dervizes murmurando
As verbas do Alcorom com voz soturna.
Tal ao cahir da noite devisamos
Em torno de arruinada, velha Torre,
Habitadores seos, Bandos de Mochos
Revoarem com funebres gemidos.
Mas sobre o Campo Aragonez descende
Espirito de esforço, e de alegria,
Annuncio de victoria! aquelle empluma
De ondeante Cocar Elmo luzente:
Pule este o forte arnez, e o ferreo peito;
Esses afiam lucidas espadas,
Essoutros o carcaz de Settas enchem,
Ou aguçam as lansas! Assim lidam
Em vario afan as providas Abelhas
Entram, sahem, se animam, descarregam,
Soa a Colmea co' zumbir continuo,
E o redolente aroma enfrasca os ares!
Quantos votos o Ceo ouviu propicio!
Quantos votos o Ceo regeita irado!
Santuario nom houve em toda a Hespanha,
A quem promessas mil nom tributassem
A Piedade, e o Temor, que raro os Homens
Se recordam do Ceo quando nom temem!
Quem promete, si vivo a guerra finda,
Hir descalso em devota Romaria
A' Virgem do Pilar, que santifica
De Aragom a Metropole, e accender-lhe
Cirios, alvos qual neve, em seos altares!
Quem jura visitar de Atocha o Templo,
De Madrid ornamento! quem tomando

Peregrino bordom, e matisadò
O capuz de maritimas vieiras,
Hir beijar reverente a Sepultura,
Onde guarda a devota Campostella
As reliquias do Apostolo bemdicto,
Que trouxe a luz da Fé á Hespanha em trevas.
Nem la faltarom votos destemidos,
Que d'esses Evos rustiquez sincera
Nom deixa chamar impios, que a Prudencia
Delirios do valor hoje nomea!
Mas, degeneres Netos, mal nos cabe
Escarnecer dos Erros, e Caprichos
De nossos Avoengos, que mais valem
Sua agrëste virtude, e rudes brios,
Que a nossa polidez, e os nossos vicios.
Solitaria Isabel na Tenda sua
Sobre o seo leito armada espera o dia!
Em meza, onde alva vela a luz difunde,
Pousa o seo morriom vari-emplumado,
A hum canto jaz a lansa, e pende a espada
De Agarenos terror! comsigo a Bella
Na mente repousada revistando
Vai o estranho theor da vida sua.
« Chegou (ella dizia) o fim da guerra,
« Amanhaã ou victoria, ou morte a todos!....
« Morte ao menos a mim! que ao Pay nom torno
« Nuncia da perdiçom das Patrias Hostes!
« Pode hum Homem fugir, perdida a guerra,
« E pera a renovar guardar séo braço;
« He seo officio, he jogo, em que o triumpho
« Sempre na mesma maõ parar nom pode.
« Mulher, que as armas veste, ou vença, ou morra,
« Si nom quer malograr suas proesas,

« E ser de zombaria, e riso objeto!
« Quem ao campo a chamou?... porque transcende
« Circulo, em que a fechara a Natureza?...
« Tal sorte nom terei; morta, o meo sangue
« Fará crescer, e vecejar meos louros!...
« Mas que nova lembrança me saltea?
« Onde a promessa, as predicções d'Elphyra?...
« Onde os successos, que explicar deviam
« O Enigma do meo Sonho? onde o Consorte,
« Que eu devia encontrar no horror da guerra?
« E a guerra amanhaã finda!... acaso a Fada
« Me halucinou com falsas esperanças?...
« E a que fim?... que proveito em taes enganos?
« Grande he o dia de Deos!... nom̃ pode hum dia
« Traser o que annos longos nom trouxerom?
« Minha May, que nos Ceos Estrellas pisa,
« Beneficios d'Elphyra me abonava,
« Me ensinou sempre a venerar seo nome,..
« Nas promessas d'Elphyra confiemos;
« Regem as Fadas dos Mortaes a sorte,
« Os varios Elementos lhe obedecem,
« Nom tem veos o porvir pera os seos olhos!..
« Elphyra cumprirá seos Vatecinios,
« Sinom... quem nada espera nada teme.
« Que vale a dita provocar com votos?...
« Que vale presagiar futuros males?...
« Nem bens se apressam, nem retardam damnos,
« E torna-se o pensar novo tormento
« Que nos da novo golpe em cada idea!
    Disse, e placido somno lhe assopora
Os lindos olhos de velar cansados!
    A Aurora rompe emfim, e vai primeiro
Desdobrando ao Levante hum veo ceruleo

Que logo de ouro, e purpura matisa,
E almo rocio esparge em Plantas, Flores!
Com canticos as Aves a saudam
Porem subito os cantos lhe enterrompem
Os Clarins, as Trombetas, e Atabales,
Que tocam a alvorada! armados, promptos
Infantes, Cavalleiros deixam Tendas,
E seos Pendoẽs procuram. Soam vozes
Dos Capitaes, que os formam, que os animam,
Todos em trez Batalhas repartindo!
Assim os Maioraes ao romper d'alva
Contar costumam de seo Amo as Rezes,
Em diversos Rebanhos as separam,
E cada hum delles a hum Pastor comfiam.
Abrem-se as portas com fragor, que imita
Subterraneo trovom, que indica ao Mundo,
Que o tremendo Vesuvio se prepara
Rios a vomitar de lava ardente;
Treme Calabria, Napoles descora,
A Montanha vacila, horrenda geme,
E Ethna ao longe responde aos seos gemidos,
Vam sahindo as Batalhas! a primeira
Leva o forte Alvarado, que mil vezes
Sua espada tingiu em Mauro sangue,
E escudo foi da Patria! da segunda
Brilha á frente o brioso Dom Garcia,
Mancebo de alto cizo, e de alto sangue,
Na beleza, e valor rival de Achyles;
Vendo a tristesa, que lhe assombra o rosto,
Disseras « ama » o objeto ninguem sabe.
Nas montanhas de Asturias teve o berço,
Chegado hera ao Exercito de pouco,
E, mais que amor da gloria, a de seo peito

Vaga inquietaçom o trouxe á guerra.
 Rege a terceira o intrepido Gonzales,
Supremo General, provecto em annos,
He Moço em robustez, sabio em conselho.
 Os Voluntarios Isabel comanda;
Co' elles, e os sagitiferos Archeiros
He seo dever caracolar no campo,
Perturbar a ordenança do Innemigo,
E acodir denodada onde haja afronta.
 Qual Rio, que, ao voltar da Primavera,
Com chuvas, e desgelos engrossado,
Furibundo se arroja alem das margens,
Prados submerge, de rondom levando
Arvores, Penhas, rusticas Choupanas,
E faz ouvir ao longe os seus mugidos,
Taes, do Arraial sahindo, as bravas Hostes
A campina vastissima innundavam.
 Heram Scena do proximo comflicto
De Balbastro as planices! assentada
De hum Rio, nom caudal, na fertil veiga,
(Da terra os Naturaes lhe chamam Vero,)
Ergue Balbastro a fronte, e pasce a vista
No fecundo Olivedo, que a rodea,
E em Latadas de Vinhas, que revestem
De seo Termo as encostas pictorescas!
Sereno estava o Vento, o Ar sem nuvens,
E nunca o Sol taõ claro sobre a esphera
Fulgores derramou, que, reflectindo
Nos Escudos, nos Elmos, Peitos, Lansas:
Fingem Incendio, que ondeando corre,
Dilatada Floresta devorando.
 Ja se escuta dos Arabes a grita,
E os rudes Anafis; ja se descobre

Densa nuvem de po, que se abre, e della
Vam sahindo Peoẽs, e Cavalleiros,
E ferrea messe de agussadas lansas!...
Dam do attaque o Signal nos pontos todos
Da Aragoneza Linha os retumbantes,
Belicos Instrumentos, que formavam
Viva, alegre, sonora melodia,
Que as almas arrebata?... quem primeiro
Da Musica as suaves consonancias
Juntou do Moribundo aos ais sentidos,
Do Homecidio ao fragor?..certo hera hum Monstro,
Que uniu dor, e praser, e escarnecia
Das angustias da morte!... o mesmo fora
Ao misero, que marcha ao cadafalso,
Presentar no caminho alegres Dansas,
Mezas cobertas de optimos manjares,
Ricos vestidos, cofres prenhes de ouro,
E Donzelas gentis, que em ledo riso
A's delicias de amor o desafiem.
Tolda-se todo o Ar de hervadas setas,
De Pedras, que rechinam, que sibilam,
E longe a morte levam! ululando
Todos os Genios da feroz matança,
Rottas as vestes, que salpica o sangue,
Ao centro da peleja se arremessam!...
Seos olhos vibram fogo, nas cabeças
Mil cobras, seos cabellos, se lhe enroscam
E silvam assanhadas! de seos fachos,
Que rapidos agitam, derramando
Vam discordia, furor, do sangue a sede
Nos peitos dos Guerreiros, que em delirio
Nom receiam morrer, morrer dezejam
A troco de matar! baixas as lansas,

Bem cobertos do Escudo os Cavalleiros
A galope se encontram, lansas rompem,
Mil Cavallos fugindo vam sem dono,
Mil Soldados por terra se rebolcam
Feridos, mortos, aturdidos! ferem
Na abobada dos Ceos comfusos gritos,
Ella treme, e retumba, qual reboa
Quando os Filhos de Eolo desfreiados
Pela etherea expansom luctam bramindo;
Como rebombam Libicas Florestas
Quando Tygres, Leoẽs, Hyenas, Linces,
Em demanda da presa divagando,
Os seos rugidos horridos comfundem.
Vinha diante hum Mouro destemido,
(Granada o vio nascer) de cor morena,
Quasi Gigante em corpo, que atropella,
Mata, derruba, larga estrada rompe
Pela Hoste dos Christaos, e em altos gritos
Os insulta, e duesta! ao seo encontro
Do rapido Corsel a todo o trote
Voa Alvarado! poem-lhe a lansa ao peito,
Falsa-lhe o escudo, falsa arnez, e o Mouro
Com ella athe ao meio atravessado,
Soando cae, sobre elle as armas tinem!
Passa avante o Hespanhol, florea a espada!
Tal dos Alpes no cume annoso Pinho
Da tormenta ao furor resiste ousado;
Mas de Norte hum pegom subito o arranca,
Cae ruidoso; e por fragas rebolando
Em profunda geleira immerso fica!
Alta magoa dos Arabes no peito
Move a morte do Chefe, e por vinga-la
Em redor do Alvarado se amontoam.

Bravo o Heroe se defende; os seos o amparam,
E parece que ali se reconcentra
Todo o fogo da guerra! menos bastas
Cahem do Segador á curva foice
As luridas Espigas! menos densas
Cahem no fim do Outono as secas folhas,
Que os Guerreiros ali! purpureos rios
No verde campo sussurrando fumam!
Ao numuro o valor emfim soccumbe,
E os Christaõs o terreno vam perdendo.
A soccorro dos seos voa Garcia
Co' segundo Esquadrom; qual si bramindo
As Eolias prisões os Ventos rompem,
E nos desertos do Ar livres campeam,
Curvam os Bosques os verdosos topes,
E passagem lhe dam, estalam troncos,
Remuge o Echo lugubre nas grutas,
E os Rebanhos balindo se despersam,
De Garcia, e dos seos assim aos golpes
Atropellados se abrem, se debandam
Os Africanos Batalhoẽs! arroja
O seo negro Corsel da pugna ao centro
O bravo Asturiano: sobre o Elmo
Aladim de Jaen colhe, e a cabeça
Em duas lhe separa! leva hum hombro
Ao feroz Almansor, chegado ha pouco
Das campinas de Fez, onde deixara,
Formosa como o Sol, consorte amante,
Que abraçada ao Filhinho aos Ceos se queixa
Do desamor do Pay! as costas fende
Ao negro Mustafá, que hia fugindo,
E de hum golpe lhe finda o medo, e a vida!
Alvarado a Garcia se reune,

E ambos ferem, e matam, e atropelam,
E ampla estrada nos Barbaros franqueam!
Assim dois Rios, que distantes nascem,
Depois de largo giro comfluindo
Cobram força dobrada, e levam quanto
Trabalha de empecer-lhe a marcha undosa.
Rompem todos a hum tempo os Mauritanos,
E, qual se então comece, a pugna ferve!
E Isabel o que faz?... campea afouta
Pola amplidom do campo, accompanhada
Do bizarro Esquadrom de Aventureiros!
Ora dá de tropel com seos Ginetes
Nos Arabes massissos: ora manda
Que de longe, e despersos seos Archeiros
Hum diluvio de setas lhe desparem!
A' frente, á rectaguarda, aos flancos sempre
O Innemigo a depara, e sempre o estraga!
Rapida foge, rapida accomete,
Parece em tempestade acceso raio,
Que repentino vem, que bate, e passa,
E Arvores derribadas, rotas penhas
O trilho, que levou, fumando indicam.
Em quanto assim vaguea, assim combate
De Aragom a Amasona, observa ao longe
N'hum ponto concentrar-se os Agarenos,
Que ali mais estrondea o som das armas,
Com gritos, que parece o chaõ fundir-se,
E os Ceos estremesser! veloz se arroja
Com os seos em tropel; lansas, espadas,
Nada o passo lhe embarga, e marcha a Morte
Na dianteira sua!... chega!... hum Joven,
Roto o escudo, sem elmo, a pé, cuberto
De sangue, que de inumeras feridas

Por junturas do arnez lhe golfa, em meio
De hum montom de cadaveres, revolve
Com furia exasperada o ferro, e tenta
Romper polo cordom dos Innemigos,
Que em prende-lo, ou mata-lo ali se empenham.
Nom teme o bravo Heroe! elmos abola,
As lorigas desmalha, escudos racha,
Mas quantos mais abate, mais o infestam,
Qual Javali que incauto se emmalhara,
A liberdade, e vida procurando,
Debalde furibundo herrissa as cérdas,
Debalde vibra os navalhados dentes,
Por que se emreda mais quanto mais lida
Por sahir da prisom, assim Garcia,
(Garcia hera o Guerreiro) em vão combate,
Que salvar-se nom pode! a linda Dama
Pasma de ver o seo gentil semblante,
Pasma do seo valor! animo! (brada)
E, a pinha dos contrarios dessipando,
N'hum Cavallo, que solto ali vagava,
A subir o ajudou! dos seos no centro
Fora o poem da refrega! o bravo Moço,
Acalmado o furor, que o sustentava,
Semi-morto cahiu; busca a Heroina
Chama-lo á vida. O intrepido Gonzales
Com sua Hoste folgada entaõ se aballa,
A batalha em matança se converte,
E a victoria aos Christãos os Ceos outorgam.

Fim do Canto IV.

A HEROINA DE ARAGOM.

CANTO V.

Muda de clave, oh Lyra! assas cantámos
Os furores de Marte! novo objecto
Sons mais brandos requere, e maviosos
Os suspiros de Amor nas chordas gemam!
Nasceu de Amor nos braços, e a seo colo
Foi criada a Camena Lusitana!
Com macio desvelo, e meigo afago,
Com doces favos de Hybla elle a nutria!...
As pequeninas mãos lhe acostumava
A manejar o Plectro, e nos seos labios
Libava vivos beijos, e com elles
O fogo lhe imfluio, que as almas move!
Ria a formosa May, as Graças riam
Das fadigas do Nume, que, contente,
Lhe volve « Corra o Tempo, que esta Musa
« Cantará sonorosa os meos triumphos,
« Creará novo Idyoma, que suberbo
« Polo Mundo derrame a gloria tua,
« Nem Vate inspirará, que Amor nom siga!
Quando fundava o generoso Affonso

O Imperio, a que o Destino prometera
Os Povos subjugar do rubro Oriente,
Descobrir novo Mundo alem dos mares,
Devassar quantas Ilhas escondia
O ceruleo Nereo no gremio undoso,
Já, Trovador, e Amante, o bravo Hermingues,
Fazia resoar de Almada o monte
Com o doce nome da gentil Fatima,
Premio do seo valor, suave assumpto
De amorosas Cansões, em que exaltava
Mimos celestes, que em seos braços gosa!
Coplas de amor, vagidos sam primeiros
Da Poesia Lusa, e nellas brilha
Por entre o metro imforme, e a lingoa inculta
Hum tão vivo sentir, dizer tão brando,
Hum estro de paixom, que enleva, encanta!
Taes quaes sam mais me agradam, e as prefiro
Aos agudos conceitos retrincados,
Emnygmaticos, turgidos, diabolicos
De Violante do Ceo, e de Vahia
Tão sonoros em metro, em phrase cultos!
Serra de Cinthra, que adornou Natura
De beleza Romantica, a quem toucam
Espessos Nevoeiros, que alimentam
Mil Fontes, que perenes fertelisam
Citreos Pomares, pampinosas Vinhas,
Florestas de Sobreiros, que amplas sombras
Prestam aos Genios da Tristeza amigos,
Que vezes em teos montes resoarom
De Bernardim na rustica Theorba
Ternas Endexas, fructo de saudades
Daquella, que, outros montes habitando,
Mémore do seo Vate, recordava

Doces instantes de praser furtivo,
Que outrora lhe outhorgara entre perigos,
Uffana que seos brios colocassem
Em taõ alto lugar seo pensamento!
E quando, ja robusta, a nova Musa
Affouta despregou seo voo de Aguia,
Se ergueu aos Astros, perpassando as nuvens,
Das primeiras Licçoẽs nunca esquecida,
Folgou de visitar verdes Florestas,
De Venus os Jardins, dictando os versos,
Que voavam á Amor, qual brando aroma,
Das Lyras de Garção, Phylinto, Elmano;
E o divino Camões, que a argentea tuba
Tão alto remontou de Heroes cantando,
Toma novo calor, nova harmonia
Quando da linda Ignez descreve as graças,
Os maviosos ais, e a morte dura:
Quando pinta a formosa Cytherea,
Que, namorando o mar, a terra, os ares,
As Espheras transpoem, e a bem dos Lusos
Mais mimosa, que triste ao Padre falla!
Quando colora co' as mais vivas tinctas,
Na Ilha dos Amores, nos Mancebos
O fervido seguir, os rogos brandos,
O obrigar supplicando; e nas Nereidas
A simulada fuga, ira risonha,
E o negar concedendo, lenocinios
Que o pejo iludem, e o prazer avivam!
Siga-se, oh Lyra, de Camoes o exemplo,
De Isabel os amores descantemos!
Em quanto o resto das Mouriscas Hostes
Alvarado persegue athe ás Raias
Com ligeiro Esquadrom de Almogavares;

Victorioso o Exercito se acolhe
Aos muros de Balbastro entre os aplausos
Dos Habitantes seos! Ali penduram
Nos Templos, uso antigo, os Estandartes
Arrancados com sangue aos Innemigos.
Ferido ali o intrepido Garcia
Vai a favor de Medicos soccorros
A vida recobrando, e alto publica
Que, si inda respirava a vital aura,
A Dom Marcos o deve. Inteiros dias
Dom Marcos (que Isabel assim nomeiam)
Passa junto ao seo leito. Ouvi-lo, e velo
Desusado prazer n'alma lhe move,
Garcia comtemplando o seo semblante,
Sobem-lhe á mente ideas, que trabalha
Em vaõ por dessipar, que mais se avivam
Quanto mais pensa, quanto as mais combate.
Hum dia passeando a linda Dama
Desce ás margens do Vero deleitosas,
Sempre cobertas de verdura, e flores,
Baixava o Sol, e á sombra de hum Salgueiro,
Que em roda athe ao chaõ prolonga os ramos,
Senta-se; sobre a mão a face inclina,
O vegetal aroma, que derrama
Em torno della o Zephyro, o sussurro
D'agoa corrente longo tempo a embebem
Em suave tristeza; alfim recorda,
E desta sorte exclama « Qual he este
« Profundo, inexplicavel sentimento,
« Que athequi nom provei, e em mim domina?
« Por que ha de sempre a imagem de Garcia
« Seguir-me á solidom? e porque n'alma
« Eu sinto, delle ausente, hum vago, huma ancia

« De o tornar inda a vêr? porque si ficta,
« E oh quantas vezes? em meo rosto os olhos,
« Sinto ás faces subir-me hum vivo fogo,
« Que abrasa-las parece!... si está ledo
« Me alegro, si está triste me entristeço!...
« Mais que o do Rouxinol em meos ouvidos
« O som da sua voz brando resoa!
« Si da vida salvar-lhe me dá graças
« Tanto me ufano, que tivera em menos
« O dominio gosar do Mundo inteiro!
« Si louva o meo valor, entaõ quizera
« Ter alcansado de Alexandre os louros.
« Si outra Dama lhe falla, odeio-a logo,
« Morta a desejo!... que loucura!... acaso
« Sera isto o que amor os Homens chamam?...
« Talvez!... quem sabe?... e eu amarei Garcia?...
« Ama-lo!... e porque nom?... de illustre sangue,
« Moço, gentil, valente, generoso,
« De alto estado Senhor, o que lhe falta
« Porque a ufania de meo Pay contente?
Disse, e a mão por acaso leva ao seio,
E subito estremece, comtemplando
O que Elphyra lhe deo botom de Rosa,
* Que aberto vivo aroma difundia!
O pobre Lavrador, que sotterrada
Acha, ao cavar seo Horto, amphora cheia
De cunhado metal, menos se alegra,
Que Isabel exultou! «que mais duvido?
« Das promessas de Elphyra o tempo chega,
« Seo Botom já floriu!... amo, e Garcia
« He o que eu devo amar!... que louca estava
« Que as palavras da Fada me esqueciam!
« — Ja o tempo de amares se aproxima,

« — Digno o objecto será; has de encontra-lo
« — No ardor da guerra entre horridos perigos, —
« Quem mais digno de mim do que Garcia?...
« Na guerra o deparei, salvei-lhe a vida,
« Ja nas garras da Morte!... como tudo
« Co' a predicçom combina!... he vinda a quadra
« De eu ser em fim ditosa!... oh muitas vezes
« Feliz o instante, em que, vestindo as armas,
« A' guerra tentei vir! » Ergue-se, segue
A corrente do Rio, que serena
Com ceruleos debruns as margens beja!
    Eis de subita idea acometida
Pára, e diz « Porem como ham de cumprir-se
« As promessas de Elphyra? como pode
« Garcia amar-me? cre-me hum Cavalleiro!...
« Declarar-lhe meo sexo a Fada o veda!...
« Saio de hum Laberinto, e outro me enreda!
« Que farei?... observar a Ley de Elphyra,
« Quer que eu ame, e que o afecto desimule,
« Protegeu-me athequi, fique a seo cargo
« Dirigir, aplanar, regular tudo!
    Vinha a Noite chegando; ella dá volta
A' Cidade, suspensa entre esperansas.
Chaga amorosa, que lavrava a ocultas
Dentro em seo coraçom, ora mais viva
Repouso lhe nom deixa. Assim o Incendio
Que hia occulto lavrando em matto espesso
Si de Noto hum pégom sobre ella sopra,
Em labaredas sobe, e, campeando
D'Arvore em Arvore, a Floresta annosa
Estrondoso devora, e volve em cinzas.
    Garcia em tanto recobrava as forças;
Mas tristeza maior lhe assombra o rosto.

Sargil, seo Escudeiro, o contemplava
Ora profundo meditar, e logo
Cruzar no peito as maõs, soltar suspiros.
Hera Sargil hum Servo lealdoso,
Astuto, jovial, e a mão do Tempo
A embranquecer-lhe a coma começára,
Do Amo a afflicçom lhe doe, e assim lhe falla.
« Que nova dor? que nova magoa he essa,
« Que recatas de mim? quando deveras
« Ledo exultar co' a vida, e co' a saude,
« Suspiras? gemes?... muita vez nos braços
« Te adormeci na infancia; a ter hum Filho,
« Mais que a ti non o amára! Usar segredo
« Comigo he ingratidom! eia, saibamos
« O teo pezar, si tens pezar!» Garcia
« Responde, — Si hei pezar!... pezar interno,
— Pezar que me enloquece, e leva á morte! —
« São Thiago!... os cabelos se me hirrissam!...
« Pezar de morte!... e qual?» — Tens observado
— Os olhos de Dom Marcos? — « Muitas vezes,
« Que lindos sam!... mais negros que azeviche,
« Tão brandos, e expressivos! tão gamenhos!...
« De certo, si o Muchacho a amar se aplica,
« Moça nom achará, que lhe resista!
— Eis de meo mal a cauza! — « O que, meo Amo?
« Os olhos de Dom Marcos?» — sim — « Thegora
« Quem ouviu taõ donoso desparate?
« Que dó me faz!... meo amo está louquinho!...
« Depois de amar sonhada formosura,
« Polos olhos de hum Homem se derrete!
—De hũ Homem!... nom!... Homem nenhum thegora
— Olhos gosou taõ meigos, taõ suaves,
— Taõ divino semblante, e voz taõ doce!

« Mas quem queres, que seja?» — linda Dama,
— Que em viril trage as armas exercita! —
« Cada vez a milhor!... Dama presumes
« Quem fende morriões, retalha escudos,
« No sangue exulta, e nenhum risco esquiva?..
« Ve, Senhor, que nom seja algum Demonio,
« Que tentar-te viesse em forma humana!...
« He o Demonio hum Pescador astuto,
« Que com varios anzoes as almas pesca,
« Estes com ouro, com a gloria aquelles,
« Com cargos huns, com formosura os outros,
« Que mestre he de maranhas!» — Nom gracejes,
— He Dama, nom me iludo, alto mo affirmam
— Do coraçom os vivos sobresaltos.
— Sabe mais; em figura, em moto, em rosto
— He a mesma, que em sonhos vi outrora,
— Que o Mago me affirmou, que achar devia. —
« Em tal caso nom fallo, encolho os hombros!..
« Quando era Sacristam na minha aldeia
« O meo Cura» — Que nescio! deixa o Cura!... —
« Tal nom farei, qne o Cura he necessario
« Para o que vou dizer. Como contava
« O meo Cura aos Seroẽs, ao lar sentado,
« Pelas noites de Inverno a mim, e á Ama.
« Do bom Dom Florisel a Historia lia;..
« Por signal, que hera escripta em Pergaminho
« N'hnmas Letras mui feias, mui travadas,
« Que elle chamava Gregas, e taõ Gregas,
« Que eu nunca huma palavra pude ler-lhe,
« Mas o Padre corrente as entendia!..»
— Acabas ja preambulo taô longo! —
« Nom te enfades!... Authora do tal Livro
« Hera a famosa Magica Zirfea,

« Que da Ilha de Argines foi Raynha,...
« Sabes onde he Argines?» — Nom — « he pena
« Que eu o nom perguntasse ao Padre Cura!
« Paciencia!... dizia a dicta Historia
« Que a Raynha do Caucaso, chamada,
« Si bem me lembra, Zahra, e a Filha sua
« A mui presada Infanta Alastraxerea,
« Andarom polo Mundo em viril traje
« Acabando arriscadas Aventuras.
« Com que, si isto he verdade, nom duvido,
« Que tambem seja femea o tal Dom Marcos.»
Nisto entrava Isabel, Sargil se ausenta;
Garcia a recebe-la se adianta,
E, tremulo qual Vime, a mão lhe aperta.
Quem devéras amou conhece o enleio,
Que em presença daquella, que idolatra,
Nom declarado amante agita, e punge.
« Bons dias, Cappitam, (lhe diz a Bella)
« Triste estas?» — muito triste. (elle responde) —
« Talvez tua saude...» — Nom, sam d'alma
— As dores, que eu padeço. — « A causa dellas
« Ser-me-ha dado saber?» — Acaso amaste? —
« Nunca! (Isabel corando lhe replica)
— Então mal podes conceber meos males.
(Garcia lhe volveo) porem segredos
— Com taõ fiel amigo eu ter nom devo. —
Sentam-se, e assim começa o Cavalleiro.
« Nom sei, quando o souberes, si o meo Fado
« Te dará riso, ou dó! caso taõ novo,
« Taõ inaudito, e raro, sae da esphera
« Dos vulgares successos! narrar magoas
« He dellas lenitivo; mas a minha
« He tal, que o nom conta-la he ser prudente.

« Que em Oviedo nasci, qual he meo sangue,
« E qual o estado meo, ja te he notorio.
« Amador do saber, e dado ás Letras,
« Nom desdenhei a guerra, exercitei-a
« Seguindo de meo Pay o heroico exemplo.
« Na paz em montear passava os dias,
« Praser suave, que comprei bem caro!...
« E nunca da Beleza os atractivos
« Sobre o meo coraçom fizerom brecha.
« De nescio persumi que este tributo
« Nom tinha de pagar, e Amor cobrou-o
« Com violento rigor, per modo estranho.
« Hum dia, andando á caça em prado hervoso,
« Vi linda Corsa, que repasta, e folga.
« Armo o Arco, desparo, a seta voa,
« E no lombo se encrava! ella ferida
« Foge gemendo, sigo-a... Eis que do Bosque
« Se arroja huma Mulher em trage ignoto,
« Que a faz parar, a afaga, extrae a flexa,
« E, encarando-me, diz com gesto irado,
— Ferir ousaste a Cerva, que eu presava,
— Nom morre, que lhe valem meos soccorros,
— Porem breve outra seta, outra ferida
— Em premio te daraõ tormento longo. —
« Da ameaça zombei, e estava perto
« O complemento seo! volvo ao Castello
« Subnoute, busco o leito, e me adormeço.
« Sonhei!... sonho nom foi!... eu vi patente
« Pera mim caminhar Menino alado,
« Na dextra hum arco de ouro, aljava ao hombro,
« E o cerca resplendor, que a Estancia aclara.
« Vem a seo lado huma formosa Dama,
« Dama!... Deidade, que nom ha taes graças

« N'algum humano Ser! essa, que Zeuxis,
« De cem Belezas compilando encantos,
« Na Grecia coloriu, nom foi taõ bella!
« Meiga, e qual se hum preceito a constrangesse,
« Ficta os olhos em mim, antes luzeiros,
« Que na esphera de amor vibravam raios!...
« Em quanto eu a contemplo embevecido,
« Todo alheado, e absorto, Amor me clama,
— Eis a tua isempçom quem vencer deve,
— Cae a seos pes, adora, e me conhece. —
« Nisto o arco despara, a seta parte
« Sobre hum rasto de luz, vara-me o peito.
« Co' as maõs no golpe despertei gritando;
« Porem da linda Dama a imagem linda
« N'alma gravada estava em igneos traços.
« Da memoria risca-la aflicto busco,
« E ella cada vez mais, oh Ceos! se aviva!
« Tudo me desagrada, e me desgosta,
« Fujo das gentes, pelos montes vago,
« Ah! quem começa a amar, e amar receia,
« Nom busque a solidom; sombras de Bosques
« Nom acalmam paixões, dam-lhe mais força.
« No tranquillo silencio das Florestas
« Minha imaginaçom mais se accendia,
« E amorosos Phantasmas me cercavam!
« O Zephyro nas folhas sussurrando
« Heram seos passos; o rumor das Fontes
« Das roupas suas o rugir; das Aves
« No doce canto a sua voz ouvia!...
« Interno sentimento me afirmava
« Que neste Mundo da sonhada imagem
« O original existe, mas quem pode
« De sim, ou nom assegurar-me? escuto

« Que em montes de Granada hum Mago habita,
« A quem tudo he patente! nom hesito,
« Vou demandar esse Paiz formoso
« Coberto de viçosas Amoreiras,
« Nutrindo o Insecto, Artifece da Seda,
« Onde limpidos Rios se devolvem
« A' sombra de odoriferos Pomares
« De viçosos Limões, aureas Laranjas,
« De Romaãs, que os Rubis nos grãos imitam!
« Paiz, onde os seos Reys do alto da Alhambra,
« D'arte, e riqueza monumento eximio,
« Vem em torno de si brilhar Sciencias,
« O Commercio, a Opulencia, Industria, Letras,
« Praseres, e Policia, que inda ignoram
« Nossos agrestes Godos, que so sabem
« Vida pobre viver, brandir a espada;
« Deixando da Lavoura as uteis lidas,
« Gloria em Roma de Consules, Patricios,
« A' inerte Escravidom, que esterelisa
« Tudo o que toca co' a aviltada dextra!
« Entrei n'hum vale, verdejante, estreito,
« Cercado de alcantis, a quem chamaram,
« Per sua forma, de Geriom, o leito;
« Limpido Lago estende-se no centro,
« Altos Carvalhos, que de roda o cingem,
« Alamos, e Pinheiros vam ás nuvens
« Tecendo verde abobada, e parece
« Sobre o liquido espelho reflectido,
« Que hum magico Bosquel das ondas surge!
« No fundo huma pequena cataracta
« As agoas, refervendo, arroja ao Lago,
« Unico estrondo, que o silencio quebra
« Neste ameno recinto! domicilio

« Ahi poz o Mago em placido Tugurio,
« A cuja porta fresco Alpendre formam
« Arvores, que lhe dam annuo tributo
« De saborosas Frutas! acolheu-me
« Com benigno semblante o sabio Velho,
« Consolou minhas magoas! depois toma
« A meo pedido fluctuantes roupas
« Escuras como a Noite! solta as transas
« Que no colo, qual neve, lhe branquejam,
« Tem na direita a vara, com que traça
« Em torno a si trez circulos na terra;
« Na esquerda hum Livro, em que murmura a espaços
« O chaò pulsando magicas palavras
« Em lingoa ignota!... eis de repente soam
« Trez medonhos trovões, que reboando
« Nos echos das montanhas se prolongam,
« Treme a terra, e dos circulos ao longo
« Correm trez grades de azuladas chamas:
« No meio assoma hum Genio em luz emvolto,
« Que reverente ao Nigromante offerta
« Triangular espelho, cujos frizos
« Cifras matisam de lavor estranho!
—Observa—(elle me diz) « e, nom sei como,
« Ali aos olhos meos, huma apoz outra,
« Passando vam quantas formosas Damas
« Hoje adornam o Mundo! Alfim descubro
« Aquella, que na idea eu trago impressa,
« De praser transportado exclamo, he esta!...
« Mal dou tal grito, outros trovões retumbam,
« E o Genio, a luz, e espelho se esvaecem
« Como rapido sonho, e a par do Mago
« Na escuridom da noite, absorto eu fico!
« Voz nom soltei de atonito, e tremia

« Como hum Choupo dos Euros açoutado!
« O sabio me conduz ao seo alvergue,
« E assim me diz » — Que existe essa, que adoras,
— Ja vez, mas onde, e o nome seo dizer-te
— O Gram Demogorgon prohibe agora.
— Poder maior que o meo rege o teo fado.
— Busca-a fora da Patria, ha de ser tua.
— Dar-te esta segurança me permitem. —
« D'ali me aparto co' sorrir da Aurora.
« Peregrino de amor, vou descorrendo
« Quantas Cidades nossa Hespanha enserra.
« Terras estranhas ver, de varios Povos
« Notar usos, costumes, leys, he gosto
« Que, sem provado o haver, mal se avalia!
« Mil nos agitam sensasões ignotas,
« Mil quadros nossos olhos embelesam!
« Censuramos aqui, alem louvamos,
« E contrastam desgostos, e prazeres.
« Certo que o Ceo nom fez pera viverem
« No mesmo solo os Arabes, e Hispanos,
« Si muito a Crensa os aliena, o Genio
» Hum Povo de outro muito mais separa!
« Nossas Cidades Arraiaes parecem,
« Palacios, que habitamos, sam Castellos
« De Barbacaãs, e Torres defendidos;
« Nossos campos incultos estrondeam
« Com os sons da tuba venatoria, o Godo
« Austero, insociavel, blasonando
« De alto valor, e de nobreza antiga
« So tem praser nas armas, e seo peito
« A estranhas gentes franquear recusa.
« Tal o nocturno Mocho em toca escura
« De huma Arvore elevada se entrincheira

« Co' a solidom contente, e quando morre
« O claro resplendor do Sol, que odea,
« Sae polas sombras procurando a preza,
« E com funereo pio assusta os ares.
« O Arabe, em tudo extremo, se arremessa
« Do trabalho ao praser, do amor á guerra,
« As Sciencias cultiva, as Artes honra,
« Hospedeiro, e leal com seos amigos,
« Co's contrarios he Tygre! sam seos campos
« Jardins continuos, as Cidades suas
« Theatros de prazeres, e delicias,
« De continuadas festas, que os nom tolhem
« De acodir a seos traficos lucrosos.
« Assim o vasto Oceano ora parece
« As verdes margens afagar lascivo,
« Ora urrando dos ventos impelido
« Levanta até aos Ceos serras de espuma,
« Rochedos despedaça, Ilhas alaga,
« Os Navios devora, porem nunca
« Em calma, ou tempestade se deslembra
« De prefazer seu giro em torno ao Globo.
« Depois de longo curso entrei no Algarve,
« Terra amena, fecunda, e deleitosa
« A's abas do Oceano, a cujos portos
« Cada dia d'Europa, e Lybia chegam
« Mil Frotas mercantis! Terra, que abunda
« Em bravos Cavaleiros, Damas lindas,
« E onde as Musas Arabicas encontram
« No Alcaçar de seos Reys ditoso abrigo.
« Musica, e Poesia ali se volvem
« Hum gosto universal! Ao som de Flautas
« Os Pastores na Serra os Gados pascem,
« Cantando o Lavrador amanha os campos,

« Com suaves Romances, que acompanham,
« Accordes Instrumentos interrompem
« Da Estiva noite o tacito silencio
« Ternos Amantes aos umbraes da amada,
« Que se ergue, e mal vestida os ouve a furto
« Pela ferrea, miuda zelosia;
« Nas Zambras, assentada em rico estrado
« Almas encanta, ouvidos arrebata
« Donzella formosissima, que entoa
« Ao son da Harpa as inclitas proesas
« De Heroes, que enchem de gloria a Patria sua!
« Que tempo venturoso ali passara
« Com livre o coraçom! mas dores d'alma
« O sentimento do prazer embotam!
« Que servem jogos, festas, e torneios
« A quem devora o peito interna magoa?...
« So podia alegrar-me a, que eu buscava,
« E hera baldado afan!... Quiçá (dizia)
« Bem nom comprehendi do sabio o aviso.
— Busca-a fora da Patria — « e talvez seja
« Fora, nom das Asturias, mas da Hespanha!
« Eis já me embarco em Veneta Galera,
« E do insolito Oceano as agoas sulco!
« Mas como poderei pintar-te, amigo,
« A sensassom profunda, inexplicavel,
« Que prova o que, empégado a vez primeira,
« Perde de vista as praias, que se abysmam,
« E so ve Ceo, e Agoas?... ao principio
« Sua alma se engrandece, e se agiganta,
« E parece tocar co' dedo o extremo
« Da circumfusa immensidade! logo
« Reflexo sentimento o reconcentra
« Dentro em si, e lhe mostra o nada do Homem!

« Assim a Hemerocal, nascendo a Aurora,
« As laranjadas pétalas desprega,
« E da noite ao chegar as fecha, e murcha!
« Encostado a amurada, erguendo os olhos
« Pera os Ceos, e abaixando-os pera os mares,
« Dizia: o que sou eu, si me comparo
« Co' esse pelago undoso, que aos pes tenho,
« E a abobada cerulea, que se estende
« Sobre a minha cabeça?... mas que digo?
« Si quantos, desque o mar he navegado,
« Ahi tem jazido em tumulos de area,
« Agora sobre hum ponto resurgiram;
« Si a elles de Dario, Xerxes, Cyro
« Os enxames de Exercitos se unissem,
« Menos, que huma Papoula avultariam
« Nas Searas, que vestem lourejando
« As do aureo Tejo ferteles Lisirias!
« Descia a Noite! a solidom, da Lua
« Os prateados raios, que tremulam
« C'os das Estrellas na planicie equorea,
« Gritos de Aves marinhas, que atravessam
« Nos confins do horisonte em densos bandos;
« Das Nuvens os recortes pictorescos,
« O rumor das enxarcias, e das velas,
« O sulco luminoso, que abre a proa,
« Tudo objectos tristonhos, magestosos,
« Co' estado de minha alma harmonisando
« Em terno devaneio me embebiam!
« Mas, polo Estreito de Hercules rompendo,
« Folguei de ver o mar, que, de apertado
« Entre dois continentes, se enrolava
« Bramindo em praias de Africa, e de Hespanha!
« De hum lado em altas Torres tremulando

« As Mauritanas Luas, de outra parte
« As Cruzes dos Christaos, me figurarom
« Que ambas Religiões com vivos brados
« Do Universo o dominio desputavam!
« Entre as que estam bordando ambas as ribas,
« Varias Povoações, em meo caminho
« Avistei com horror de Ceuta o porto,
« Ou foz por onde a Arabica torrente
« Com furor sobre Hespanha se arremessa!...
« Maldice o traidor Conde, que vingando
« Da bella Filha incasta afronta, ou zelos,
« Aos fios submeteu do Mouro Alfange
« Polo crime do Rey da Patria o colo,
« Sorte usual de Imperios!... hindo ás nuvens
« Abyla, e Calpe, que fronteiros jazem,
« Diferentes lembranças me acordarom!...
« Cuidei que via Alcides, que afanoso
« Rochas em Rochas, sobre Montes Montes,
« Abrindo ao mar estrada, ergue, amontoa,
« E d'Africa, e d'Europa as pontas duas
« Co' as pasmosas columnas assignala,
« Monumento immortal das lidas suas!
« Como sois bellas, Fabulas da Grecia,
« Que em tudo influis vida!... costeamos
« De Gibraltar o morro, que suberbo
« Da Terra se despega, e se offerece
« A guerreira Naçom pera ser chave,
« Com que a seo folgo ou abra, ou feche o Estreito,
« E Emporio do Commercio de dois mares!
« Oxalá que eu me engane!... esse Cabeço
« Inda tem de costar rios de sangue!
« Porque mais te detenho?... navegada
« Grande parte do Mar Mediterraneo,

« Démos fundo no porto celebrado
« Da guerreira Cidade negociosa,
« Que d'Atila aos furores deve o Mundo;
« Cidade, cujo Doge, eleito apenas,
« Com pompa solemnissima desposa
« A maritima Thetis, que, por dote,
« O dominio do pélago lhe outhorga!
« Que prodigio! a Cidade reclinada
« Nas agoas, suas ruas se navegam
« Em gondolas douradas! vi com pasmo
« O seo vasto Arsenal, que se rodea
« D'altas muralhas, de soberbas Torres!
« E dos Obreiros mil, que lidam dentro,
« O operoso rumor fora se escuta
« Qual continuo trovom, que ao longe brame.
« Quatro Cavalos de dourado bronze,
« Que em Bisancio outro tempo decorarom
« De Constantino o Arco de Triumpho,
« Do Templo de Sam Marcos adereçam
« A soberba fachada!... oh! talvez inda
« Arrancando-os dali, a mão da Guerra
« Hirá outro Paiz encher de assombro,
« Co' este de obra Romana alto prodigio!
« Terra nenhuma me agradou mais que esta!
« Debalde buscarás no Mundo todo
« Algum Povo mais livre, e mais submisso,
« Que seja mais Politico, e Guerreiro,
« Mais activo, inventor, industrioso,
« Ou mais frugal no seio das riquezas.
« Hera então Carnaval, tempo votado
« Em Veneza ao prazer!... fechada a Curia,
« Fechados Tribunaes, os Pays, e Esposos
« Dam plena liberdade ás Nymphas de Adria,

« Que pomposas Prisões todo o anno enserram!
« Ellas, o rosto em mascaras fechando,
« Com vestidos de forma extravagante,
« Giram por Feiras, por Theatros giram,
« Tecem Choreas em formosas Quintas,
« Vogam polo canal illuminado
« Em ligeiros Bateis! soam d'em torno
« Sonoros Instrumentos, doces cantos,
« E aventuras de Amor se multiplicam.
« Disseras, que descendo em aurea nuvem
« A folgazaà Loucura, acompanhada
« De Risos e Prazeres, vem seo Throno
« Assentar em Veneza aquelles dias!
« D'ali a Lombardia me adianto,
« Theatro antigo de horridas Batalhas,
« Milaõ visito (Galos a fundarom)
« Que entre o Ticino, e o Adda se destende
« Cidade vasta, e rica, cujos Povos
« Polidez hospedeira pavoneam!
« Os Mantuanos Estados depois corro,
« E a sua Capital, antes Castello,
« Que de hum Lago do Mincio surge em meio
« Como hum Cisne, que nada! e onde ingresso
« Duas so prestam levadiças pontes.
« La saudei reverente o berço humilde
« Do Poeta maior, a quem as Musas
« No Latino Parnaso laurearom!
« Caminho ao Sul, e Modena me acolhe,
« A quem Sechia, e Panáro fertelisam,
« Entro depois Hetruria, antigo Berço
« Das Artes, das Sciencias, cuja origem
« Na escuridom dos Seculos se perde.
« D'onde a Roma nascente derivarom

« Reys, Auruspices, Culto, Sacrificios,
« Onde agora da Terra vam sahindo
« Antigos Monumentos de alto preço,
« E esses vasos de formas taõ donosas
« Cobertos de emblematicos lavores,
« D'Encaustica Pintura, Arte perdida
« Pera os mesmos Romanos! vi com gosto
« Nos Habitantes seos brilharem rasgos
« Do pristino caracter! já começa
« A surgir la da Ilustraçom a Aurora:
« Seo Idyoma taõ rico, e taõ formoso
« A levará d'Italia aos Povos todos
« Sem sofrer que outro surja em seo comfronto!
« Qual Diana de Nymphas circumdada,
« Descóla á frente das Cidades suas
« A pomposa Florença! bella a chamam,
« E o titulo merece! mas notando
« Partidos, que iracundos a dividem,
« Pareceu-me que via a Liberdade
« Abrir as asas indignada, e prompta
« A erguer o voo, abandonar seos muros!
   « Avante vou, e em campos sem cultura
« De corpulentos Bois, Bubalos feros
« Numerosas manadas repastando
« Do Mundo a Capital me indicam perto!...
« Toda a Historia Romana entaõ passava
« Pela minha lembrança!... mas quaò outra
« A Patria achei dos Decios, e dos Fabios!
« Seo ambito, que outrora mal continha
« Seos Cidadaõs, de vasto ora dá mostras
« Que ali passou recente ou guerra, ou peste.
« Onde a Praça, em que outrora retumbava
« A Eloquencia de Tulio? e que cingiam

« Os Esporões das Punicas Armadas?
« Onde a Curia de Reys, que decedia
« No Capitolio do Universo a sorte?...
« Onde se eleva da Concordie o Templo?
« O da Piedade Filial? de Jano,
« Que Augusto clausurou com ferreas trancas
« Depois d'Evos aberto? quem me guia
« De Pompeo ao magnifico Theatro?
« De Apollo á Bibliotheca? que se ha feito
« Desses triumphos, em que, baixo o rosto,
« Os debelados Reys presos seguiam
« D'hum Consul vencedor o carro ovante?
« Que Povo he este, que possue, que habita
« Dos Filhos de Quirino a terra heroica?
« Suas Damas das Porcias, das Cornelias
« So herdarom beleza, e dos Romanos
« Os Homens so o nome nos recordam!
« Frivolas Artes, mymicos costumes,
« Hum Luxo afeminado succederom
« A' grandeza, ás virtudes dos Quirites.
« E os cantos dos Eunuchos, que retumbam
« Por Templos, por Theatros pareceu-me
« Que insultavam dos Cezares as cinzas!
« Em quanto envergonhado o Tybre leva
« As ondas em silencio ao mar Tyrrheno.
« Roma moderna no lugar da antiga
« He lugubre Epithaphio, que lavrara
« Sobre o Sepulcro seo cinzel saudoso!
« Tudo quanto ha hi bello, e que interesse
« Do pensador os olhos sam ruinas,
« Ruinas de Aqueductos, e de Estradas,
« Ruinas de Palacios, e de Templos,
« Estatuas, que sahiram de ruinas.

« Roma, si inda hes Metropole das Gentes,
« Si amor, e acatamento nos mereces,
« He por que em ti o Redemptor do Mundo
« Sua Igreja fundou, e esta ventura
« O perdido esplendor te recompensa.
« De Roma, Peregrino infatigavel,
« Guiado por incertas esperansas,
« Me dirijo ao Paiz do antigo Capys,
« Jardim de Italia, que ao feroz Annibal
« Brios amoleceu de amor nos braços,
« E o Tybre redemiu! hum ar tão puro,
« Ceo tão brilhante, tão formosa Terra
« Nunca viram meos olhos! mas seos Povos,
« Prole de Gregos, Prole de Samnitas,
« Dos Samnitas, dos Gregos nada herdarom.
« Pobres com luxo, fracos com perfidia,
« Cortezes em palavras, si os offendes,
« Servem-se do punhal em vez da espada,
« De huma Athmosphera Electrica cercados
« Do Ocio, e Superstiçom nos braços dormem.
« Em vez de deparar nessas Campinas
« Venustos Jovens, innocentes Virgens,
« Da Naçom Primavera, entretecendo
« Do Alamo á sombra as nupciaes choreas,
« E Juizes anciãos recompensando
« Co' a posse da mais Bella o mais Brioso,
« So deparas com rusticos Pastores
« Rebanhos vegiando em Solo inculto,
« Temes que em cada bosque, em cada estrada
« Bandos de Salteadores te acometam.
« Ah! porque nom transporta a Natureza
« Os Povos de Liguria a taes Elysios,
« E entre asperos Rochedos os sepulta?

« Mas deste Clima as naturaes bellezas,
« Pictorescos prospectos seraõ sempre
« Do sensivel Viajante enlevo, e encanto!
« Quantas vezes no altivo Promontorio,
« A cuja falda verde se levanta
« Esse Castello de apoucado nome,
« Onde de Roma o Cezar derradeiro
« Dos Herulos sofreu pezados ferros,
« A vista derramando no horisonte
« Me embeveci com arrôbado enleio
« Em mil quadros Poeticos! á esquerda
« Se prolongava o Devisor da Italia,
« Filho dos Alpes, o Apeninno ingente,
« Coroado de neves, e Cyprestes
« Rasgando as nuvens c' os ethereos picos;
« De lá se arroja o Arno, arroja o Tybre,
« Rios Irmaõs, e que entre si desputam
« Da gloria a primasia, hum porque lava
« A sabia Hetruria, outro de Roma os muros;
« Taõ loucos como os Homens, que, nascidos
« Todos do mesmo Pay, de iguaes se pejam.
« La de vulgares montes se destaca
« O Vesuvio, que, ignivomo Gigante,
« Caminha ás praias, e no mar se espelha;
« De horror, e graça que contraste! em quanto
« No cume o seo Cratero vomitando
« Candentes pedras, e purpureas chamas,
« Geme, e se representa aos seos gemidos
« Que de Africa abrasada os Leoẽs todos
« Rugem juntos ali; que irado Jove
« Todos os seus trovões despara a hum tempo,
« E huma columna de ceruleo fumo,
« Como enorme Pinheiro, sobe aos ares,

« E junto aos Ceos em turbilhões desprega
« A negrejante copa! se revestem
« Da montanha as encostas cultivadas
« De aureos Palacios, de viçosas Quintas,
« De apinhadas Aldeias, que entremeiam
« Alegres Vinhas, Laranjaes odoros,
« De flores, e de fructos esmaltados!
« Quem com mais energia, que este quadro
« Pode ensinar aos Homens, que visinham
« O terror, e o prazer, a morte, e a vida!
« Descobria á direita o Pausilippo
« De latadas de Pampanos vestido,
« De corpulentos Choupos, como a Noiva
« Aldeã, que engrinaldada se apressura
« De Hymeneo aos Altares! ali dormem
« Do Mantuano as cinzas venerandas,
« Das Egypcias Pyramides mais dignas
« Que os inglorios ossames, que la jazem
« D'ignotos Pharaós, segundo he fama!
« Inda abrigo lhe dá velho Loureiro,
« Que elle proprio plantou! curva-se, alonga-se
« Polo golfo a montanha! alem assomam
« Prócyda plana, e Ischya montuosa,
« Mas o sopro do Tempo apagar soube
« Seo medonho Volcom! Baias lá fica,
« Baias, que n'outro tempo retumbava
« Com canticos de amor, e o som dos bailes;
« Baias ora em silencio, e onde alta noite
« Ainda de Agrippina os Manes gemem!
« Em frente tinha o golfo, que se estende
« Entre o Cabo Misseno, e o de Minerva,
« E que ao longe correndo magestoso
« Se une ao azul dos Ceos! o mar, brilhante

« Com os raios do Sol, vai, impelido
« De brandas virações, cobrir de espumas
« Os Rochedos de Capreas, que negrejam;
« Capreas, congesto de alcantis de Penhas,
« Covil de hum Tygre, que estancar nom pôde
« Em tantos annos de horridas cruezas
« De Roma escrava o soffrimento imfame.
« Na Cidade vagava outrora, aonde
« Tediosa mixtura se depara
« De Luxo, e de Miseria! onde salpicam
« De immundo lodo ricas carruagens
« Espectros semi-nús! onde Atalaias
« Com a lansa empunhada esmola acceitam!
« Onde o torpe Assassino, em pleno dia,
« Por premio vil banha o punhal no sangue,
« Onde a Prostituiçom corre sem freio!...
« Si alguem quer conhecer os vicios todos,
« Que degradam a triste Humanidade,
« Napoles busque!... la existem juntos!...
« Hia ás vezes a Portici, sentada
« Onde jaz sob as lavas do Vesuvio
« Sepultada Herculano, e possuido
« De entranhavel saudade eu exclamava;
« Debaixo deste chaõ, que vou pizando,
« Huma antiga Cidade, enriquecida
« De Monumentos de Sciencias, e Artes,
« Com lamentosa voz esta clamando,
— Volvei-me a luz do Sol, de que privada
— Estou ha tantos Seculos, e em premio
— Thesouros recebei, de que estou cheia! —
« Grita, e ouvem-na os Povos, e indolentes
« A tira-la do Tumulo nom correm.
« Na Caverna tambem de Pausilippo

« Obra immortal de Agrippa, eu hia absorto
« Admirar quanto pode a força do Homem!...
« Po'as entranhas de montanha enorme
« (Cavada em rocha viva) corre estrada
« Extensissima, e ampla em alto, e largo,
« (Pensáras, que aos Elysios se encaminha)
« E une Puzzuolo a Napoles! a espaços
« Formosas Claraboias lhe transmitem
« A necessaria luz, e ar, que a depura!
« Tufos de Hera, e flexiveis Enrediças
« Daquellas fendas descem, e contrastam
« Com seos verdes, ondeantes martinetes
« Da abobada os rochedos pardejantes!
« Nunca ali me entranhei sem que sentisse
« Terna melancholia, hum terror santo,
« Hum vivo enthusiasmo, que abalava
« As minhas fibras todas!... nom sem causa
« Jurava a imaginosa Antiguidade
« Que em profundas Cavernas, densos bosques
« Tinham habitaçom ignotos Numes!
« Assiduo meditando em meos amores,
« Corria as margens do Lucrino, e Agnano,
« Junto á gruta do Cam, ficando ao Norte
« Montanha, que branqueja, e que vapora!
« De Sulfatara o vale, que da Terra,
« Rugindo no seo centro exhala fumo!
« Seo Lago comtemplei crébro fervente,
« Cujas agoas sam negras, e se enxofram
« Mais quando o mar se agita! imagem fida
« Deste meo coraçom sempre abrasado,
« E que emnegrecem da tristeza as sombras.
« La jaz nom longe Cumas, e Acheronte,
« La se destendem os Elysios Campos,

« Base de antigas Fabulas! quem sabe
« Onde inda me levara o meo tormento,
« Minha louca esperansa, si a que volte
« De hum Pay a morte nom me obriga á Patria?
« Voltei!... mente quem diz que amor se esfria
« Nas peregrinações, correr do Tempo!...
« Ardo cada vez mais, mais me esperanso,
« Bem que em tão varias terras percorridas
« Nom podesse dizer de huma so Dama —
— Eis a minha ideal —... so hum semblante
« Thegora vi, que ao vivo a represente,...
« E esse he... o teo!...» aqui lhe a voz fallesse,
E, fictos nella os olhos, fica immovel!
Nunca prazer igual sentira a Dama
Como ao ouvir taes vozes!... perturbada
De alvoroço, em resposta nom accerta.
Alfim, dissimulando os motos d'alma,
Com forçado sorriso assim lhe falla.
« Certo que o rosto meo nom cri tão bello,
« Nem pensei que, depois de enternecer-me
« Co' a triste narraçom de teos pezares,
« Com lepido gracejo a terminasses!»
Garcia hia a fallar, e ella prosegue;
« Loucura he desculpar-te!... mas, si he certo,
« Toma-lo deves por porpicio agouro!...
« Ao menos o desejo!... muitas vezes
« Quando mais longe a cres, chega a ventura,»
Cortez, e alegre se despede; as forças
Si mais se constrangesse, lhe faltaram.
Fica o Amante, do que ouvira absorto,
Mais em suas suspeitas comfirmado.
Entra Sargil, e diz-lhe: «Então, meo Amo,
« Ha nova Zarha, ou nova Alastraxerea?»

—Cada vez mais o affirmo; os meos amores
—A Dom Marcos contei; ouviu-me attento,
—Interneceu-se, suspirou! e ouvindo
—Que hera da que eu adoro, a viva imagem,
—Sobresaltou-se, paliou comfuso
—Com chistosos donaires seo enleio,
—E subito deixou-me!... nom duvides,
—He Dama, e se recata! que o declare
—Fazer emporta, porem como?—«Como?...
« O caso he mui difficil!... o meo Cura...
—Sempre o teo Cura!...—«sempre! he vantajoso
« Ter que citar alguma Authoridade!
« De mais, eu quanto sei aprendi delle!...
« Contava que, escondido em femeo traje,
« Entre as Damas de Scyro se occultara
« Pera nom hir a Troya o bravo Achylles:
« Que Ulysses, grãa Raposa desses tempos,
« Desfarçado em Chatim la fora! aos olhos
« Das Nymphas presentou mil baforinhas,
« A que ellas promptamente concorrerom;
« Mas entre a mais viniaga havia hum Elmo
« Bem emplumado, rico Escudo, e Espada;
« A cuja vista de Peleo o Filho
« Cheio de ardor guerreiro as ricas toucas
« Arroja ao chaõ, poem Elmo, embraça o Escudo,
« Desembainha a Espada, e adeos desfarce!...
« Arme-se hum laço igual á tal Madama!...»
—Bem dizes! porem qual?—«Ha nesta casa
« Hum vistoso Pomar; ali com ella
« Desfarçado passeia, as fructas gaba,
« Si elle he Mulher ha de ás maçãas deitar-se!»
Approva-se o projecto, e ancioso o Amante
Aguarda para a prova o novo dia!

Fim do Canto V.

A HEROINA DE ARAGOM.

CANTO VI.

Musa do Tejo, novo ardor me inspira,
Que longo o Canto vai, e a voz falesce!
Companheira fiel tu me tens sido
Desde a mimosa infancia, e me influiste
Esta ancia de saber, que me devora,
E tão pouco medrou entre as procellas
De huma vida agitada! ao teo influxo
Devi sentir as graças, e os encantos,
Que os nobres versos de Virgilio animam,
Tu me outorgaste o Lyrico Alaude,
Com que entre Naturaes lucrei, e Estranhos
Nome, si grande nom, honroso ao menos.
Comtigo a Scena Tragica pisando,
Do Apologo as Campinas precorrendo,
Duas laureas ganhei, que raro a fronte
De Lusitanos Vates decorarom.
Devo-te, dos teos dons o, que eu mais prezo,
Os meigos sons, que a timída esquivança
Venceram do Lieutard, de Marcia, e de outra,
Que eu bem quizera, e que olvidar não posso,
Pois de mim a separa o longo Oceano,

Nem de a tornar a ver tenho esperança!
Dei-me ao teo culto em quadras de ventura,
E as illusões da gloria me cercavam!
Em quadras de afflicçom em ti somente
Deparava consolo, e meos pezares
A' tua voz harmonica cediam!
Declina o meo Outono, Amores, Graças,
E os Prazeres meos lares abandonam.
Tu so, Musa, so tu vesitar ousas
Do pobre Vate o solitario alvergue!
Nom te hospeda Opulencia aparatosa,
Vistosos Camarins, Trumós dourados:
Poucos Livros, e amigos inda menos,
E exata probidade, eis meos thesouros!...
Chegas, e á tua vista o meo semblante
Se alegra, e se desfranse; pulso a Lyra,
E Canticos entoo, que recordam
Da minha juventude o tempo ameno,
Prosegue em proteger-me, amavel Deosa,
Mesmo quando a Velhice desabrida
A cabeça de neve me branqueje!
E quando desça á Campa, nom seguido
De inuteis luctos, lagrimas fingidas,
Folgarei si na Terra, que me cabra,
Por tua mão desposta huma Roseira
Floresce odora, a cuja sombra possa
As vezes meo Espirito abrigar-se!

Hera a Hora, em que o Sol baixando accende
Em rubras labaredas o Occidente,
E de purpura, e de ouro as nuvens cora.
Sargil espera ancioso o resultado
Do projeto, que ao Amo sugerira.
Eis vem Garcia, e n'hum Sophá se arroja,

Palida a côr, desconcertado o gesto,
No rosto a morte, e largo tempo fica
Em profundo silencio. De seos olhos
As lagrimas, nom raras, se debruçam.
Sargil o observa, e de fallar nom ousa,
Receando a explosom, do que no peito
Vulcom de dor fermenta do Amo, e busca
Rasões com que lho espirito abonance.
Tal em frente do Cabo Tormentorio
Tranquilo existe o Ar, callado o Pego,
Mas o Piloto, que nos Ceos descobre
Pequena mancha, que negreja ao longe,
Bem conhece que horrenda Tempestade
Vai rebentar em breve, e de precauto
Velas amaina, a contrastar se apromta
D'Eolo, e de Neptuno as furias juntas.
Ergue-se em fim, e exclama o Cavalleiro.
« Certo em hora funesta eu vim ao Mundo
« Pera soffrer os mais crueis tormentos,
« Que Amor pode inventar! maldita a Corsa!...
« Maldita a Fada má, que assim se vinga
« De involuntaria offensa!... que hera sua
« A linda Cerva eu conhecia acaso?...
« Longo tormento me agourou!... bem longo
« Tem sido, e no durar mais força acquista!
« Como mais agitada mais se accende
« Do Archote a luz, do meo amor a chama
« Ao sopro da Esperança fez-se incendio,
« Que me devora! sofrimento, e forças
« Cedem, falescem! por estranhas terras
« Peregrinei tres annos, e consolo
« Me hera o pensar, que, achado o lindo objecto,
« De que hia em busca, o meo penar findasse!

« Achei-o, e vejo que as passadas penas
« Sombra nom heram do que eu sofro agora.
« Vejo o Idolo meo, sem achar meio
« De lhe dizer, eu te amo! » assim fallando
A largos passos no Salom vagueia.
—Senhor, (lhe diz Sargil)—« onde he que estavas? »
—Aqui— « He falso!... eu nom te vi » — As magoas
—Peneiras poem nos olhos!...—» minhas armas,
« Prompto hum Cavallo já... n'outro me segue. »
—Pera onde? — « a Granada »—E com que intento?—
« A consultar o Mago » — He na verdade
—Mui guapa a occasiom!... em guerra estamos,
— E, atravessando terras de Agarenos,
— Mal nos conheçam, remo nos espera! —
« Espere a Morte, parte, e nom repliques. »
O Escudeiro se ausenta, elle prosegue.
« Sim, consulte-se o Mago; elle so pode
« Desfazer esta duvida funesta,
« Que o triste coraçom me despedaça.
« Mas como?... nom disse elle que vedado
« Lhe hera dizer da que eu amava o nome,
« E o sitio, em que existia? que meo fado
« De poder mor que o seo pendente estava?
« Logo nesta jornada o que aproveito?
« Nada!... preciso delle porque saiba
« Que em Marcos se disfarça o bem que aduro?
« Nom mo declara o coraçom que ao ve-lo
« Se me alvoroça todo? e ha hi no Mundo
« Mago maior que amor? logo o que busco
« Por caminho hirrissado de perigos?...
« O que?... saber que meios ponha em obra
« Pera obriga-lo a declarar seo sexo.
« Mas, si iras de huma Fada me perseguem,

« Que me ham de aproveitar do Sabio as Artes?
« Quem sabe si, já quasi desarmada,
« Do meo louco insistir talvez se offenda!
« Submissom as abranda, orgulho as ira!...
« E que fora de mim, si, em quanto ausente,
« Outro mais venturoso achar podesse
« Meio de conquistar os seos afectos?
« Que idea pavorosa!... so pensa-lo
« He morte, e a mais atroz!... que digo? morte!...
« Do atormentado Inferno as penas todas
« A par disto saın gloria! nom!... fiquemos...
« Sempre a seo lado algum propicio instante
« Acharei que a verdade me franquee.
Nisto volve Sargil — Tudo está prompto.
« Preciso já nom he » — Entaõ nom vamos? —
« Nom. » — Muito folgo, evaporou-se o fogo! »
Profundamente meditar parece
O Cavalleiro então, e no seo rosto
Os diversos afectos se pintavam,
Que sua alma agitada nordesteam!
Tal no colo da Pomba comtemplamos
Cores mil, que se alternam ao reflexo
Da luz, que nelle fere! « ser-me-ha dado
« (Sargil lhe diz) saber que alto motivo
« Tiveram teos transportes? » — Que outra causa,
— Si nom amor, pode agitar meo peito?
— Perturbar-me a rasom? elle he quem move
— Em minha alma as procellas, e as bonanças.
— Teo alvitre falhou! — « Hera so isso?
« Pois á fé que julguei que a tal Matrona,
« De lhe cahir a mascara azoinada,
« Te mandava fugir da vista sua.
« Nom fora, mesmo assim, de morte o caso,

« Toda a Mulher diz nom logo á primeira,
« Nom, alto, e baixo, sim, depois abranda.
« Teima, e matarás caça, diz o Adagio.»
—Com Marcos passeei a tarde inteira
—No vistoso Pomar; fez mil perguntas
—Do meo amor á cerca, e parecia
—Que alto interesse em me escutar tomava!
= Garcia (alfim me diz) si, como espero,
= Deparares a Dama, que assim buscas,
= Muito a amarás? sempre serás constante?
—Si a amarei? (respondi) mais que a mim proprio,
—E so menos que a Deos! hum pensamento
—Nom terei, mesmo em sonhos, com que a offenda.
—A ouvir tal, scintilar vi em seos olhos
—Hum fogo de prazer, que me cegava.
= Eis dos amantes a usual lingoagem,
—Respondeu com desdem, = mas corre o tempo,
= E a posse extingue o amor = ao replicar-lhe,
—Mudou de assumpto, e me atalhou arteiro.
—Pera fructa colher convido-o, e elle
—Prompto mão lansa de formosa Lima,
—Mirando-a diz = Que bella Lima he esta
= Pera hum homem cheirar! = logo apontando
—A viçosa Maceira, que vergava
—C'os bem-corados, bem-redondos pomos
—De suave perfume enchendo os ares,
= Lindas maçãas (exclama) pera Damas,
= Quem podera levar-lhas! = parte, e deixa
—Dentro em meo coraçom da morte o gelo.
—Mas tu ris? — « Porque nom? tanto alvoroço
« Tal desesperaçom, tendo a certeza
« De ser amado amando?» — De que sorte?
« Sabe muito o Diabo, porque he velho,

« Nom por muito estudar, e eu sou já ruço!
« Pois que querem dizer tantas perguntas?
« Tanta curiosidade em teos amores?
« Tal gosto si protestas ser constante?
« Tanto affirmar que has de encontrar a Bella?
« Mordida está da Bicha a tal Moçoila,
« E, por bem te prender, te faz fosquinhas.
« Ou quem sabe si a Fada maliciosa
« Por mais te atormentar lhe impoem silencio?
Como, cessando o Norte, espessas nuvens
Dos cumes das Montanhas se arremessam,
Toldam do Ceo risonho a face alegre,
Do bojo arrebeçando ou gelo, ou chuva;
Si por ventura Phebo, que transmonta,
Deixa cahir hum raio luminoso
No seio da affligida Natureza
As Campinas revivem, trinam Aves,
E os Rebanhos atroam vales, montes
Com mugidos alegres! de Garcia
Assim se desnevoa a mente oppressa
Escutando a Sargil. — Sabio descorres!...
— Obra he tudo da Fada (elle responde)
— Seo furor contra mim persiste ainda,
— Mas, si credito dou do Sabio ás vozes,
— Ella tem de aplacar-se! claro disse
— Que havia possuir o amado objecto,
« Pois, si o disse, ha de ser ou tarde, ou cedo,
(O Escudeiro lhe volve) eu mais depressa
« Crera que queima o gelo, esfria o fogo,
« Do que ser vãa do Mago a prophecia!
« Quanto ao odio da Fada nom me assusta,
« Costumam per caminhos tortuosos
« Caminhar essas Donas; muitas vezes,

« Quandó parece a perdissom levar-nos,
« Nos levam á ventura! seo caracter
« Inclina pera o bem! longo tormento
« Te agourou, nom baldado. Si intentassé
« Que o fim de teos desejos nom lograras;
« Em Marcos, si he quem cres, inspiraria
« Aversom, nom o afecto, que te mostra;
« Finalmente, meo amo, o meo conselho,
« He proseguir no plano já traçado;
« Convida-o a jantar; da meza em torno
« Altas, e baixas disporás cadeiras,
« Si he Mulher na mais baixa ha de sentar-sé.
Nem o teo coraçóm tem mais descanço;
Bellissima Isabel! Amor a instiga
Com todos seos estimulos! da Fada
Mil vezes o preceito traz á idea,
Lisongeira esperança ora a embellesa
Com suavissimos quadros de ventura,
Ora negro receio os enevoa!
« Loucura he duvidar, Garcia me ama,
(Diz ella) o sonho seo obra he de Elphyra;
« Ama-me, oh! e que excesso, que ternura
« Brilha em sua paixom! as vozes suas,
« Seo olhar, suas mostras, tudo indica
« Fogo devorador, lealdade extréma!
« Que trabalhos poupou pera encontrar-me?
« Tres annos peregrino em longes terras
« Riscar d'alma nom póde a imagem minha!
« Ah! que fizera, si saber podesse
« Quaõ terna os seos afectos galardoo!
« Si o soubesse, digo eu? pois elle o ignora?
« Leem no pensamento olhos de Amante,
« O rosto de quem ama, he d'alma espelho!

« E cada gesto meo, cada palavra
« Lhe diz quem buscas sou, e terna te amo.
« Conhece o meo desfarce, arteiro o sonda,
« Cumpre-me olhar por mim; si lho revelo,
« Tudo se perde, e me abandona Elphyra!
« Cruel constrangimento! oh! quanto custas
« A hum peito namorado! mas que termo
« Terá? como acabar deve este enleio?
« Passei da guerra as asperas fadigas,
« Mas as de amor mais arduas sam, mais custam!
« Que porporçom ha hi c'huma Hoste armada,
« E hum amante, que meigo nos suplica,
« Que terno a nossos pés roga piedade,
« Cuja voz, cujas lagrimas sam fogo,
« Que se transmite a nós, e nos devora?
« La Elmo adamantino cobre a fronte,
« Tresdobrada Loriga ampara o corpo,
« Temos escudo de aço, aguda espada;
« O receio da morte, ancia de gloria
« Dos Companheiros o denodo, os brios,
« Tudo em nossa defesa se conspira.
« Aqui sem defensom se afronta o risco,
« E o nosso coraçom, sentidos, votos,
« Nom por nós, contra nós he que combatem.
Com estas reflexões preocupada
A deparou Sargil, que do Amo em nome
A opiparo banquete, em que celebra
Restaurada a saude, a comvidava.
« Nom faltarei » (responde) e o Servo astuto
Nottou que, de Garcia ouvindo o nome,
A Bella se alegrou, e as niveas faces,
Mais que a Rosa em Abril, se enrubecerom.
— Meo amo tem rasom, (comsigo disse)

— He Dama, tem-lhe amor, e se recata.
— Farei que se declare, ou corto as barbas!
    Ja se apromptа o Banquete, nom moldado
Polo vaõ luxo dos modernos tempos,
Em que das quatro partes do Universo
As variadas producções concorrem
Ao jantar de hum Pygmeo cosido em ouro,
Que fora, sem o haver, do Mundo oprobrio!
Nossos Avós, dos Godos descendentes,
Taõ valerosos, taõ frugaes como elles,
Nunca as aureas Baixellas conhecerom,
Nem massas, e adubados acepipes,
Que, em estimulo á gula, a França inventa.
Alvo Pam, tenro Boy, nedeo Carneiro,
Caça por elles morta, Aves cazeiras,
Vinho, e fructa na Patria produzidos,
Com abundancia tudo, hera o seo luxo.
Flores do Campo as mezas adornavam,
Franca alegria hera a policia sua.
Feliz idade, que nom viu na terra,
De mymicos Bichancros rodeada,
Dictando Leis ridicula Etiqueta!
    Ajuntam-se os alegres Convidados;
Entra Isabel, derrama em roda a vista,
Viu desiguaes Cadeiras, viu que observa
Todas suas acções attento o Amante,
= Laço aqui vejo armado = diz comsigo,
Pensa hum leve momento, e com desgarre,
Na mais alta Cadeira toma assento.
Vinho deita, o seo hospede sauda,
Trincha sem ser rogada, mil donaires,
Mil causticos apodos, que feriam
No sexo femenil risonha solta.

Contento sem mixtura em todos reina,
E, cousa rara então, mui vulgar hoje,
So nom teve prazer da Festa o dono.
Separou-se alta noite a Companhia.
Pesaroso Garcia ao Servo volta,
« Que te parece? (diz) — Senhor, (responde)
— Inda nom vi Rapoza mais matreira.
— Mas nom emporta, hei de afumar-lhe a cova,
— E have-la ás mãos!... coragem, prosigamos,
— Nova esparrella se arme! — « E qual? — Nom tarda
— A se abrir em campinas circumstantes
— Huma pomposa Feira! la te cumpre
— Hir desse teo Duende accompanhado,
— Com elle girarás as Vendas todas,
— Si elle he Mulher, ham de tenta-lo as fitas! —
Politica atilada inventou Feiras
Pera animarem o Commercio interno,
E a Civilisaçom! em tempos certos,
E em aprasados sitios se juntavam
Chatins de toda a parte conduzindo
As varias producções do solo, e industria,
Que á livre venda expunham. Concorriam
De toda a Terra os Povos a prover-se
Ali de todos generos precisos,
Por tal modo hums com outros convivendo!
Co' esta primeira Enchada começarom
A derrubar nossos antigos Sabios
Dos costumes dos Godos, e Suevos
O Feudal Edificio erguido, e feito
Pera isolar os Homens, obrigando
De cada huma Provincia os Moradores,
Os de cada Cidade, e cada Aldea
A ser no mesmo Reyno hum Povo estranho,

Dos mais cioso, e ás vezes inemigo!
    Mas nestas pouco a pouco se afizerom
Reuniões frequentes a tractar-se,
A unir-se com reciproco interesse,
E mutuas transacções! hes, oh Commercio,
Da Sociedade o vinculo mais forte;
Tu seos costumes barbaros adoças,
Interesses oppostos equilibras,
Desemvolves o engenho, Artes apuras,
E os cómodos da vida aperfeiçoas!
Si a defeza da Patria está nas armas,
A força de as brandir vem do Commercio,
Quem tem quer conservar; da Propriedade
O jus nos prende á terra, que nos nutre;
Faltas de Propriedade, e de Commercio
A Fome de seos Bosques arrojava
As do Septemtriom barbaras chusmas
Sustento a procurar no Sul co' a espada.
Assim dos Pirenneos, durante o Inverno,
De Lobos famulentas Alcateas,
Descem, e buscam preza, em que cevar-se
Nos cultivados vales! os Pastores,
Os validos Rafeiros em vaõ lidam
Pera salvar os pavidos Rebanhos
Da praga devorante, que nom cessa
Sem que o ferro o mor numero extermine!
    Mas do Tempo o correr, que tudo altera,
Mais brilhante caracter deu ás Feiras!
Os productos do Luxo, acumulados
Da Terra ás producções, as transformarom
De prazer em Theatro, onde passavam
Scenas alegres, e amorosos furtos.
Namorados Mancebos, Damas lindas

La forom nom comprar, mas ver, ser vistos.
Da Feira de Balbastro eis chega o dia:
Em largo Campo, que Arvores circumdam,
Mil Barracas de Lona armadas formam
Praças, e Ruas, que purpureos toldos
Contra os raios do Sol defendem; cobre
O chaõ verde espadana, e rubra area.
Dentro em ricos Balcões, vitreos Armarios
Por elegante methodo despostas
As omnimodas mérces desafiam
Da Cobiça, e do Gosto os vagos olhos.
La Volantim ligeiro o Vulgo encanta,
Co' a maroma nas maos saltando airoso
Em retesada chorda, ou fino Arame!
Ca em Camara Optica demostra
Charlatam palavroso a tenue preço
Remotas Regiões, o Ethna ardendo,
Os Alpes de geleiras coroados,
Do Papa a Corte, o Bosque das Ardennas.
Conduz este o giboso Dromedario,
E o Urso dançarim! outro governa
Com debil vara o valido Elephante,
Que a proboscide elastica revolve!
Aqui em alto pulpito subido
Descarado Impostor inculca a brados
Portentoso Elexir de invençom sua,
Que os males todos cura, e da Bellesa
Faz reviver n'hum ponto as murchas rozas.
Alem gentil Sigana, quanto astuta,
Solto o cabelo, o corpo desconjunta,
Girando como leve corropio:
Ou nas raias da mão, que lhe apresenta,
Os vindouros successos lê do Dono.

Ranchos encrusam Ranchos, e vagueam
De Barraca em Barraca, Rua em Rua!
Fora deste Recinto novos Quadros
Se apresentam aos olhos! as Manadas
Dos chatinandos Boys, lanosas Oves,
Ou trepadoras Cabras, recostadas
Sobre hum lado no chaõ quedas ruminam!
Pulverulentas nuvens alevantam,
Nos Cavallos em osso galopando,
Vozeantes Mancebos, que alardeam
A sua rapidez, e força, e fogo!
Nas providas Locandas se acumulam
Os Rusticos em bandos; giram copos
De fumegante Vinho, e de toldados
Cuidam que o chaõ lhe foge, e os tectos tremem!
Outros ao som dos Arrabis, das Gaitas
Tecem com temulentas Camponesas
Choreas Aldeãas! outros mais bravos
Os longos paos emcrusam, sahem, entram,
Fogem, avançam, saltam, golpes param,
Golpes acertam; hum vacila, o outro
Cae o sangue a golfar! tudo he bolicio;
Cantam, vozeam, rixam, the aos Astros
O rumor jubiloso se propaga!
Por entre os aureos carros, que devoram
As estradas rodando, á Feira chegam
Dom Marcos, e Garcia em Corseis negros
De brilhantes jaezes adornados.
Nos Cavalleiros dois se empregam todos
Os olhos femenis, e nom decidem
Qual tem garbo maior, maior bellesa.
Apeiam-se, e os Cavallos entregando
Aos Escudeiros seos, tudo registam,

Ao menos o parece, que hum ao outro
Mais atende que á turba variada
De objectos circumfusos! que ha no Mundo
Taõ bello, e encantador, que prenda a vista
De hum terno amante, que o seo bem nom seja?
He a paixom de Amor qual vidro ardente
Que n'hum ponto da luz concentra os raios.
« Nesta pomposa Loja, (diz Garcia)
« Feirar nos cumpre, tudo nella abunda.
A mui-prudente Dama os olhos lansa,
E as fitas mais preciosas, que avistára,
Viu a hum lado jazer; conhece o dolo,
E, disfarçando, rica adaga empunha;
— Pera hum Homem brigar que bella adaga!
— Que aci-calado ferro, e rico punho!
Pera as fittas, surrindo aponta, e clama,
— Oh que formosas fitas pera Damas,
— Quem alguma tivera a que offerta-las!
A Noite desce em fim; mais variada,
Mais brilhante aparencia toma a Feira.
Vivo reflexo de hum milhom de luzes
Da Carroça flammivoma de Phebo
Ausente o resplendor sentir nom deixa.
Ardem crebras fogueiras estalando,
E os Mininos, travessos em seos jogos,
Em torno clamam, e as transpoem d'hum salto.
De Damas mais frequentes chegam Turmas,
E com loquaz susurro atroam tudo.
Instrumentos harmonicos se escutam,
Cantigas populares! alta noite
Os dois pera a Cidade se retiram.
Vai mudo, e melancholico Garcia;
Ri-se a furto Isabel de o ver comfuso;

Que indole a da Mulher, que se recrea
Co' as penas the do Homem, que mais ama!
No centro da paixom sempre a vaidade
Predomina em sua alma, sempre cuida
Como ha de vender caro os seos favores,
E tal, que pelo amante dera a vida,
De atormenta-lo huma ocasiom nom perde!
O manhoso Sargil, que observa o Amo,
Nom dar palavra no caminho inteiro,
O motivo antevê, e dava ao Demo
Taõ negregado amor, tanto desfarce.
Ei-los em casa sós! o Asturianno
Passeia, na cabeça as maõs emcruza,
E purpureos suspiros d'alma arranca!
« Inda desta escapou?» (Sargil pergunta)
— E sempre escapará, (responde o Amante)
— Por de mais he lidar, meo Fado o ordena!
— E cumpre, novo Tantalo, que morra
— A pura sede tendo a fonte á vista.
« Isso nom, que Sargil inda nom cansa,
« E rede lhe armarei, que ella nom rompa,
« Huma vez cae a Caza, nem taõ dextro
« Esgrimidor ha hi, que ou tarde, ou cedo
« Nom descubra onde hum bote adverso o fira.
Disse, e em quanto Garcia á dor se entrega,
Pensando fica, e de repente grita
« Achei, achei!» e salta como hum Gamo.
— Achaste o que? (o Amo lhe pergunta
Que, de assim velo, attonito se ria.)
— Endoudeceste? — « Endoudeci!... veremos!...
« Tenho a Corça emprazada, e nom me escapa.
— Sempre dizes assim, e sempre zomba
— De todos teos ardiz! « Nom desta feita,

« Inda que por livra-la se empenhassem
« Quantas Fadas ha hi, Magos, Duendes!...
 — Muito prometes! mas em fim vejamos
— O que ideado tens! o Naufragante
— Proximo a submergir-se as mãos estende
— A debil canna, ao quebradiço vime!
« Despedio-se de nós a Primavera,
« E o Leom ja da juba as calmas solta,
« Serenas suas agoas leva o Vero,
« Nada ha mais natural que convida-lo
« Pera nelle á manhãa nadar comtigo:
« Si he Mulher claro está que se disculpa,
« Si he Homem, vem, desenganado ficas.»
— O laço he tão subtil (lhe diz Garcia)
— Que ardua cousa será que delle escape!
— Eu lhe vou escrever; fica a teo cargo
— Apresentar-lhe a Carta ao romper d'alva.
 Quanto he contradictorio o peito do Homem
Si o domina a paixom! busca a verdade,
E de encontra-la timido receia!
Ha certas ilusões, que nos fascinam,
E tememos perder! assim Garcia
Escrevendo a Isabel vacila, hesita,
E treme cada vez que se recorda
Que possa ser Varom! fechada a Carta,
Ao Escudeiro a entrega, e dividido
Entre susto, e esperansa o leito busca.
 Mas qual teo sobresalto, e o teo assombro,
Lindissima Isabel, quando no Leito
Eum Servo, ao romper d'alva, te apresenta
De Garcia o Bilhete! menos susto
Tem Caminhante incauto, que, marchando
A dubia luz da Aurora em bosque espesso,

Piza da Serpe o colo, e a ve raivosa
Vibrar qual chama a trifarpada lingoa,
E arquear sibilando a longa cauda!
Lê, e relê huma, e mil vezes, cuida
Que está sonhando; arroja-se do Leito
Meia-vestida, cem projetos forma,
E, mal que os forma, subito os regeita.
Tal dextro Esgrimidor do Imigo á frente
Vivo se avança, prompto retrocede,
Mil golpes varre, mil entradas tenta,
E sempre encontra do Adversario o ferro,
Que seos botes, seos impetos lhe frustra.
« O lanse, que eu temi, chegou (diz ella)
« O meo Sexo occultar Elphyra ordena,
« Meo Sexo conhecer tenta Garcia.
« Pude athegora com feliz industria
« Os ardis illudir, que amor lhe inspira.
« Mas este como? si nom vou comfesso,
« Impossivel he hir!... quem me encaminha
« Neste mar proceloso, em que navego
« Sem mais Norte que debil esperansa,
« Que a espaços me sorri, me accena, e foge?
« Quem vio mais, do que o nosso, estranho Fado!
« Devo ama-lo, e occultar-me, elle adorar-me
« Sem conhecer-me! hum Laberinto corro
« Sem fio achar, que me dirija os passos,
« E me liberte do entricado Enredo!
« Mas, si eu fiz quanto pude, o que me resta?
« Corro a declarar tudo ao caro Amante,
« Tempo he ja de cessar de atormenta-lo!...
« Louca!... si o faço para sempre o perco!...
« Bem claro o disse a Fada! e seos discursos,
« Certos em tudo, falharão so nisto?...

« Fugirei!... mas fugindo o que adianto?...
« Rompo o segredo, e cuidará que eu fujo
« Porque o nom amo!» A força de entregar-se
A oppostas reflexões, ideas varias,
Se recordou que a Fada lhe outhorgara
O poder invoca-la em arduos lanses.
« Que mor aperto, que este? (exclama a Bella)
Toma o roseo Botom, beija-o tres vezes,
E, suavissimo aroma a estancia enchendo,
Branda voz se escutou — De que te assustas?
— Da tua ditta a hora se aproxima;
— Vai ao prazo indicado, e a tempo idoneo
— La comtigo serei! — Como as Florinhas,
Que fizera curvar nocturno gelo,
Mal que a purpurea luz do Sol as doura,
Se erguem, e o calice odoroso expandem,
Assim toma vigor, exulta, e folga
O atribulado Espirito da Dama
Co' a protectora voz!.. nom sabe o como,
Mas co' auxilio de Elphyra se esperansa
Sahir airosa deste novo aperto.
Caminhava ao Zenith o Sol ardente,
Pelas margens do Vero passeando
Em bosquel de frondosas Amoreiras
Garcia com Sargil ha muito aguardam.
Soltos os seos Cavallos repastavam
Do fertil prado a felpa verdejante.
Cada instante, que passa, o peito alegra
Do bravo Asturianno, e a vez primeira
Houve quem de esperar nom se enfadasse.
« Nom falhou, oh Sargil, a industria tua;
« Iludi-la nom soube, (diz Garcia)
« He Dama, e nom virá! Dama, a que eu busco,

« E cuja posse o Mago me afiansa!...
« Quaõ longe a fui buscar, tendo-a tão perto!
« Mas do peregrinar chegou-se o termo.
« Livre já posso em meo amor fallar-lhe,
« Rogar, instar!...» — A ocasiom he bella.
(Sargil lhe diz) que ella ahi vem! — Hum raio
De procelosas nuvens desparado,
Que abraza crepitando hum Cedro annoso,
Ou gigantesco Roble, menos susto
Imfunde em quem o vê, que estas palavras
No animo de Garcia, que de longe
Reconhece Isabel, que, campeando
Em seo negro Corsel, se avezinhava!
Foge-lhe a cor, fraqueam-lhe os joelhos,
Turvam-se os olhos, quer fallar, nom pode,
Que a dor lhe prende a falla!... a nom suste-lo
Prompto Sargil exanime cahira!
Chega em tanto Isabel, leda se apeia;
« Tardei! (diz ella) quem comvida espera!
— Porem que observo?... palido!... tremente!...
— Que sentes? — Com trabalho repremindo
Sua perturbaçom volve Garcia.
— Nada!... afrontou-me a calma, mas ja torno
— A livre respirar! — « Folgo; (diz ella)
« Mas caprichoso andaste em comvidar-me,
« E creio que depreça te arrependas,
« Pois sou mau nadador! porem do Vero
« Taõ limpidas, taõ mansas vam as agoas,
« Que espero achar prazer no fresco banho.
Fallando assim, crebros estalos se ouvem,
Voltam os olhos onde o estrondo soa,
E hum Anom com figura de Correio
Vem, que em ligeiro Palafrem galopa

Contra o sitio, em que estam, e mal se apeia
Huma Carta a Isabel cortez entrega.
A Dama, desatando os nós de seda,
Lê, e, lendo, o semblante se lhe altera,
E arrazam-se-lhe em pranto os lindos olhos.
« Amigo (diz Garcia) que desgraça
« Essa Carta contem? » — Desgraça, e grande,
(Ella replica) minha Irmãa me avisa
— Que meo Pay jaz emfermo, e que he perdida
— Toda a esperansa de salvar-lhe a vida.
— Outro Filho nom tem, e terno me ama,
— Por mim a todo o instante está chamando.
— Prompto voo ao Solar, e oxalá chegue
— A tempo de beijar-lhe a mão piedoso,
— E receber-lhe a benção! — Nisto parte
Seo Cavallo a tomar, que solto andava.
Trava do Amo Sargil, e diz « Nom creio
« Que esta Carta, este Anom do Ceo chovessem
« Mesmo a ponto no critico momento!...
« Ella he mais fina que Raposas septe,
« E esta Scena despoz para embaçar-nos,
« E escapulir-se airosa deste aperto! —
— Talvez!... mas que farei? — « O que?... segui-la.
— Nom to pode negar vista a amizade,
— Que ha muito vos ligou!... tens palmilhado
— Pera dares com ella tanto Mundo,
— Que o galopares mais hum par de dias
— He cousa de nonnada! o fundo ao Cesto
— Cumpre ver, e quem he na Caza sua
— Saberemos em fim. — Nisto ella chega
Ja cavalgando « Amigo, adeos! » — Que intentas?
(Garcia vivamente lhe replica)
— Partir sem mim?... nossa amizade sofre

— Que em tão urgente caso te abandone?
— Comtigo hirei! ... Sargil, os Corseis toma. —
A Dama de prazer em si nom cabe
Ouvindo tal « A companhia tua
« So podia em tal lanse consolar-me,
« Mas nom to ousei pedir! ... » Vem o Escudeiro
C'os Corseis; já na sella se arremessam,
Cravam esporas, e, o Anom seguindo,
A longa estrada rapidos devoram.
Vai contente Isabel, bem que o desfarce,
Por que na ignota Carta vio notoria
Da Fada a protecçom, e porque segue
Garcia os passos seos; Elle a acompanha
Sem saber o que espere, ou tema; poucas,
A si, e a seos Corseis, horas, concedem,
De sustento, e descanso em vindo a noite.
No Castello de Affonso em tanto reinam
Saudade, e tristeza! aflige o Velho
Da Filha a longa ausencia, e nom atina
Qual a causa será! Thereza, Elvira
Pera dar-lhe consolo em vaõ trabalham,
Que Isabel so deseja, Isabel busca,
D'Isabel falla, de Isabel so cuida.
Tal a formosa Vaca, a quem roubarom,
Pera em sangue tingir aras de Numes,
A incornigera Filha, vaga, corre:
Debalde ferteis campos lhe oferecem
Relvoso, ameno pasto; em vão Ribeiros
A banhar-se, e a beber correndo a chamam;
Em vão densas Florestas a comvidam
Com sombra abrigadora! ella recuza
A relva, a limpha, as sombras, ... inquieta
Vales, e montes co' mugido atroa,

E cansada, e faminta ao Redil volta.
Huma tarde, em que o Sol, quebrando a força,
Pouco a pouco inclinava o Carro ardente
Pera o pego, em que Thetis o recebe:
E as frescas Virações batendo as azas
Suavissima frescura derramavam,
Na Torre da Homenagem, assentada
Junto ás ameias a gentil Thereza,
Depois de haver a vista derramado
Nos circumfusos Vales, de Harpa de ouro
As sonorosas chordas dedilhando,
De Rodrigo o Romance (1) assim cantava!
« Quando as pintadas Aves emmudecem,
« E a Terra escuta os Rios, que devolvem
« O seo tributo ao mar; á luz escassa
« D'Estrellas, que no timido silencio
« Tristemente scintilam; mais seguro
« Julgando o trage humilde, que a riqueza,
« E invejada Coroa; desvestidas
« As Insignias Reaes, que Amor, e Medo
« De Guadalete nas Campinas deixam;
« Bem diverso daquelle, que, inda ha pouco,
« Pomposo entrou na pugna decorado
« De ricas joias, premio de victorias;
« Em sangue alheio, e proprio as armas tinctas,
« Cheio o rosto de pó, sem Elmo a fronte,
« Copia funesta da Fortuna sua,
« Que em pó se volve, em seo Cavallo Orelia,
« Que de cansado mal respira, e beja,
« Escorregando, a terra; pelos campos

(1) Romance popular dos Hespanhoes, aqui fielmente traduzido.

« De Xerez, Gelboé chorosa, e nova,
« Por vales, montes, serras vai fugindo
« Rodrigo, infeliz Rey!... ante os seos olhos
« Voaõ tristes imagens!... temeroso
« Fere-lhe o ouvido o belico ruido;
« Nom sabe, ai triste! onde derija a vista;
« Si pera o Ceo, a cholera lhe teme,
« Pois fez offensa ao Ceo; si pera a Terra,
« Ja nom he sua, e marcha em solo alheio:
« Si dentro em si com as memorias suas
« Quer recolher-se, campo de Batalha
« Mais horrido, e funesto acha em seo peito:
« E assim entre soluços, e suspiros
« Se queixa o Godo Rey — Rodrigo infausto!
— Si isto outrora fizeras, e fugiras,
— Taõ leve como agora, aos teos desejos,
— Si aos assaltos de amor nom opuseras
— Fraqueza tão indigna de Homem Godo,
— Mais indigna de hum Rey, que o Sceptro rege,
— Inda Hespanha gozara a gloria sua,
— E essa forte defeza, que por terra
— Ora jaz! e que a cor ás hervas muda!
— Amada imiga minha, Hélena Ibera, (1)
— Oh si nascesse eu cego!... oh si nascesses
— Sem formosura tu!... maldita a hora
— Em que ao Mundo me deu a Estrella minha!
— Antes os peitos, que me derom leite,
— Me dessem sepultura! pago o censo

(1) A Condeça Florinda, Filha do Conde Juliom, conhecido vulgarmente pelo Nome Arabigo de Cava.

— A' Terra, em sua solidom dormira
— Com Consules, e Reys, ou Phebo humilde!
— Deste modo á Fortuna roubaria
— Carro, em que triumphar, e á triste Hespanha
— Hum Rodrigo motor da perda sua!
— Oh traidor Juliom, perfido Conde,
— Si hera a culpa de hum só, porque fizeste
— Taõ sem justiça, universal a pena?
— Si eu nunca aos Africanos fiz offensa,
— Por que a vingar-te os Africanos correm?
— Oh! si este as falsas veias te rasgasse
— Ponte-agudo Punhal! — « mais pertendia
« Dizer Rodrigo, e enojo lhe arrebata,
« E entre seos dentes as palavras quebra;
« E á Hespanha, que ja Barbaros dominam,
« Dizendo adeos, junto ao Corsel deitado,
« Pela innemiga luz do Dia espera! »
Da formosa Theresa a voz suave
Repercutida nos distantes echos,
Formava sons tão ternos, que parece
Que resurgindo as Victimas dos Mouros,
Vinham com ella prantear seos fados!
Acabou, e, lansando acaso a vista
A' encosta da Montanha, descortina
Dois Cavalleiros, que a galope guiam
A' porta do Castello, accompanhados
De hum Escudeiro, e de hum Anom, que os seguem,
E Escudo, e Lansa em Palafrens lhe trazem.
« Quem serão (diz Thereza) os que assim buscam
« Nosso Castello?... hum subito alvoroço,
« Nom sei porque, entra em meo peito ao velos!...
« Oh! se fosse talvez!... » mais perto chegam,
E ella, afirmando mais attenta a vista,

Pelos sobre-signaes a Irmãa conhece!
« He Isabel! » (exclama) arroja a Harpa,
Ligeira como hum Gamo escadas desce,
Atravessa os Salões, the que depara,
Affonso, que d'Elvira no regasso,
Ao som de seo cantar se adormecera!
Oh antigos Costumes!... haver pode
Para hum bom Pay mais brando Travesseiro
Que de Filha amorosa o meigo colo!
Thereza entra gritando « veio! chega!...
Sobresalta-se a Irmãa, o Pai desperta,
— Quem he que veio? (attonito pergunta)
« Isabel!... eu a vi... » a taes palavras
Na Sala de rondom se precepitam
A Heroina, Garcia, os Escudeiros.
Isabel de si longe arroja o Elmo,
Corre ao seio do Pay, que estreito aperta,
Com lagrimas de jubilo! a abraça-la
As Irmãas voam, soluçando todos,
Todos fallam a hum tempo, e mal se entendem.
Desviado Garcia, e mudo observa
Esta Scena da vivida ternura,
E os olhos seos arrazam-se de pranto.
« Filha, alfim torno a ver-te? (Affonso exclama)
« Oh! quanto padeci na ausencia tua!
« Mil vezes praguejei saudoso a Hora,
« Que de mim te apàrtou!... mas já voltaste
« E todo o meo pezar, ditoso, esqueço!
« Mas quem he este guapo Cavalleiro,
« Que teos passos seguiu? » — Esse he teo Genro,
— Si acceitar o quizeres!... — a Garcia
Depois voltando diz, — Si requestar-me,
— Taõ lindo Cappitam, intentas, seja

Suspensas sobre Gothicas arcadas.
Subo escadas de marmore, penetro
Por longos, espaçosos corredores;
Entro em vastos Saloẽs adereçados
De Estatuas, de Paineis, cujas Figuras
Parecem respirar, sentir parecem!
Quanto pode idear de bello, ou rico
Viva Imaginaçom he tenue sombra
Do que eu admiro aqui? fallar me cumpre
Dos formosos Jardins? vendo-os, disseras
De certo andou aqui condom das Fadas!
« Certo que nenhum Rey thegora (exclamo)
« Desfructou tão magnifica vivenda! »
— Pasmas (ella volveu) de quanto observas,
— Mas vem comigo, e crescerá teo pasmo. —
Abre então larga porta, e me entroduze
Em Salom, que abranger mal pode a vista,
De que apenas dar pode escassa idea
O que fingiu no Olympo o Smyrneo Vate!...
De ouro as columnas sam, sam de ouro as bases,
Rubins os capiteis, o chão he prata,
He prata o tecto, e muros, com relevos
De Saphyras, Diamantes, Esmeraldas.
— Que dizes disto? — (Urganda me pergunta.)
« Tudo me assombra, (eu volvo) e mais que tudo
« Essas Curuis Estatuas, que hi deviso,
« Obra certo de Phydias, ou de Scopas,
« Que eu jurára que vivem, que respiram.
— E respiram, e vivem, nom te enganas,
(A Maga me interrompe) Essas, que julgas
— Mortas Estatuas, sam Heroes, sam Bellas,
— Que já forom brasom de antigos Tempos,
— Cujas façanhas doutas pennas contam.

— Esta he a nos seos Livros tão fallada
— Camara deffendida, onde passarom
— Outrora tão famosas Aventuras.
— Antes que a Morte lhes cortasse os dias,
— Aqui os encantei, nos Astros lendo
— Que ha de em remotos Seculos Europa
— Carecer que seus braços a defendam
— De Mouros mais crueis, mais feros Unnos,
— Que de invadi-la tem! the esses tempos
— Aqui presistirão como submersos
— Nas doçuras de hum somno saboroso;
— Tal nos climas do Norte, quando o Inverno
— Com larga mão as neves amontoa,
— As Andorinhas, que em fugir tardarom,
— Em cavos troncos, fendas de rochedos
— Retiram-se, e dormindo a quadra esperam,
— Em que o Sol, conduzindo a Primavera,
— Derreta os gelos, e as desperte á vida.
— Então alegres pelos Bosques voam,
— Ninheiros edificam, e se entregam
— Novamente aos amores, e prazeres.
— Este, que vez primeiro, de alvo rosto
— Robustos membros, magestoso aspeito, (1)
— He o famoso Arthur, de cuja vinda
— A'vida expectaçom lavra em Britania. (2)

---

(1) Vej. os Cavalleiros da Tavola redonda de Ferreira de Vasconcellos.

(2) Os Inglezes, que tanto zombam de nós per causa dos Sebastianistas, deviam lembrar-se dos que entre elles esperam o Rey Arthur. Ca, e la mais Fadas ha.

— Eis Amadis de Gaula, digno tronco
— De huma Arvore de Heroes; tem a seu lado
— A formosa Orianna, Esposa sua.
— Segue-se Esplandiom, e Leonorina, (1)
— A, que de ambos áos pés, Donzella observas,
— He a, que tanto o amou, fiel Carmella,
— Que em seu nome perfez mensagens tantas.
— Eis Perion de Gaula, e Gricileria, (2)
— Lysuarte com Abra, a tão discreta,
— Segunda Esposa sua! mais ao longe
— Dom Florisel, e a Imperatriz Helena, (3)
— Estes, que se unem em abraço estreito
— Sam Galaor, e a mui gentil Briolanja, (4)
— De Orianna rival em formosura,
— E inda pende indicisa a preferencia.
— Ahi vês Agrages, e a presada Olinda,
— O forte Grasendor, Rei de Bohemia, (5)
— Com a sua Mabilia! observa agora
— Este Par sem igual na gentilesa,
— Sabes quem sam? Agesilau, Diana, (6)
— Principe elle de Cholchos, e ella Prole

---

(1) Chronica do Imperador Esplandiom.

(2) Chronica de Perion de Gaula, e Lysuarte da Grecia.

(3) Chronica de D. Florisel de Niquea.

(4) Chronica de Amadis de Gaula de Vasco de Lobeira.

(5) A'cerca destes Cavalleiros, e Damas vejam-se os citados Livros, em que delles se faz larga mensão.

(6) Chronica do Principe Agesiláo, III Parte da de D. Florisel por Feliciano da Silva.

K 2

—Do bom Dom Florisel, e de Sídonia,
—Que em Guindaya reinou! vestindo as armas,
—Hum Gigante nom houve, ou Cavalleiro,
—Que delle ao braço resistir podesse:
—Em nome de Daraida, em femeo trage,
—So Diana o vencia em gentileza.
« Por certo he extremada! (eu digo) e pouco
« Estranho desde agora me parece,
« Que por Agesilau, julgando-o Dama,
« Que por Agesilau, julgando-o Joven,
« De violento amor emdoidecessem
« De Gualdapa o Monarcha, e sua Esposa.
« Mas descubro huma Dama, que em semblante,
« E talhe desemvolto he seu retrato.
—Retrato seu?... Della o retrato he elle!
—Essa de o produzir teve a ventura.
—He a forte Raynha Alastraxerea, (1)
—De Dom Phalanges de Astra Esposa linda,
—Que junto della vês; (responde Urganda)
—Outra nom houve igual em vibrar lansa,
—Ou florear a espada, bem que a Fama
—Levante athe aos Astros essas duas,
—Caláfia, que reinou em California, (2)
—Sarmacia, que de Esparta foi Princeza,
—E o Troyano Oristedes desposára. (3)
—Vê Amadis da Grecia, e vê Niquea, (4)
—Que delle muito amante, e muito amada,

(1) Chronica de D. Florisel.
(2) Chronica de Lysuarte.
(3) Espejo de Princepes, y Cavalleros.
(4) Chronica de Amadis da Grecia.

—Seo thalamo fecundo enriquecera
—Com prodigios de esforço, e formosura.
—Flor da Cavallaria esse Heroe guapo
—Chamarom com rasom, pois nenhum outro
—Acabou tão penosas aventuras,
—E uniu tanta virtude, e tal denodo.
—Huma espada de fogo a Natureza
—No peito lhe estampou por fausto agouro
—Do estrago, que nos Barbaros faria.
De tão altas Princesas largo tempo
Estive embevecido comtemplando
A sem-igual beldade, que dá mostras
De que as formara adrede a Natureza
Para modellos de subtis Pintores;
Daquelles extremados Cavalleiros
A procéra estatura bem-talhada,
A altiva magestade dos semblantes,
Onde assomos de esforço resumbravam;
Nom tinha mais respeito, e mais bellesa
A Assemblea dos Deoses, que nos pinta
Nas cumiadas do Olympo o Lacio Vate,
O destino dos Teucros ventilando.
Disse por fim a Urganda « o Sol brilhante
« Centos de vezes acabou seos giros,
« Depois que estes Heroes aqui se escondem:
« Tenho, que elles existam por prodigio;
« Mas prodigio maior inda reputo
« Que os rostos nom lhe enrugue a mão do Tempo,
« E no vigor da idade os veja a todos.
—Do encanto isso provem, (responde a Magá)
—O Encantamento he sincope da vida,
—Que em sua duraçom nom se adianta,
—E o tempo, que decorre em tanto, he nullo.

— A esta causa geral, outra se ajunta
— Em algum desses Reys! o Sabio Alquife,
— Poude, á força de estudos, e fadigas,
— De Plantas, de Metaes, Fructos, e Flores
— Variadas substancias decompondo,
— Formar hum Elixir, que a vida do Homem
— Remoça, e com cem annos a acrescenta, (1)
— Sempre no mesmo estado, e, antes do encanto,
— A'quelles, que curvara a longa idade,
— O ministrou, por que os amava muito:
— E a virtude da formula, que digo,
— Volveu a juventude a mim, e a elle.

---

(1) A mania de remoçar, de prolongar a vida, e athe de conseguir a immortalidade por meio de beberagens, vogou muito na Europa com os Alchymistas, e se acabou com elles. Nom assim na China, onde cada vez mais se arreiga, apesar de muitos dos seus Letrados, e Imperadores haverem sido victimas da sua nescia credulidade a este respeito. Todos sabem que o Imperador *Wou-tsong*, dando ouvidos á charlatanaria de *Tchao-Kouey*, Chefe dos Bonzos da Seita de *Lao-Kium*, que lhe prometia a bebida da Immortalidade, si elle Imperador, désse hum Decreto para exterminar os Bonzos da Seita de *Fo*, ou *Che-Kia*, firmou o dicto Decreto, e tomou a bebida, que em vez de o tornar immortal, lhe deu cabo da vida dentro em trez dias. O miseravel nom sabia que os Homens so podem volver-se immortaes praticando a virtude, as Sciencias, e as Bellas Artes; e os Monarchas reinando com justiça, e acerto, e fazendo a felicidade dos Povos!

« Meravilhas me contas, (1) (disse) oh Sabia,
« E, si a verdade em labios teos se exprime,
« Deixa que eu prove esse remedio egregio,
« E encanta-me tambem, por que á luz torne
« Quando estes, e hum Poeta lhe grangees
« Que as passadas proezas, e as futuras
« Em sublime Epopeia lhe eternise.
« O gosto quero ter, volvendo ao Mundo,
« De ver da minha Patria o novo estado,
« Os costumes, as modas, a vivenda,
« Desmentir as patranhas de Escriptores,
« Que fallem do meo tempo, prescrutando
« Si, quando for essa Epocha chegada,
« Os Conterrâneos meos tem mais juizo,
« Com cubiça menor, maior virtude,
« E ouvidos menos rusticos, que inclinem
« Da suave Poesia á voz canora.
— Com sobeja rasom formas queixumes
— Do desdem da Poesia em Lusitania, (2)

---

(1) Phrase muito usada nos Livros de Cavallarias.

(2) Deste desdem, que os Portuguezes mostram pela Poesia, já Camões se queixava dizendo

Mas o peior de tudo he que Natura
Taõ asperos os fez, e taõ severos,
Taõ rudes, e de engenho tão remisso
Que a muitos dará pouco, ou nada disso.
Lus.

Iguaes queixumes fazia Bernardes

E porem de Mecenas tantos temos
Como de Brancos tem a Etiopia.
Cant. 26.

— Mas elle he natural! so almas grandes,
— Que em preclaras acções a vida empregam,
— Dam apreço á Poesia, que as celebra.
— Mas a quem nada faz de louvor digno,
— Em que podem ser uteis as Camenas?
— Onde estam os Almeidas, onde os Castros,
— Os feros Albuquerques, e os Menezes,
— Que dem obra a Poeticos lavores?
— Quanto ao mais, encantar-te posso, e quero:
— Teus dias prolongar so pode Alquife,
— E prompta estou a interceder com elle.
Do encantado Salom nisto sahimos,
E a Maga me conduz a hum alto Eyrado,
Que huma altissima Torre coroava.
Sobre bronzeo varom la vi disposto
Amplo Globo de vidro — Neste Espelho
— Fabricado co' a norma, que prescrevem
— Mag'cos Livros, que escreveo Medea, (1)
— Quanto passa no Mundo ouvimos, vemos,
— Passa-te ao lado do Occidente, e attenta.

E mais proximo aos nossos tempos Garção

Nom sabes que das Musas Portuguezas
Foi sempre hum Hospital o Capitolio?
Sat.

(1) Nos Livros de Cavallarias sam mui celebrados os Livros de Nigromancia escriptos por Medea. Elles formavam o principal estudo dos Magos e o que maior numero delles podia alcançar, maiores progressos fazia na sua Arte.

Disse a Maga; no espelho os olhos ficto,
E hum Jardim a meos olhos se descobre.
La de hum Caramanchom descubro á sombra
Linda Joven compondo hum ramilhete.
Disseras que hera Venus, que sentada
Em vistoso Bosquel da amena Chypre,
Pensativa esperava o lindo Adonys,
Que descuidado a Caça perseguia.
Chega logo o Moraes mui surrateiro,
E o joelho curvando, assim lhe falla.
= Ente unico! Mulher incomprehensivel,
= Que compões da mistura inexplicavel
= De desgraça, e ventura o meo destino,
= Nom sei si existes, mas que existes sinto,
= Eis-aqui teo amante, o teo Esposo!...
= Venho de hum Mundo, onde eu entrei somente.
= Onde elevei perene Monumento,
= Em que va, ja caduco, recostar-me. (1)

---

(1) Nom duvido que haja ahi Leitores, que nom entendam os septe versos, de que se compoem esta falla; mas consolem-se comigo, que tambem ácerca delles estou em jejum. *Davus sum, non Edipus.* Logo (dirão) porque os fizeste assim? respondo, nom os fiz; traduzi-os com todo o escrupulo e exacçom em verso da prosa do Prologo de certo Livro mui panegiricado, como hum modelo daquella espece de sublime, que se chama *Bathos*, e de que Pope escreveu hum erudito Tractado. Mas (continuarão os Criticos) ao menos devias perguntar ao Author do tal canhenho, o sentido desse Periodo para no-lo dares em huma nota traduzido em Portuguez. Confesso, meos Se-

Mal que isto vejo, e escuto, irado exclamo,
« Certo, ahi anda ilusom! nom he possivel!...
« Moraes, que he hum Phylosopho sisudo,
« De Mulheres ás plantas, requestando-as
« Em phrases enigmaticas, e oucas!...
« Moraes nom falla assim!... he falso!... he falso!...
« E dou á má ventura o espelho, e Urganda!» (1)
Nisto raivoso me levanto!... e rindo
Conheci que, dos Livros na tardança
Pensando, adormeci, e que sonhara
Os destemperos, que escrevi, bem dignos
De hum Poema Romantico á moderna!

F I M.

---

nhores, que o arbitrio hera excellente, e so lhe acho o defeito de ser inpraticavel, e por duas razões: 1.ª porque o Author ja morreo; 2.ª porque, inda que fosse vivo, he crivel que, bem examinado este amphigouri, me respondesse, *nec ego quidem intelligo.*

(1) Outra expressom tambem mui usual nos Livros de Cavallaria.

AO MUITO HABIL ARTISTA PORTUGUEZ MAURICIO JOSÉ SENDIM,

O D E

Por JOSÉ MARIA DA COSTA E SILVA.

Me il Phebeo lauro, alla tua dotta frente
Premio, e corona, me d'ei sacri ingegni
Amor con santo, inviolabil nodo
Distrinso teco. Belinelli.

Imitar co' pincel as varias Scenas,
Que opulenta oferece a Natureza;
Opondo a sombra á luz, e a luz á sombra
Dar vida a novos Seres,
Eis teo emprego, oh magica Pintura,
Tu encantas o Mundo, Tu conservas
Egregios feitos dos Heroes, e salvas
Da Morte as feições suas!
Da Grecia o puro Sól sobre o teo berço
Brilhante reluziu, pelos seos Bosques
Os teos infantís passos ensaiáram
As Driadas mimosas!
Aguia nascente, que seu ninho deixa,
E busca em Ceo estranho imperio, e prezas,
Tu foste alardear na culta Italia
Tua Gloria, e prodigios!

Roma no Capitolio te deu cultos,
Sagrou-te sobre o mar Veneza hum Templo,
Aras te ergueu Florença, e Lombardia,
Rivaes no estilo, e gosto!
O Belga nos seos pantanos obteve
Tuas inspirações, e, longo tempo
Menoscabado Amante, o Gallo pode
Conquistar teos Afectos!
Entre cultas Nações teo carro ovante
Marcha tirado por brilhantes Genios,
Seguem-no grupos de formosas Nymphas
Floreos festões brandindo!
O severo Desenho te precede,
Que copia fiel, e observa tudo;
Marcha de hum lado a Historia carregada
C'os passados successos!
Com cruento escalpelo a Anathomia,
D'outro, descoze palpitantes membros;
E a teos olhos curiosos poem patentes
Veias, musculos, nervos!
Mostra-te em breve Mappa a Geographia
Do Mundo o quadro, os trages, e os costumes
Dos varios Povos; Physica, e Mathesis
Te dam lições proficuas.
Tua regoa, e compasso a Perspectiva
Sustem na sabia dextra, em quanto as tinctas
A Optica ilusora te mistura
Na engenhosa palheta!
Assim a hum teo acceno os Bosques d'Asia
Zumbram com o vento sobre a tella, os Alpes
Com as geleiras suas se levantam
A' regiom das nuvens.

De verdejantes Ilhas coroado
Ergue a fronte o Orelhana, resuscitam
De Transimeno as pugnas, e de Troia
O incendio reflameja!
Aos Filhos abraçada outra vez Castro
Do inflexivel Affonso aos pés prantea;
Novamente de Ormuz se inclina o colo
A' Espada de Albuquerque!
Nem os Campos do Téjo, ás Musas gratos,
Desdenhaste habitar, Deosa engenhosa:
Daqui de teos alumnos leva a Fama
Pelo Universo a Gloria.
Ouvem-se com louvor, e com respeito
De Alexandrino o Nome, e os dois Vieiras,
O do grande Coelho, cujos rasgos
O Escurial enfeitam.
Tambem, Sendim amigo, ha de o teo Genio
Merecer no futuro igual coroa;
Então os quadros teos serão thesouros
Do Entendedor aos olhos!
Não te dê pena; que ao Pintor, e ao Vate
Sobre a campa he que a Patria faz justiça:
Vivos nossa grandeza dá ciumes
A' Soberba ignorante!
Mas a Morte desarma a negra Inveja,
E conduz a Justiça, que pezando
Na balança imparcial do Genio os dotes
Nos dá devido apreço.
Dos Destinos o Livro o louro Apollo
Officioso descerra aos seos Alumnos!
Nelle vi registado em aureas Letras
Teo Posthumo Renome.

AO SENHOR MAURICIO JOSE SENDIM
RETRATANDO O AUCTOR.
SONETO.

Furta meo Rosto, e o reproduz na tela
O teo Pincel!... que mal no Vate o empregas,
A quem do Manto seo nas densas pregas
Envolver a Desgraça ha muito anhella!...
Das Artes vivo Amor, que te desvela,
Nom sentem gentes rusticas, e cégas,
E quando a copia minha ao Porvir légas,
Elle talvez desdenhe conhece-la.
Ah! retracta das Lays a formosura,
Ou dos Grandes da terra o féro aspeito,
E fama lucrarás, ouro, e ventura.
Grego Pintor, menos que Tu perfeito,
Assim obteve gloria, que inda dura,
Dons d'Alexandre, e de Campaspe o Leito!

SONETO
(No dia dos meos annos.)

Hoje do Lustro septimo no meio
Lanso a vista em redor, e acobardado
Só desgraças descubro no passado,
E mais desgraças no porvir receio.
Que me serve cingir laurel Phebeio
Infructifero adorno, e nom vingado,
Si outhorgar-me nom quer mesquinho Fado
A' penosa existencia honrado esteio.
Oh qual erguera Cantico divino,
Si, desfransindo a torva catadura,
Hum dia me sorrisse o meo destino?
Mas que espero da Patria, ou da Ventura,
Si em avaro hospital morreu Thomino,
Tem Phylinto em desterro a sepultura?

SONETO.

Na face, que o pesar me vai rugando,
Murcharom da saude as rubras rosas,
E o fogo das paixões volupiosas,
Mal sob as brancas cinzas vai durando.
Os jogos de Cythera abandonando,
E as Choreas das Chárites formosas,
Fundos Bosques, Cavernas tenebrosas
Vou com tardonho passo procurando.
Ali he meo prazer em soledade
Das Scenas da fecunda Natureza
Contemplar profusom, e variedade.
Adeos, sonhos da gloria, e da belleza,
Suaves ilusões da Mocidade,
Que minha alma athequi tivestes preza.

ORACULO DO SECULO.
SONETO.

Ser hum no coraçom, outro no rosto,
Calcar aos pés o merito indigente,
Beber sorrindo o sangue do innocente,
Ao sabio propinar pena, e desgosto:
Ter para o crime o animo disposto,
Mostrar de Religião zelo apparente,
Calumniar, trahir, mas cortezmente,
Ter o ouro por Deos, por Lei seo gosto.
Eis do presente seculo a doutrina,
Em que he baixeza a estrada da ventura,
A perfidia brazão, moda a rapina.
Ai do triste, a quem coube huma alma pura,
Que a honra abraça, e bajular declina,
Que abrigo só terá na sepultura!

Por *J. M. C. S.*

Querer dar á luz huma Obra sem erros typographicos, he cousa, si nom impossivel, sobre-maneira dificil. Por mais habil, que seja o Compositor, por mais esmero, que ponha o Corrector na emenda das provas, por mais que estas se multipliquem, sempre de longe em longe apparecem alguns, como as veleidades do orgulho nos corações mais modestos. Lisongeio-me porem de que nesta Ediçom, entre os que vam appontados na infraposta tabella, se nom depara algum essencial. Quanto á Outhographia, que adoptei, e que parecerá estranha a nom poucos Leitores, estou certo de que os Homens lidos nos Authores antigos a reconhecerão por Classica. Como os Classicos dei a desinencia em *am* excepto na terceira Pessoa plural do Futuro Indicativo, a todas as Pessoas dos Verbos, que os Modernos terminam em *aõ*, uso, ou abuso, que faria crer que ha Dithongos breves, o que he hum absurdo. Terminei em *om* as terceiras Pessoas pluraes dos Preteritos, como praticou Pero de Andrade Caminha, e todos os Antigos, cujas obras nom forom alteradas quanto á Linguagem pelos Editores modernos. Restitui ao singular dos nomes, que fazem o Plural em *aõs*, *aẽs*, *oẽs* as suas genuinas terminações, que ora comfusamente acabam em *ão*, devendo ser em *aõ*, *am*, *om*, como

Christaõ. Cappitam. Rasom.
Christaõs. Cappitaẽs. Rasoẽs.

Igualmente restitui a sua Orthographia á particula *si*, deferençamdo-a do Pronome reciproco *se*, e á negativa *nom*, que os Antigos assim usarom, e alguns delles escrevem *nam*. No resto cingi-me, o mais que pude, á Ethymologia, primeira Regra da boa escripta, e da boa pronunciaçom.

	Erros.	*Emendas.*
Prologo		
Pag. IV — Lin. 6	Progeto	Projeto
—— Lin. 18	Não	Nom
Pag. VIII — Lin. 22	da Magia,	de Magia,
Poema		
Pag. 13 — Nota	Nequeas	Niquea,
Pag. 16 — Nota 4	Amadia	Amadis
Pag. 24 — Ver. 19	Domicilio	Domicilio,
Pag. 25 — Ver. 12	deves,	deves.
Pag. 29 — Ver. 32	sobem	sobem.
Pag. 30 — Ver. 7	Esquadras	Esquadroẽs
Pag. 52 — Ver. 30	ondeando	ondeante
Pag. 58 — Ver. 12	influio	influiu
Pag. 120 — Ver. 8	onro	ouro
Pag. 125 — Ver. 2	fructas,	fructas

— Em casa de meo Pay, mas nom na guerra.
Mal que isto disse, escuridom profunda
A todos envolveu; treme o Castello
Nos fundamentos seos, e parecia
Que a montanha com elle a terra absorve!...
Eis se escuta suavissima harmonia,
Das Rosas a fragrancia enfrasca os ares,
Vai viva luz as trevas desbastando,
The que as extingue; o Anom desaparece,
E, linda como a Aurora, assoma Elphyra!...
Todos a acatam, e se humilham todos
Da Familia á benigna Protectora,
Que une as mãos de Isabel, e de Garcia,
E sorrindo lhe diz « Cumpriste á risca
« Todo o preceito meo, recebe o premio.
« Fui eu quem accendeu em vossas almas
« Vivo incendio de Amor, que sempre dure,
« Venturosos vivei, que de vós ambos
« Alta Prole vira, que, a Patria honrando,
« Hum dia de Aragom occupe o Solio.
« De mim vos recordai; virei mil vezes
« Dias alegres desfructar comvosco,
« E rever-me n'hum quadro de ventura,
« Que dos desvelos meos foi digno objecto.

F I M.

A VISOM,

POEMETO

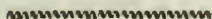
DE

JOSEPH MARIA DA COSTA E SILVA.

ADVERTENCIA.

Nom se persuadam os meos Leitores, de que este Poemeto nascera de eu haver em despreso a Poesia Romantica, que seria injustiça em mim o menos-cabar hum genero, a quem se devem os milhores Poemas deste Seculo; e a que, rigorosamente fallando, pertencem os de Ariosto, Tasso, Camões, e Ossian: mas sim do tedio, e indignaçom, que me causarom algumas obras, que nestes ultimos annos se publicarom, e que seos Authores chamarom Romanticas, quando so lhes competia o nome de estravagantes, e ridiculas: mas a inopia, ou falta de ciso destes, nom deve haver-se por culpa do genero, mas de quem mal o cultiva. Por ventura será o genero Classico responsavel por Pradon, e Pimenta escreverem ruins Tragedias, e La Mothe Odes hyperboreas? Foi por isso que no mesmo Poemeto procurei difinir o caracter de hum Poeta Romantico, e o que faz o distinctivo desta espece de Poesia.

A VISOM,

POEMETO.

Morreria o Moraes? «á manhãa (disse) (1)
« Ca venho, e prenhes trago as aljibeiras
« Co' a Conquista do Algarve, (2) co' a Ulysseia, (3)
« Co' as Poesias do Caldas» (4) mas passado
Tem hum solido mez, sem que appareça.
Que nom mente o Moraes he cousa clara,
He Homem de palavra; o mais ferrenho,
Mais sordido Judeo lhe acceitaria
Em penhor de mil Louras emprestadas

(1) O meo Amigo o Senhor Francisco de Moraes Sarmento.

(2) D. Branca, ou a Conquista do Algarve, Poema.

(3) A Ulysseia, Poema Epico de Gabriel Pereira de Castro.

(4) Poesias Lyricas do Padre Antonio de Sousa Caldas.

Dois cabellos da barba, si a tivera.
Grande cousa anda aqui! a phantasia
Mil penosas ideas me sugere,
E a mente encosta á mais cruel de todas.
Má cousa he ser Romantico; que apenas
N'hum Homem farejarom tal mania,
Dam logo nelle Fadas, Nigromantes,
E o metem em mil lanses, mil tractadas;
Testemunha esses Livros tão donosos,
Grato entertenimento em milhor tempo
De nossos bons Avos á guerra dados,
Que o Cura do Manchego Cavalleiro
Do Barbeiro, e Sobrinha accompanhado,
Sem piedade arrojou pola Janella, (1)
E no Patéo queimou, como se acaso
Fosse elle Inquisidor, Hebreos os Livros.
Quem sabe si Lupercio, Mago astuto,
O encafuou na Torre cristalina,
Onde em meio do mar ja encantara
Do forte Rosabel a linda Esposa!...
Talvez agora jaza emcasmurrado,
Encostado a hum Balcom, comtando as ondas,
Que na escada da Torre, e nas columnas,
Se arrojam remugindo, e se espedaçam!...
Pobre Moraes, si he tal!... onde ha de achar-se
Hum bravo Claramonte, que, vestido
Co' as armas de Theseo, e hacha tremenda,
Venha, destrosse os Guardas, e o liberte?... (2)

---

(1) Veja-se a Historia de D. Quixote por Miguel de Cervantes Savedra.

(2) Veja-se Espejo de Principes, y Cavalleros.

Talvez no extremo de Floresta escura
Fraudador dos Ardis désse com elle,
E, acallantando-o com palavras brandas,
O levasse enganado ao seo Castello,
Metendo-o na Gaiola, onde prendera
C'os dois Velhos Paschasios, que a seguiam,
A formosa Daraida; e de igual modo,
Rabeando de fome, agora veja
Fraudador co' as Irmãas dansar-lhe em roda,
Cantando «dá-me o pé, dá cá, meo Loiro!...»
Inda mal, si Guerreiro o Moraes fosse,
Podendo, como a intrepida Daraida,
Arrancar da bainha a Durindana,
De hum golpe espedaçar as ferreas grades,
E, o burlador burlado, por-se ao fresco. (1)
Em quanto assim fallava, eis de repente
Soa de vento horrisona rajada,
Que de vinte trovões imita o brado;
Remoinhando o pó se eleva aos Astros;
Da Janella as vidraças ritinindo
Correrom-se per si, a Casa treme!
Alva nuvem, ondeando, se dilata,
Emcorpora-se, fende-se, e a meo lado
Poem vulto feminil!... em seo semblante
Severa magestade resumbrava;
Tinha louro o cabello, em seis laçadas
Descriminado com chistoso esmero,
Pendendo a hum lado, e outro, e o mais colhido
Em subtis fios de huma argentea rede.

---

(1) Chronica de D. Florisel de Niquea por Feliciano da Silva.

De tercio-pelo azul opa trajava,
De pregas the á cincta enroquetada,
Com mil aureos Caireis; largas as mangas
De trez alturas, que apertavam golpes,
Polos quaes, donairosos transfloravam
Da morbida Camiza os niveos tufos.
Calsam-lhe as plantas Borzeguins purpureos,
Com debruns de onro, perlas os matisam:
Hum brilhante Carbunculo lhe aperta
O precioso cincto, e ao dextro pulso
Curta vara suspende aurea cadeia.
Ao ver o estranho trage, o modo estranho,
« Quem hes (subresaltado lhe pergunto)
— Urganda sou (1) (pausada me responde)
— Do muito sabio Alquife (2) a sabia Esposa.
« Urganda tu! » — Meo nome te he ignoto?—
« Nom; vezes mil o deparei nos Livros,
« Mas, perdoa, julguei que Alquife, e Urganda
« Heram Chymeras vãas, parto engenhoso
« Do cérebro de velhos Romanceiros.
— Nom pasmo; (diz sorrindo) os Homens de hoje
— A balda tem de duvidar de tudo.
= Nom ha Fadas, nem Magos (Elles dizem
Com decisorio tom,) nos nunca os vimos, =
— Como si elles de os verem dignos fossem!...
— Affeitos a tractar no tempo antigo
— Da alta Casa de Grecia, e Trebisonda

---

(1) Celebre Maga, de quem se faz larga mensom, em nossos Livros de Cavallarias.

(2) Alquife, Mago, que nos mesmos Livros faz grande figura.

— Imperadores, Reys, Heroes briosos,
— De alta Cavallaria, e braço invicto,
— De quem heram recreio as nobres Justas,
— De quem hera exercicio expor a vida,
— A favor da Innocencia perseguida;
— Affeitos a tractar formosas Damas,
— De lealdoso peito, e genio affavel,
— As benevolas Fadas, Magos doutos,
— Na geral corrupsom deste Universo,
— Desdenhando tractar Poltrões cobardes,
— Vis Escravos de sordidas riquezas,
— Desdenhando tractar Damas perjuras,
— De vendidos afectos mercadoras,
— Pera os Retiros seos se recolherom;
— E ahi na solidom, e assiduo estudo
— Sondam da Natureza altos segredos.
— Apenas, longe em longe, algumas vezes
— Os Poetas Romanticos visitam,
— E lhe inspiram Cansões, que nom souberom
— As Musas do Parnasso habitadoras.

« Agora mais me assombra a vinda tua!...
« Romantico eu nom sou! minha cabeça
« Com folhas de Carvalho nom se emrama.
« Cinjo o laurel Phebeio, que adornara
« De Garção, de Phylinto a fronte honrada,
« Como elles canto Heroes da Patria dignos,
« Canto de Amor as penas, e os prazeres,
« E da Amizade as sólidas delicias.
« Clara he minha dicçom, corre o meo verso,
« Como as correntes do Ar, fluente, e livre;
« Ponho todo o cuidado, e todo o esmero,
« Que seja o meo estilo igual, correcto,
« Pomposo, natural, e forte, e brando,

« Como o assumpto o requer; minhas ideas
« Sem baixeza singelas, e sublimes,
« Mas sem afectaçom, que em meos Poemas
« Nunca falte o feitiço da harmonia.
« A mão do outavo lustro já começa
« O castanho cabello a encanecer-me;
« Velho sou pera hir á nova Escolla
« Aprender relamboria geringonça,
« Que ao mofo seiscentistico trascalla;
« A estofar de conceitos rebuscados
« Pensamentos triviaes, ideas falsas;
« A em verso traduzir Ribadaneira,
« E as Historias de Bruxas, e Duendes.
« Tenho dó dos ouvidos dos Leitores,
« Nom quero atanaza-los com máos versos,
« Esdruxulos, agudos, derrengados,
« Duros, e sem cesura, e taõ partidos,
« Que a lingoa, a os pronunciar, se des-engonça.
« Deixo isso aos novos Vates, que presumem
« Co' a extravagancia remontar-se ao Pindo.»
— Esses nom sam Romanticos, sam loucos,
— Que a Lingoa, o Metro, que o bom gosto estragam;
— Como si, em seo delirio, se ajustassem
— Pera tornar ridicula a Poesia.
— Romanticos os Vates sam, que, affoutos,
— Sem traduzir os Gregos, e os Latinos,
— Mas do Espirito seo bem penetrados,
— Com estro, e pincel livre dar souberom
— Nacional colorido aos seos Poemas;
— Das modernas Nações pintar exactos
— Usos, costumes, crimes, e virtudes,
— E esse brilhante Espirito, que teve
— Polo Seculo treze o Nascimento,

— Em que o valor unido á formosura
— Altas cavallarias produsirom! —
  « Pois isso he ser Romantico?... eu cuidava
« Que isso hera ser Poeta, e bom Poeta!...
« Isso fez o Garção, e o bom Phylinto,
« Tolentino, e Thomino, e nenhum delles
« Romantico se disse! Ariosto, e Tasso
« Sam logo dois Romanticos da gema!...
« Foi então occioso, alem de absurdo,
« Hir hum nome inventar tão novo, e vago
« Pera couza tão velha neste Mundo.
« Porem seja Romantico quem dizes,
« Ou esses, que de tedio me abarrotam,
« O que exiges de mim?» — Venho mostrar-te
— Cousas, que nenhum Homem viu thegora;
— Porque cauza Moraes promete, e falta,
— E tanto em visitar-te se delonga.
  « Pois em nome de Deos!» (1) com gosto a Maga
Pola resposta viu que eu certo estava
No estilo dos Andantes Cavalleiros.
  Logo, como nom sei, nos cerca a Nuvem,
E, correndo mais rapida, que o raio,
Nos poem em erma praia! o mar contemplo,...
Desmedida Serpente nelle vejo,
Que, com asas abertas, coleando,
Serras de fofa espuma aos Ceos erguia!
E, por ellas rompendo, a terra busca!...
Ergue a enorme cabeça junto á praia,

---

(1) *Pues en nombre de Dios*, phraze affirmativa frequentemente usada nos Livros de Cavallarias de Feliciano da Silva.

Abre a boca, que hum Portico parece,
Taõ alta, e tão rasgada hera!... estendendo
A lingoa, que huma prancha semelhava.
— Entra ali — (diz Urganda) eu, recuando,
« Desmesura parece em tal Matrona
« Fazer-me esse convite!... eu nom sou Jonas,
« Pera em ventre de Cetos alojar-me!...
— Mal-fundado temor (replica a Maga)
— Serpente, isso nom he, bem que o figure,
— Mas a encantada Nau, em que outro tempo
— O bravo Esplandiom, por meo influxo, (1)
— Corria, sem Piloto, os largos mares.
Nisto da mão me trava, e vai comigo
Trilhando a prancha, ou lingoa, que a Serpente,
Mal que nos engoliu, prompta recolhe.
Dá dois pulos, voltando, com que as agoas
Faz saltar co' chapuz de hum lado, e de outro!
E, mais veloz que o leve pensamento,
Sobre as espaduas do Occeano voa.
Porem, no bojo serpentino entrando,
Que brilhante espectaculo me assombra!
Pomposos Camarins, Estancias ricas,
Cozido em ouro o tecto, o pavimento
Adornado de Persicos Tapetes,
Vestem paredes as Chinezas Sedas,
Que com aureas estrellas mil-relusem!...
Rico Estrado co' a Maga me recebe.
Seis formosos Anões lindo-trajados,
Com aljubas de monte, e rubros gorros,
Acepiposa meza nos presentam.

---

(1) Chronica do Imperador Esplandiom.

Em copos de cristal espuma, e ferve
O Bachico licor, cheirosas fructas.
Em pintadas bandejas desafiam,
Lisongeam a vista, olfato, e gosto.
Soam, sem ver de donde, accordes notas
De humanas vozes, gratos Instrumentos.
« Felizes (exclamei embevecido)
« Felizes os antigos Cavalleiros,
« Que tamanhos favores desfructavam!...
« Que barata compravam tal ventura
« A troco de estripar quatro Gigantes,
« De assaltar hum Castello, e tirar delle
« Formosa Imperatriz, gentil Princeza,
« Encañtadas, ou prezas por invejas
« De hum Mago astuto, ou de agravada Donna. (1)
« A troco de levar vinte estocadas,
« Que heram n'hum sancti-amen curadas logo
« Por niveas mãos de medica Donzella;
« The nisto venturosos os comtemplo,
« Nom viam, como nós, junto a seos leitos
« Repimpar-se Esculapios impostores;
« Nom sentiam nos membros doloridos
« Pesadas mãos de Cirurgioin casmurro,
« Que em cima de com fel nos nausearem,
« D'as carnes nos rasgarem sem piedade,
« Venha d'onde vier, pedem dinheiro.
Mil praticas em tanto Urganda tece,

---

(1) Qualquer destas Emprezas hera mais facil pera hum Cavalleiro Andante, que hoje pera as Senhoras o fingir desmaios, e pera os Taverneiros agoar o vinho.

Contando-me pasmosas aventuras
Nos Seculos passados succedidas,
Finos amores de formosas Damas,
Que o Universo Mundo alvorotarom
Com o renome da belleza sua.
Conta como Amadis da Gaula ousado
Deo em des-comunhal batalha a morte
Ao feroz Endreago, horrido monstro,
Como a linda Oriana libertara
Da Prisom de Arcalau, como provara
Do Arco dos constantes Amadores
A donosa aventura! (1) como obteve
Esplandiom, seo filho a rica espada; (2)
Como no instante de o matar dormindo
Presa do seo amor ficou Carmella.
Como Amadis de Grecia em tenra idade (3)
Em nome de Nereida, e trage alheio,
De Niquea colhera a flor virginea;
Como, de Finistea accompanhado,
Na Ilha despovoada hum lustro inteiro,
Pranteando, viveu, da Esposa a morte;
E huma, e outro, provando ignota fructa,
Em doce alienaçom ambos cederom,
Ao repremido amor, e derom vida
A Dom Silves da Selva, a quem ventura
Fez no amor inconstante, e forte em armas. (4)

---

(1) Chronica de Amadis da Gaula por Vasco de Lobeira.

(2) Chronica do Imperador Esplandiom.

(3) Chronica de Amadis de Grecia.

(4) Chronica de D. Silves da Selva.

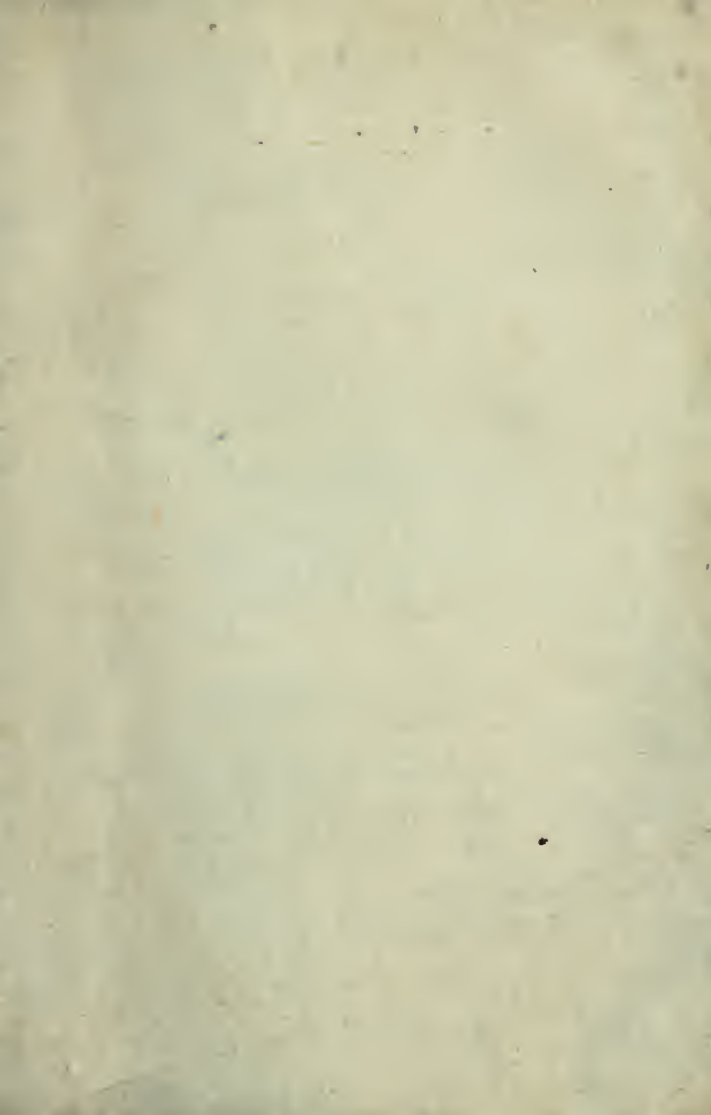
Conta como, depois de altos serviços,
Que amante lhe fizera em nome estranho,
A' de Constantinopla augusta Corte
Enganada Gridonia conduzira
O bom Primaliom, e em seu regasso,
Da palavra, que dera, em desempenho,
Poem a cabeça, a espada lhe oferece,
Com que a decepe, e o nome seo declara;
E como ella, depondo odio taõ longo,
Em premio a tanto amor, lhe outhorga a dextra. (1)
Largando mais a redea á solta lingoa,
Hia Urganda contando o duro assedio,
Que de Constantinopla poz aos muros
O forte Albaizar, vingando o rapto
Da formosa Targiana!... (2) interrompeu-a
A Serpente, que em pulos dava indicios
De haver alfim chegado ao seo destino.
Aos olhos seos, janellas bem rasgadas,
Promptos corremos, e alongando a vista,
Vimos encachoar-se ao longe as vagas,
Sobre hum Recife crespo de rochedos.
Avançamos, e subito rompendo
Do equoreo plaino hum Choro de Sereas,
Circumdam o Baixel; do cincto a cima
Sam gentis Nymphas, no demais sam Peixes.
Instrumentos multimodos tangiam,
Com meigo Canto suspendendo os ares.
Suave hera ver outras enlaçando

---

(1) Chronica do Imperador Primaliom.
(2) Historia de Palmeirim de Inglaterra por Francisco de Moraes.

Nas quedas agoas festivaes Choreas,
E logo, feitas Aves, levantar-se,
Bater nos ares variegadas pennas,
Nelles soltar dulci-sonos gorgeos.
Começa então a erguer-se altiva Torre,
Logo outras em redor! athe que entramos
Em formosa Bahia, circumdada
Toda em roda de amenos Arvoredos.
Sahimos já na praia. Ao nosso encontro
Vem leda turba de gentis Donzellas,
E a Urganda, que respeitam por Senhora,
Se inclinam reverentes! «Sabia Maga,
« Onde estamos?» (pergunto) — Esta (responde)
— He a Ilha perdida, assim chamada, (1)
— Porque a meo bel-prazer a escondo, ou mostro;
— Nella habito em riquissimo Castello,
— Onde em breve entrarás. — Sigo-lhe os passos
Vou no caminho os olhos descansando
Por prados de mil flores matisados,
Por amenas Florestas, por Outeiros,
De virente tapiz, e sobre hum delles
Ja de Urganda o Castello alfim se avista.
De Jaspe os muros sam, de Jaspe as Torres;
Cerca-o hum fosso de agoa cristalina,
De Peixes, e de Cisnes povoado.
A ponte, que he de bronze, ei-la passada!
Eis-nos no pateo amplissimo de Pedras,
Mosaicadas, calsado, mil-colores.
Correm em roda ricas Gallarias

---

(1) Chronica de Amadis de Gaula, e de Esplandiom.

O presente Poema, vender-se-ha em Lisboa nas Lojas de Jorge Rei, aos Martyres, e na de João Henriques, Rua Augusta, depois de entregue aos Senhores Assignantes; devendo a Lista dos mesmos Senhores publicar-se quando a obra fôr re-impressa, o que breve se espera, pela grande concorrencia, que tem havido á mesma assignatura.